

Derrick Mendes

**PERCURSOS E PRÁTICAS CONJUGAIS DOS IMIGRANTES
EM CONTEXTO INSULAR**

(Estudo sociológico das comunidades cabo-verdiana, brasileira e
ucraniana a residirem em São Miguel, Açores)

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ciências Sociais (Migrações e Sociedade)

Orientação da Professora Doutora Gilberta Pavão Nunes Rocha

Ponta Delgada

2010

Derrick Mendes

**PERCURSOS E PRÁTICAS CONJUGAIS DOS IMIGRANTES
EM CONTEXTO INSULAR**

(Estudo sociológico das comunidades cabo-verdiana, brasileira e
ucraniana a residirem em São Miguel, Açores)

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ciências Sociais (Migrações e Sociedade)

Orientação da Professora Doutora Gilberta Pavão Nunes Rocha

Ponta Delgada

2010

Agradecimentos

As minhas primeiras palavras são para a minha orientadora Professora Doutora Gilberta Pavão Nunes Rocha pelo seu olhar lúcido, rigoroso, exigente e crítico. Devo-lhe, mais do que tudo, a amizade, a estima e a dedicação que teve para comigo em momentos onde o tempo parecia escasso.

Ao Professor Doutor Octávio H. Ribeiro de Medeiros pela juvenilidade, incentivo, apoio e amizade demonstrados e consolidados ao longo destes anos de companheirismo e de troca de impressões sobre os mais variados assuntos.

Uma palavra de estima, de respeito e de enorme dívida e gratidão para com o Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores, em especial para com a sua Direcção – Professora Doutora Gilberta Pavão Nunes Rocha, Professor Doutor Fernando Diogo e Dr. Eduardo Ferreira – pela confiança e respeito que sempre depositaram em mim e pelo acolhimento institucional dado a esta investigação.

A todos aqueles cidadãos anónimos que, ao privarem-se do seu tempo, confiar-nos os seus testemunhos e as suas experiências, e a todos os que nos apoiaram e connosco colaboraram e que se revêem nas entrelinhas destas palavras onde a nossa gratidão e apreço ultrapassam em muito o que aqui deixamos registado.

Por fim, sem quaisquer reservas, a minha maior dívida é para com a minha companheira Telma pelo tempo que lhe privei de estarmos juntos. Nos momentos de reclusão e solidão – nem sempre bons conselheiros – que abracei nos últimos meses, o sorriso com que era presenteado valia por mil palavras.

Resumo

Ao longo das duas últimas décadas, o crescimento do número de estrangeiros residentes nos Açores – passou de 2 814 em 1991 para 3 534 em 2009 – e a diversificação étnica dos agentes envolvidos tiveram consequências directas no contexto da conjugalidade, mais especificamente nos valores da nupcialidade. Os valores referentes ao número de famílias clássicas estrangeiras nos Açores e aos casamentos entre estrangeiros e nacionais são, porventura, o resultado mais visível destes processos migratórios.

Para além de termos apresentado as principais linhas de força da exogamia no Arquipélago nas duas últimas décadas, o nosso principal intento foi o de compreender quais as dinâmicas e os potenciais factores que mais influenciam as opções individuais/colectivas dos imigrantes no processo selecção dos cônjuges em contexto migratório. Para o efeito, suportando-nos na *Teoria da Assimilação Segmentada* e em alguns dos contributos empíricos de vários estudos realizados nos Estados Unidos da América e Canadá sobre esta temática, procedemos à análise estatística dos dados dos casamentos nos Açores entre estrangeiros e nacionais desde 1998. Numa segunda fase da investigação, foram analisadas as principais características e padrões conjugais dos imigrantes envolvidos nesta investigação (cabo-verdianos, brasileiros e ucranianos).

Palavras-chave: Família; Imigração; Exogamia; Endogamia

Abstract

In about two decades the growth of the number of foreigners living in the Azores – from 2 814 in 1991 to 3 534 in 2009 – and the diversification of its ethnical origins had direct consequences in the conjugality context, more specifically in the marriage numbers. The numbers concerning the classic foreign families living in the Azores and the marriages between foreigners and nationals are, maybe, the most visible result of these migratory processes.

Besides presenting the main lines of forces of the exogamy in the Azores in the last two decades, our main goal was to comprehend which dynamics and potential factors have a greater influence in the individual/collective options of the immigrants in the selection process of their spouses in the migratory context. For that matter, based in the *Segmented Assimilation Theory* and in some empirical contributions of several studies done in the United States of America and Canada about this theme, we've developed the statistical analysis of the data concerning the marriages in the Azores between foreigners and national citizens since 1998. In the second part of our investigation we've analysed the main characteristics and spousal patterns of the immigrants involved in this investigation (Cape-Verdeans, Brazilians and Ukrainians).

Keywords: Family; Immigration; Exogamy; Endogamy

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice Geral	1
Índice de Quadros	3
Índice de Gráficos	4
Introdução	11
i) Objectivos.....	17
ii) Opções metodológicas e definição do universo amostral.....	19
iii) Fontes e categorias estatísticas: limitações e alcances	23
Capítulo I: Mobilidade e exogamia: os novos desafios da imigração	25
Introdução	25
1.1. Teoria da Assimilação e exogamia: alcances e limites	27
1.2. Teoria da Assimilação Segmentada e determinantes da exogamia.....	30
Capítulo II: Família e Imigração nos Açores: exogamia e endogamia.....	35
Introdução	35
2.1. Família e agregados familiares nos Açores.....	37
2.1.1. Volume e distribuição da população.....	42
2.1.2. Nupcialidade e Divorcialidade	45
2.2. Imigração: família e conjugalidade	47
2.2.1. Zonas de atracção e de repulsão	52
2.2.2. Família: exogamia e endogamia	57
Notas síntese	67

Capítulo III: Caracterização sociodemográfica	70
Introdução	70
3.1. Perfil demográfico e socioeconómico	71
3.1.1. Sexo e idade	71
3.1.2. Instrução, mercado de trabalho e estrutura socioprofissional	74
3.2. Situação familiar e modalidades de coabitação	83
3.3. Tempos de residência, percursos migratórios e motivações.....	95
Notas síntese	102
Capítulo IV: Permanências e mutações num espaço partilhado	104
Introdução	104
4.1. Factores explicativos da exogamia: uma análise comparada	105
4.1.1. Factores individuais.....	106
4.1.1.1. Idade e Tempo de residência	106
4.1.1.2. Nível de instrução.....	109
4.1.1.3. Relações interpessoais e Percepções étnicas	115
4.1.2. Factores contextuais	122
4.1.2.1. Mercado de trabalho.....	123
4.1.2.2. Rendimento	128
4.2. Valores associados à conjugalidade e atitudes (inter)étnicas	131
Notas síntese	142
Conclusão	145
Referências Bibliográficas	156
ANEXOS	170

Índice de Quadros

Quadro 1: Variáveis da Assimilação.....	29
Quadro 2: Modelos de gestão da diversidade cultural	32
Quadro 3: Análise de correspondências entre o estado civil à chegada e o estado civil actual dos imigrantes (%)	86
Quadro 4: Imigrantes por motivos de escolha dos Açores como destino de imigração (%)	101
Quadro 5: Imigrantes em exogamia por padrão educacional com os cônjuges (%)	112
Quadro 6: Imigrantes em endogamia por padrão educacional com os cônjuges (%)	113
Quadro 7: Aspectos valorizados pelos imigrantes em exogamia para a felicidade da conjugalidade (%).....	133
Quadro 8: Aspectos valorizados pelos imigrantes em endogamia para a felicidade da conjugalidade (%).....	134
Quadro 9: Matriz de concordância dos imigrantes em exogamia (%)	135
Quadro 10: Matriz de concordância dos imigrantes em exogamia (%)	136

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Dimensão da família (n.º de pessoas) nos Açores (1981-2001), (%).....	38
Gráfico 2: Dimensão da família nos Açores, por ilha, em 2001 (%)	38
Gráfico 3: Evolução das taxas de natalidade, mortalidade, nupcialidade e divorcialidade nos Açores (1991-2009), (‰)	39
Gráfico 4: Casamentos sem registo (uniões de facto) nos Açores, por ilha (%).....	40
Gráfico 5. População residente nos Açores (1991, 2001 e 2009), por ilha	43
Gráfico 6: Efeitos na estrutura etária dos Açores, por ilha (%).....	44
Gráfico 7: Taxa Bruta de Nupcialidade nos Açores (1991-2009), (‰)	45
Gráfico 8: Taxa Bruta de Divorcialidade nos Açores e em Portugal (2000-2008), (‰)	46
Gráfico 9: Proporção da população residente de nacionalidade estrangeira nos Açores, por concelho, em 1991 e 2001 (%).....	48
Gráfico 10: Estrangeiros com residência legalizada nos Açores (1991-2007), (%).....	49
Gráfico 11: Estrutura etária da população estrangeira residente nos Açores em 2001	50
Gráfico 12: Relações de Masculinidade da população estrangeira residente nos Açores em 2001, (%).....	51
Gráfico 13: Estrangeiros com residência legalizada nos Açores (1991-2007) .	53
Gráfico 14: População estrangeira residente nos Açores (2005-2009)	53
Gráfico 15: População estrangeira residente nos Açores, por ilha (%)	55

Gráfico 16: Relações de Masculinidade da população estrangeira residente nos Açores, por ilha, (%)	55
Gráfico 17: Total de famílias clássicas estrangeiras nos Açores, por região de origem do representante, (%).....	59
Gráfico 18: Peso da nacionalidade do representante nas famílias clássicas estrangeiras nos Açores (%)	60
Gráfico 19: Total de pessoal nas famílias clássicas estrangeiras nos Açores, por região de origem do representante, (%).....	61
Gráfico 20: Distribuição do total de casamentos celebrados entre estrangeiros e nacionais nos Açores (1998-2009), (%).....	64
Gráfico 21: Peso dos casamentos entre estrangeiros e nacionais em relação ao total da população estrangeira residente nos Açores, por ilha (%).....	65
Gráfico 22: Casamentos celebrados entre estrangeiros e nacionais, pelos principais concelhos, (2000-2008) (%)	66
Gráfico 23: Casamentos celebrados nos Açores (1998-2008), segundo o sexo do estrangeiro, (%)	67
Gráfico 24: Imigrantes por região de origem e sexo (%)	71
Gráfico 25: Imigrantes por grupos de idade e sexo (%)	72
Gráfico 26: Imigrantes por grupos de idade e nacionalidade (%).....	73
Gráfico 27: Imigrantes por nível de instrução e nacionalidade (%)	75
Gráfico 28: Imigrantes por profissão (CNP) e nacionalidade (%).....	76
Gráfico 29: Imigrantes activos segundo o nível de instrução e sector de actividade (%).....	77
Gráfico 30: Imigrantes por sectores de actividade, nacionalidade e sexo (%) .	79

Gráfico 31: Imigrantes por idade e sectores de actividade (%)	80
Gráfico 32. Imigrantes por tempo de residência (anos) e por sectores de actividade (%).....	80
Gráfico 33: Salário médio mensal auferido pelo imigrante por tempo de residência (%)	81
Gráfico 34: Imigrantes por salário médio mensal auferido (%).....	82
Gráfico 35: Imigrantes por nível de instrução e por salário médio mensal auferido (%).....	82
Gráfico 36: Imigrantes por estado civil actual (%)	84
Gráfico 37: Imigrantes por sexo, nacionalidade e estado civil actual (%).....	85
Gráfico 38: Imigrantes com filhos por nacionalidade e estado civil (%).....	88
Gráfico 39: Imigrantes por nacionalidade e modalidades de coabitação (%)...	89
Gráfico 40: Imigrantes em exogamia por nacionalidade dos cônjuges (%).....	92
Gráfico 41: Imigrantes em exogamia por tempo de residência nos Açores (%).....	93
Gráfico 42: Imigrantes em exogamia por nacionalidade e tempo de residência nos Açores (%)	94
Gráfico 43: Imigrantes por tempo de residência (anos), (% acumulada).....	96
Gráfico 44: imigrantes por nacionalidade e ano de entrada nos Açores (%)....	96
Gráfico 45: Imigrantes por nacionalidade, ano de entrada e sexo (%).....	97
Gráfico 46: Imigrantes por motivos de saída do país de origem (%).....	100
Gráfico 47: Imigrantes segundo idade à chegada aos Açores, por tipologia conjugal actual (%).....	107
Gráfico 48: Imigrantes segundo a idade e tipologia conjugal actuais (%)	107

Gráfico 49: Imigrantes segundo o tempo de residência, por tipologia conjugal (%)	108
Gráfico 50: Imigrantes segundo o nível de instrução, por tipologia conjugal (%).....	110
Gráfico 51: Cônjuges segundo o nível de instrução, por tipologia conjugal (%).....	111
Gráfico 52: Imigrantes por padrão educacional, segundo a tipologia conjugal (%)	114
Gráfico 53: Avaliação dos imigrantes em relação ao acolhimento dos açorianos, por tipologia conjugal (%)	116
Gráfico 54: Avaliação dos imigrantes em exogamia em relação ao acolhimento dos açorianos (%)	116
Gráfico 55: Avaliação dos imigrantes em endogamia em relação ao acolhimento dos açorianos (%)	117
Gráfico 56: Percepção geral da interacção dos açorianos com os imigrantes, por tipologia conjugal (%)	118
Gráfico 57: Percepção geral da interacção dos açorianos com os imigrantes, por nacionalidade (%).....	119
Gráfico 58: Níveis de conhecimento da língua portuguesa, segundo a tipologia conjugal (%)	121
Gráfico 59: Imigrantes por regime contratual, segundo a tipologia conjugal (%).....	124
Gráfico 60: Imigrantes em exogamia, por sector de actividade (%)	125
Gráfico 61: Imigrantes em endogamia, por sector de actividade (%).....	125

Gráfico 62: Imigrantes em endogamia segundo o nível de instrução, por sectores de actividade (%)	126
Gráfico 63: Imigrantes em exogamia segundo o nível de instrução, por sectores de actividade (%)	127
Gráfico 64: Salário médio mensal dos imigrantes em exogamia (% acumulada).....	129
Gráfico 65: Salário médio mensal dos imigrantes em endogamia (% acumulada).....	129
Gráfico 66: Salário médio mensal dos imigrantes em exogamia, segundo o nível de instrução (%).....	130
Gráfico 67: Salário médio mensal dos imigrantes em endogamia, segundo o nível de instrução (%).....	130
Gráfico 68: Atitudes dos imigrantes em exogamia quanto à possibilidade de os filhos viverem em conjugalidade com um elemento da mesma nacionalidade (%).....	138
Gráfico 69: Atitudes dos imigrantes em endogamia quanto à possibilidade de os filhos viverem em conjugalidade com um elemento da mesma nacionalidade (%).....	138
Gráfico 70: Atitudes dos imigrantes em exogamia quanto à possibilidade de os filhos viverem em conjugalidade com um elemento da outra nacionalidade (%).....	139
Gráfico 71: Atitudes dos imigrantes em endogamia quanto à possibilidade de os filhos viverem em conjugalidade com um elemento da outra nacionalidade (%).....	140

Gráfico 72: Atitudes dos imigrantes quanto à possibilidade de os filhos viverem em conjugalidade com um português (%)..... 141

Introdução

A diversidade das formas conjugais constitui uma das grandes transformações operadas na família contemporânea. Ao mesmo tempo que encontramos uma pluralidade de modos de viver a dois, assistimos, igualmente, a uma diversificação de percursos conjugais e familiares que tendem a ser menos padronizados e mais influenciados por diferentes valores culturais e sociais que tornam essas práticas socialmente aceites. Com efeito, os modos de formação do casal constituem, na opinião de Wall (2005:85), “uma das áreas da vida privada cuja permeabilidade às mutações sociais se tem revelado inegável”.

Ora, quando nos propomos reflectir sobre o contributo dos imigrantes nas actuais estruturas e dinâmicas familiares insulares importa conhecer quais as grandes linhas de força que enquadram, sobretudo a partir de meados da década de 90, o fenómeno da imigração nos Açores. Assim, apesar de os movimentos imigratórios em Portugal e nos Açores continuarem a ter a sua origem nos países lusófonos, a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (1986) e o desmantelamento da URSS fez com que novos fluxos imigratórios, sobretudo do Leste da Europa, surgissem. No plano nacional, como refere Baganha, *et al.* (2004), são vários os factores que permitem explicar a entrada massiva de imigrantes do Leste Europeu. Entre eles, as autoras destacam as diferenças salariais entre os países de origem e Portugal, os sucessivos processos de regularização extraordinários ocorridos em 1992, 1996 e 2001-2002 e, por fim, a escassez de mão-de-obra nos sectores da construção civil e obras públicas.

Em termos globais, a entrada crescente de imigrantes nas últimas duas décadas no arquipélago resultou, como sublinha Rocha *et al.*, (2009; 2004), ainda que desfasadamente da tendência nacional, de um quadro económico regional favorável marcado pelo crescimento da construção civil e pela transferência de fundos estruturais da União Europeia. Ao mesmo tempo, as necessidades verificadas no sector da construção civil nas ilhas Terceira e São Miguel e, mais tarde, nas do Faial e Pico associadas à crise sísmica de 1998, fizeram com que a chegada de efectivos aumentasse significativamente contribuindo, conseqüentemente, para a heterogeneidade e diversidade da população imigrante residente.

Volvidos mais de 25 anos após a entrada de Portugal na União Europeia e concluídos os trabalhos de reconstrução das ilhas do Faial e Pico, a entrada de imigrantes nos Açores continua a ocorrer, ainda que com intensidades distintas. De acordo com os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), residiam no Arquipélago, em 2009, cerca de 3500 cidadãos originários de países dos cinco continentes (em 2007 eram cerca de 4800 efectivos), com particular destaque para os provenientes dos PALP e do Brasil. Se recuarmos ao ano de 1999, registamos um total de 2560 estrangeiros residentes nos Açores, incluindo 1472 norte-americanos¹. Face a estes valores,

¹ Ainda que conscientes que as motivações subjacentes à entrada de estrangeiros oriundos da América no Norte (norte-americanos e canadianos) são distintas dos restantes fluxos (Rocha, *et al.*, 2009; 2004), a análise dos valores de exogamia no Arquipélago só poderia ser efectuada, em nosso entender, se os tivéssemos em linha de conta. Isto porque, dadas as limitações das fontes estatísticas relativas ao casamento, onde não nos é possível distinguir as nacionalidades dos estrangeiros que estão em exogamia, a exclusão destes efectivos inviabilizaria qualquer análise que se pudesse fazer em relação à conjugalidade entre estrangeiros e nacionais. Assim, considerando que o nosso estudo incide sobre a exogamia e a endogamia e não sobre a natureza laboral e profissional dos estrangeiros residentes nos

e apesar do decréscimo registado no ano de 2009, em relação a 2007, – justificável, em parte, pela conclusão de algumas das grandes obras de construção civil nas ilhas – observamos que, numa análise diacrónica, a tendência geral manifestada foi a de um crescimento efectivo da população estrangeira residente.

Considerando os aspectos anteriormente apontados, o imigrante surge-nos então como um agente económico que joga as suas expectativas no mercado global das migrações. (Peixoto, 2008; 2004, Rocha-Trindade, 1995) O desejo de melhores condições socioeconómicas, um dos fundamentos das migrações internacionais, passa a ser uma das dimensões mais visíveis da globalização. Neste sentido, consideramos a assimilação económica como um aspecto essencial da investigação, na qual se procurou apresentar as diferenças entre nacionais e estrangeiros no que respeita às *performances* produtivas. Contudo, como refere a mesma autora, pouco estudos têm identificado as diversas variáveis que têm influência directa na assimilação económica dos imigrantes.

Em nosso entender, em concordância com o pensamento de Qian & Lichter (2001), entre outros, a assimilação económica está em grande medida influenciada pela exogamia. Isto é, se considerarmos que a assimilação continua a ser o principal referencial teórico explicativo da exogamia (Scott, 2009), a assimilação conjugal continua a ser a etapa vital do processo de integração, mesmo reconhecendo que tal não se processe de modo linear. Ainda que não sendo exclusiva, a relação entre assimilação económica e assimilação conjugal opera num modelo de adaptação e de diferenciação

Açores, julgamos que esta opção metodológica revela-se a mais adequada os propósitos que nos propomos alcançar.

estrutural onde um conjunto de variáveis composicionais, entre elas a económica, determina o processo de integração dos imigrantes na sociedade receptora. (Rocha-Trindade, 1995:102) Assim, tendo por base este pressuposto, consideramos que as relações exogâmicas desenvolvidas na sociedade de acolhimento poderão potenciar a aprendizagem dos costumes culturais, da língua e do conhecimento do mercado de trabalho local, em virtude dos contactos e das relações estabelecidas com a comunidade de acolhimento, o que faz com que a integração económica dos imigrantes ocorra com sucesso. (Dribe & Lundh, 2010; 2008; Gevrek, 2009; Meng & Gregory, 2005; Kantarevic, 2004)

Como procuramos evidenciar, a dimensão económica constitui um dos elementos explicativos das relações exogâmicas em contexto migratório. Neste sentido, a exogamia resulta da diminuição das distâncias sociais que separam os estrangeiros dos nacionais e do aumento das dinâmicas entre os referenciais socioculturais de ambos os grupos. Então, estamos na presença da família enquanto sistema fluído e em constante negociação com o meio envolvente. A inserção em espaços sociais mais estáticos e socialmente mais homogéneos, com reduzidos níveis de entrosamento dos imigrantes nas redes sociais étnicas e interétnicas locais, pode limitar o surgimento de relações exogâmicas. (Lucassen & Laarman, 2009; Dribe & Lundh, 2010; 2008; Muttarak, 2004; Portes, 1999; Kalmijn, 1998)

A concorrer para esta situação poderá estar o facto de as estratégias endogâmicas étnicas desenhadas pelos imigrantes resultarem de projectos migratórios temporários onde o desejo de retorno ao país de origem está presente. Neste aspecto, importa sublinhar que não podemos dissociar o facto

de uma avaliação positiva da comunidade de acolhimento poder contribuir para um sentimento de integração e, conseqüentemente, para uma alteração dos objectivos inicialmente traçados de regresso por parte dos imigrantes. Isto mesmo observa Rocha *et al.* (2009:178) quando afirma que “se verificou uma alteração completa da intenção que apresentavam na origem, para outros, a indefinição acabou por dar lugar à decisão (neste caso, a de ficar a residir na região de acolhimento).”.

Neste sentido, apesar de assistirmos ao regresso de alguns imigrantes aos núcleos familiares de origem, o surgimento de famílias que têm pelo menos um elemento estrangeiro é uma realidade crescente nos Açores na última década. Se consideramos a nacionalidade do representante da família nos momentos censitários de 1991 e de 2001, excluindo aqueles que se apresentavam em situação de monoparentalidade, registamos um aumento de 98 pontos percentuais – em 2001 tínhamos 1845 famílias face às 930 registadas em 1991. Por outro lado, a análise dos casamentos realizados nos Açores entre 1998 e 2008, por nacionalidade dos cônjuges, permite-nos confirmar a ideia de um crescimento da exogamia – 680 casamentos – na dicotomia estrangeiro vs nacional. As modificações legislativas que ocorreram em Portugal no que se refere à Reunificação Familiar (Decreto-Lei n.º4/2001, 10 de Janeiro; Decreto-Lei n.º 34/2003, 25 de Fevereiro; Lei n.º 23/2007, 4 de Julho) poderão ter potenciado o aumento destes valores.

Um outro importante factor que poderá estar na base do fenómeno da exogamia e da endogamia étnica no arquipélago está relacionado com uma maior capacidade de atracção das zonas urbanas em relação às rurais, no sentido em que aquelas tendem a captar grande parte dos imigrantes. (Rocha,

et al., 2009; 2004; Fonseca, 2008) Os contactos estabelecidos com os espaços sociais urbanos da sociedade de acolhimento, onde a sua capacidade de diluição é maior, poderão conduzir ao surgimento de novas estratégias residenciais, estruturas familiares e conjugais distintas das de origem. (Palriwala & Uberoi, 2009; Dribe & Lundh, 2008; Waldis & Byron, 2006) A existência de um mercado matrimonial a nível local onde as características culturais (nível de instrução, valores e normas), sociais (redes de sociabilidade) ou demográficas (idade, sexo, estado civil) são próximas ou comuns às dos imigrantes poderá limitar a exogamia. A presença de elevados índices de exogamia étnica revela-se, então, como um importante indicador de integração, de assimilação social e económica, de alteração dos padrões familiares de origem dos imigrantes e, ao mesmo tempo, dos da sociedade açoriana.

Resta-nos saber qual o impacto destas sucessivas transformações sobre as dinâmicas que orientam de perto a vida conjugal e familiar dos diferentes grupos étnicos em observação – brasileiros, cabo-verdianos e ucranianos. Por outras palavras, procuramos aferir em que medida a entrada de novos agentes migratórios, com perfis e características distintas, poderão ter contribuído para uma nova vivência quotidiana da conjugalidade dos imigrantes e dos açorianos. Queremos ainda saber, se estamos a caminhar para um relativo processo de assimilação conjugal onde os valores, representações e práticas conjugais da sociedade de acolhimento foram absorvidos pela população estrangeira no sentido em que aderem mais facilmente a situações de exogamia do que de endogamia. Isto é, se consideramos o facto de os espaços e os referenciais de origem dos imigrantes poderem ser prolongados na comunidade de acolhimento, a exogamia étnica

surge como uma ruptura e, ao mesmo tempo, como uma estratégia de integração. (Dribe & Lundh, 2010; 2008; Berry, 2007; Yu, *et al.*, 1993; Portes & Borocz, 1989)

i) Objectivos

O aumento dos fluxos imigratórios e os novos processos interculturais que se começaram desenhar nos Açores, sobretudo nas duas últimas décadas, representam um marco essencial da contemporaneidade. Não obstante os estudos já realizados a nível regional sobre esta temática (Rocha, *et al.*, 2009; 2004), a investigação dos aspectos mais ligados à família e às dinâmicas familiares está ainda por realizar, pelo menos de forma sistemática. O mesmo acontece no plano nacional, como refere Machado & Azevedo (2009: 15): “com surpresa que [no período 2000-2008] verificamos que entre os temas menos estudados estão a “família e dinâmicas familiares” (apenas 9 trabalhos em 836)”. Procurando contribuir de algum modo para o desenvolvimento de uma nova vertente da investigação sociológica na área das migrações nos Açores, propomo-nos estudar as dinâmicas conjugais interculturais na ilha de São Miguel – ainda que não esquecendo o contexto regional – considerando, para o efeito, os factores, processos e dinâmicas de escolha e formação da nupcialidade entre estrangeiros e nacionais.

À semelhança do que acontece em outras regiões marcadas pelo fenómeno da imigração (Machado & Azevedo, 2009; Machado, 2002; 1997; 1992), os Açores têm vindo a assistir a uma propensão dos imigrantes para se sedentarizarem, ainda que com diferentes intensidades de acordo com a

nacionalidade considerada. (Rocha *et al.*, 2009) Este fenómeno deve-se, em nosso entender, a duas grandes ordens de razões: em primeiro lugar, os projectos migratórios tendem a ser redesenhados em resultado de um conjunto de factores externos como sejam a acumulação de capital cultural, simbólico ou económico ou o facto de as conjunturas económicas e políticas das regiões de origem não favorecerem o regresso e, em segundo lugar, o desenvolvimento de laços de afinidade na comunidade de acolhimento seja por via da nupcialidade ou por via da presença de descendentes nascidos nas ilhas.

Face ao exposto, a exogamia étnica constitui um parâmetro essencial quando pretendemos aferir as distâncias e proximidades sociais entre imigrantes e nacionais e entre grupos étnicos distintos, independente da nacionalidade dos seus membros. Como resultado, iremos estudar os padrões da nupcialidade dos imigrantes à luz de uma óptica multidimensional (Muttarak, 2004; Qian e Lichter, 2001) onde, para além da perspectiva da teoria da assimilação segmentada, as características contextuais (origens cultural e étnica) e estruturais (dimensão, composição e heterogeneidade dos grupos de étnicos) serão tidas em conta.

Mais do que gizar um retrato extensivo e aprofundado que seja representativo das dinâmicas conjugais nos Açores, numa abordagem holística procuramos identificar de forma sistemática os principais traços e diversidades da vida familiar micaelense, observando se a presença de efectivos estrangeiros afecta e determina as formas familiares que actualmente conhecemos. Assim, partindo das dinâmicas familiares geradas em contexto migratório, ao mesmo tempo que pretendemos saber quem vive em conjugalidade e com quem, procuramos medir o grau de integração dos

estrangeiros na sociedade micaelense e açoriana. Apesar de incidirmos a nossa análise no meio familiar, não excluimos desta investigação as outras formas de integração, como seja a económica, que lhe estão directamente associadas.

ii) Opções metodológicas e definição do universo amostral

Uma das primeiras preocupações metodológicas passa por garantir que estão reunidos todos os elementos para que os objectivos que nos propomos atingir sejam concretizados. Assim, por um lado, é essencial a existência de um *corpus* teórico que nos possibilite ponderar um conjunto de noções e conceitos essenciais à sustentabilidade do trabalho de campo. Por outro lado, a existência de dados suficientes que nos permitam conhecer com o rigor necessário o nosso objecto de estudo e a adopção de um procedimento metodológico e de técnicas de análise adequadas aos nossos propósitos são, igualmente, aspectos a ter em linha de conta numa investigação desta natureza, onde procuramos identificar propriedades e características importantes do fenómeno em apreço. (Sampieri, *et al.*, 2006; Foddy, 1996) Isto mesmo defende Tomás (2003:183) quando refere que “a viabilização de uma investigação, qualquer que ela seja, assenta tanto na definição conceptual e metodológica como na inventariação e selecção da informação necessária para responder às finalidades do estudo”.

No que se refere à tentativa de captação de qualquer fenómeno social, a escolha da metodologia, conscientes de que as abordagens quantitativa e qualitativa não edificam espaços e universos de análise isolados, procuramos

dar primazia nesta investigação à primeira reconhecendo que o que ela nos dá em objectividade quantificada pela possibilidade de generalização dos resultados de forma mais ampla perde-o em profundidade compreensiva. (Sampieri, *et al.*, 2003; Foddy, 1996)

No instrumento de recolha adoptado – inquérito por questionário –, além das questões relativas ao estado civil em três momentos temporais distintos – quando saiu do país de origem, quando chegou aos Açores e actualmente, foram contempladas outras sobre a situação socioprofissional, as perspectivas e motivações em relação ao projecto migratório, à conjugalidade e à sociedade açoriana dos imigrantes brasileiros, cabo-verdianos e ucranianos. Tal opção possibilitou, em nosso entender, que fosse possível, para além da comparabilidade entre diferentes grupos étnicos, revelar atributos e traços colectivos. Por outro lado, de modo a podermos comparar as atitudes dos inquiridos em relação a determinados aspectos da vida familiar, conjugal e intergrupar, foram incluídas no nosso instrumento de recolha 9 das 183 frases-estímulo propostas no estudo de Bastos & Bastos (2006) a propósito da importância da religião na integração e nas relações conjugais endogâmicas e exogâmicas dos imigrantes a residirem em Portugal.

Em termos de amostragem, definimos um sistema de quotas, por nacionalidade, a partir da população estrangeira residente na ilha de São Miguel. Assim, de acordo com as estatísticas oficiais do SEF disponíveis para o ano de 2009 encontramos um total de 3534 indivíduos, dos quais 2022 eram homens e 1512 mulheres. A escolha da ilha de São Miguel justifica-se, entre outros aspectos, pelo facto de acolher cerca de 47% do total de estrangeiros residentes nos Açores (menos 2,5% do que em 2008). Ao mesmo tempo, em

virtude das características dos fluxos migratórios contemporâneos, é a ilha que, pela sua capacidade económica, mais tem dinamizado os fluxos de entrada no sentido em que os atrai e depois os distribui pelas outras ilhas do Arquipélago. Um outro aspecto que faz de São Miguel um espaço privilegiado de investigação é o facto de os valores de exogamia (nacionais vs estrangeiros) nela registados serem, em termos absolutos, os mais elevados da última década na região.

Assim, procurou-se inquirir os indivíduos que, de algum modo, representam as regiões de origem que mais têm contribuído para o fenómeno imigratório em São Miguel. Com efeito, consideramos a América Central e Sul, África e o Resto da Europa e os países representantes – Brasil, Cabo-Verde e a Ucrânia, respectivamente. Ao mesmo tempo, procuramos que as questões relacionadas com a representatividade em relação à população total de cada uma delas fossem asseguradas. Recorrendo metodologicamente à técnica estatística de definição de amostragens aleatórias para populações finitas e uma dispersão máxima ($p.q=0,25$) (Vicente & Reis, 1998; Reis & Moreira, 1993:155), a dimensão ideal da amostra resultante foi calculada com base num nível de confiança a 95 %, com um erro máximo extrapolável associado aos resultados não superior a 5%, resultando num total de 248 indivíduos ($N=696$) a inquirir (Brasil: 128; Cabo Verde: 64; Ucrânia: 55).

A questão do casamento e da união de facto – algo que escapa parcialmente às estatísticas oficiais, como veremos – entre nacionais e estrangeiros tem sido alvo de uma atenção particular das Ciências Sociais em geral, como sublinha Muttarak (2004), e dos Estados-Nação de acolhimento mais recentes. Enquanto para as Ciências Sociais a principal preocupação

passa por compreender quais os factores e mecanismos que estão directamente ligados ao fenómeno da exogamia nas sociedades de acolhimento, no caso dos governos dos países receptores dos fluxos migratórios a preocupação essencial é a de conter a entrada de população imigrante ilegal salvaguardando, deste modo, possíveis efeitos nocivos na sua estrutura social e económica. Por outro lado, como refere (Raposo & Togni, 2009), a questão foi recentemente enfatizada pelos Estados Unidos da América a partir do momento em que os imigrantes passaram a ser vistos como agentes criminosos que recorrem a estratégias de legalização e de obtenção da nacionalidade por via do casamento.

No caso específico português, de acordo com Raposo & Togni (2009), é, sobretudo, a partir do ano 2000 que os casamentos exogâmicos, enquanto fenómeno social, adquirem importância estatística e mediática, resultado das estratégias anteriormente apontadas. No caso dos Açores, a realidade, embora não diferindo da tendência nacional, revela outros contornos em função do volume de estrangeiros residentes em cada uma das ilhas e, conseqüentemente, do peso em relação ao total da população em cada um desses espaços. Ainda que possamos aceitar que alguns dos casamentos realizados na Região tenham ocorrido na sequência de estratégias de legalização e de obtenção da nacionalidade portuguesa consideramos, contudo, que os casamentos exogâmicos são antes o resultado da combinação de um conjunto de aspectos multidimensionais – avaliação das condições do mercado de trabalho, existência de comunidades co-étnicas, preferências individuais, entre outros – que concorrem para o sucesso do processo de integração e de assimilação

iii) Fontes e categorias estatísticas: limitações e alcances

A observação a nível sociodemográfico do fenómeno da endogamia e da exogamia étnica nos Açores constitui um verdadeiro desafio sociológico e metodológico, seja pela inexistência de estudos a nível regional seja pelas dificuldades de quantificação dos imigrantes residentes, como foi amplamente demonstrado por Rocha *et al.* (2004). A este nível, as estatísticas oficiais divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) – *Recenseamentos Gerais da População e Estatísticas Demográficas* – e pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) – *Relatórios Estatísticos* –, revelando prismas de recolha distintos (Rocha *et al.*, 2004), apresentam-se deficitárias no que respeita à desagregação dos dados sobre a nupcialidade (casamentos e uniões de facto) entre estrangeiros e nacionais.

Quando analisamos os dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), nas *Estatísticas Demográficas* uma das primeiras limitações que encontramos é o de serem contabilizados unicamente os casamentos entre estrangeiros e nacionais ignorando, conseqüentemente, as uniões de facto. Um outro constrangimento estatístico que poderá ser apontado é o facto de apesar da informação sobre os casamentos entre estrangeiros e nacionais se apresentar desagregada por local de registo (concelho), omite, entre outras variáveis, o ano de entrada, o local de residência, nacionalidade efectiva do estrangeiro, a idade e o estado civil anterior ao casamento. No caso dos dados censitários (INE, 1991; 2001), ao contrário do que acontece para o território nacional e para a população residente nacional, não nos é possível

quantificar para os Açores – o mesmo acontece para a Madeira – um conjunto de variáveis sociodemográficas para a população estrangeira como sejam a nacionalidade efectiva de cada um dos elementos que compõem as famílias clássicas com o representante de nacionalidade estrangeira, nível de instrução, actividade socioprofissional, principal meio de vida, condição perante a actividade económica, entre outras. Contudo, disponibilizam os valores referentes à população estrangeira residente por nacionalidade, sexo e zona de residência.

Quanto aos dados disponibilizados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – SEFSTAT – referentes ao volume de estrangeiros residentes nos diferentes espaços insulares, apesar da informação se encontrar desagregada por concelho de residência, por sexo e nacionalidade, desconhecem-se, por exemplo, os motivos de entrada, o nível de instrução, profissão exercida antes da entrada, a idade e o estado civil.

Contudo, apesar dos constrangimentos resultantes das fontes consultadas, estamos em crer que a informação seleccionada permite-nos apontar algumas das características demográficas e migratórias das diferentes comunidades, e identificar algumas das características do mercado matrimonial regional nos últimos anos e, conseqüentemente, uma aproximação ao fenómeno da endogamia e da exogamia étnica nos Açores e na ilha de São Miguel, complementada pelos dados obtidos através do nosso instrumento de recolha (cf. anexo I).

Capítulo I: Mobilidade e exogamia: os novos desafios da imigração

Introdução

Alguns autores (Gonsoulin & Fu, 2010; Gevrek, 2009; Chiswick & Houseworth, 2008; Kalmijn & Turbergen, 2007; Muttarak, 2004; Kantarevic, 2004; Qian & Lichter, 2001; Kalmijn, 1998) têm considerado a existência de casamentos entre estrangeiros e nacionais como sendo um importante indicador de integração e assimilação social e económica. Regra geral, os casamentos que surgem entre grupos sociais distintos são o resultado de relações interpessoais e intergrupais intensas que se estabelecem entre eles e, ao mesmo tempo, o sinal de uma forte aceitação social entre os diferentes grupos. (Kalmijn, 1998). Por outro lado, na opinião de Meng & Gregory (2005), os indivíduos estrangeiros que casam fora do seu grupo de origem têm maiores probabilidades de ascensão social e económica na sociedade de acolhimento. Assim, a exogamia é considerada como não sendo um reflexo único dos limites culturais e socioeconómicos que separam os diferentes grupos numa determinada sociedade, mas como um factor potenciador de mudança cultural e socioeconómica. Do ponto de vista social, como realça Kalmijn (1998), a exogamia resulta da intensidade das interações entre os indivíduos de grupos étnicos distintos.

Um aspecto relevante para percebermos por que razão determinados indivíduos desenvolvem relações exogâmicas e outros não é, como, refere Chi (2010) a propósito da realidade norte-americana, o de procurar identificar os possíveis benefícios associados à exogamia. Com efeito, a aprendizagem da língua do país de acolhimento e consequente facilitação do processo de

assimilação cultural, a possibilidade de acesso às redes sociais que, por exemplo, poderão conduzir os imigrantes a melhores oportunidades no mercado de trabalho local e a possibilidade de regularização das situações de residência com implicações directas no acesso a determinados empregos e regalias socioeconómicas são, entre outros, alguns dos benefícios que os imigrantes podem usufruir.

Assim, considerando que alguns dos elementos anteriormente apresentados foram desenvolvidos no quadro de contextos migratórios e socioeconómicos específicos, sobretudo nos Estados Unidos e Canadá, importa analisa-los tendo em conta a especificidade dos fluxos imigratórios em Portugal e nos Açores. (Rocha, *et al.*, 2009; 2004) Com efeito, atendendo à população estrangeira residente na última década no território nacional, concluímos que esta tem vindo a aumentar consideravelmente e, ao mesmo tempo, a diversificar-se. Em termos do país, de um quantitativo de 205 587 estrangeiros em 2000 passamos para cerca de 454 000, em 2009. No que respeita à realidade açoriana, com valores mais modestos, a tendência de crescimento anteriormente revelada não encontra correspondência, a partir de 2007.

O aumento do fenómeno da imigração tem, como sublinha Ramos & Ferreira (2008), consequências directas na nupcialidade nos respectivos territórios. Se atendermos aos valores globais para o todo nacional dos casamentos celebrados entre estrangeiros e nacionais, concluímos estes têm vindo a aumentar significativamente – 1 698 no ano de 2000 e 4 634 em 2009 – apesar do decréscimo registado no último ano face a 2008 (5 603). Para os valores registados nos Açores, seguindo a tendência geral anteriormente

apontada e apesar da menor expressividade quantitativa, registamos um aumento significativo – em 2009 foram celebrados 79 casamentos face aos 41 em 2000. Se consideramos o peso dos casamentos exogâmicos no total de efectivos estrangeiros residentes, concluímos que o fenómeno é mais intenso nos Açores do que no território nacional. De acordo com os dados recolhidos, verificamos que o peso total de casamentos realizados entre estrangeiros e nacionais nos Açores em 2009 era de 2,24% (no continente foi de 1%). No início da década, os valores são mais moderados mas ainda superiores aos verificados para o continente português – 1,59% e 0,79%, respectivamente.

Retomando os propósitos deste capítulo, mais do que apresentar as principais linhas de força do fenómeno da imigração e da exogamia nos Açores ao longo das últimas décadas – algo que será efectuado no Capítulo II –, importa atendermos aos principais contextos teóricos que enformam o fenómeno da exogamia. Ora, considerando que estamos na presença de um processo social que comporta aspectos distintos e inconfundíveis (Muttarak, 2004), onde os factores contextuais e estruturais (Qian & Lichter, 2001; Kalmijn, 1998) determinam a probabilidade do surgimento de relações exogâmicas e o sucesso ou insucesso do processo de assimilação, o estudo da exogamia requer, inevitavelmente, o recurso a uma perspectiva multidimensional.

1.1. Teoria da Assimilação e exogamia: alcances e limites

A *Teoria da Assimilação*, formulada por Gordon em 1964, postula que a crescente integração económica dos imigrantes, onde a adopção a valores,

normas e práticas era, uma condição *sine qua non*, que conduziria, num percurso linear, a uma ascensão social e conseqüente aceitação. (Portes, 1999) Tal processo ficaria completo após três gerações, altura em que todos os grupos étnicos minoritários já teriam sido aculturados e perdido todos os seus traços culturais intrínsecos e extrínsecos, não sendo possível distingui-los dos restantes elementos da sociedade de receptora. A presença de elevados níveis de exogamia, só possível pela assimilação estrutural, representava um excelente indicador de aferição da aceitação dos imigrantes e dos diferentes grupos étnicos ou o elemento vital da integração social dos imigrantes.

Contudo, resultado da persistência de determinadas características étnicas ao longo das várias gerações na sociedade americana, da existência de situações de discriminação e de exclusão da população negra norte-americana, e dos mais recentes fluxos migratórios que confluíram aos Estados Unidos e ao Canadá, o quadro teórico tem-se revelado limitado. Uma das críticas que é apontada a este modelo conceptual é o facto de se centrar exclusivamente nos imigrantes e nas mudanças que ocorrem nestes grupos, não atendendo às verificadas na sociedade de acolhimento, além de não explicar por razão determinados grupos étnicos que, mantendo os seus referenciais culturais de origem, conseguiram ter sucesso económico nas sociedades receptoras. (Gonsoulin & Fu, 2010; Lucassen & Laarman, 2009; Scott, 2009; Dribe & Lundh, 2008)

A exogamia, considerada como a derradeira etapa do processo de assimilação, parece já não conduzir necessariamente a uma situação de amalgamento e de 'invisibilidade étnica' ainda que, de acordo com os argumentos apresentados por Gonsoulin & Fu (2010), os mais recentes fluxos

migratórios irão percorrer, muito provavelmente, as três etapas clássicas apresentadas – assimilação cultural, assimilação estrutural e assimilação conjugal – mas com intensidades e regularidades distintas.

Quadro 1: Variáveis da Assimilação

Sub-processo ou condição	Tipo ou fase da Assimilação	Conceito
Alterações dos padrões culturais de acordo com os da sociedade de acolhimento	Assimilação cultural	Aculturação
Entrada massiva do grupo primário nos grupos e instituições da sociedade de acolhimento	Assimilação estrutural	Não existe
Elevados níveis de casamentos exogâmicos	Assimilação conjugal	Amalgamento

Fonte: (Gordon, 1964:71, citado por Fitt-Ajewole, 2008:5) – adaptação e tradução do autor

Mais do que um caminho linear e único a ser percorrido, os imigrantes irão experienciar uma assimilação segmentada onde alguns irão ser absorvidos pela classe média da sociedade receptora, outros ficarão permanentemente excluídos e marginalizados, e outros permanecerão em enclaves étnicos onde persistirão diversas forças de resistência à cultura dominante. (Scott, 2009, Portes, *et al.*, 2008) Assim, apesar dos diversos debates gerados em torno do conceito de *Assimilação*, nas suas diversas dimensões – cultural, estrutural, conjugal –, entendemos que continua a persistir a sua utilidade para explicar os diferentes modos de incorporação (Portes, 1999) dos imigrantes nas sociedades receptoras, como argumenta Scott (2009).

1.2. Teoria da Assimilação Segmentada e determinantes da exogamia

A possibilidade da assimilação conjugal – exogamia – ser o resultado linear da integração plena foi colocada em causa quando se constatou que nos Estados Unidos determinados descendentes de imigrantes haviam experienciado uma assimilação descendente. (Portes, *et al.*, 2008) Por outro lado, a ideia de uma trajectória de assimilação unidireccional já não respondia aos desafios que os novos fluxos migratórios estavam a colocar à sociedade americana. A presença de percursos e trajectórias distintas, resultado de dificuldades socioeconómicas encontradas pelos imigrantes e pelos seus descendentes, fez com se chegasse à conclusão que o processo, até agora descrito como uniforme, se tinha segmentado. (Gonsoulin & Fu, 2010, Lucassen & Laarman, 2009, Portes, *et al.*, 2008; Furtado, 2006, entre outros)

Surgindo como uma alternativa ao pensamento assimilacionista clássico, a *Assimilação Segmentada* possibilita que possamos explicar a estrutura familiar, o estatuto socioeconómico e o capital humano dos imigrantes e dos seus descendentes. Nesta perspectiva, a dinâmica do processo de assimilação seria explicada em dois sentidos: o primeiro quando os imigrantes se aproximam dos padrões socioculturais e conjugais da sociedade receptora, o segundo em sentido contrário, quando a marginalização e a discriminação são elementos comuns. Estas trajectórias divergentes, intimamente ligadas às características socioeconómicas e culturais de origem dos imigrantes aquando da chegada, são o resultado de modos de incorporação distintos entre os diferentes grupos étnicos. Nesta lógica, os padrões de endogamia e de

exogamia dos novos imigrantes são influenciados pelo sucesso ou insucesso dos seus semelhantes étnicos já residentes na região de acolhimento. (Wildsmith, *et al.*, 2003)

Articulando formas distintas de integração cultural e socioeconómica dos imigrantes e dos seus descendentes, e conceptualizando a sociedade de acolhimento como constituída por segmentos desiguais e segregados, a *Teoria da Assimilação Segmentada* permite apresentar um conjunto de factores explicativos dos distintos modos de incorporação dos indivíduos nas sociedades de acolhimento. (Gonsoulin & Fu, 2010; Lucassen & Laarman, 2009; Portes, *et al.*, 2008; Dribe & Lundh, 2008; Chiswick & Houseworth, 2008; Kantarevic, 2004) Os factores individuais, recuperados da perspectiva clássica da assimilação, comportam elementos de exposição dos imigrantes à sociedade de acolhimento com sejam o domínio da língua, idade, tempo de residência, o capital humano detido à chegada, a intensidade e extensão das relações interpessoais, normas e valores socioculturais. Para Dribe & Lundh (2008), as diferenças entre as capacidades educativas e formativas que cada imigrante possuiu e as que encontra na população da região receptora afectam negativamente as probabilidades de encetarem relações exogâmicas. Quanto aos factores contextuais, os modos de incorporação nos diversos espaços socioeconómicos encontrados à chegada (Kantarevic, 2004) são considerados fundamentais pela influência que têm nas trajectórias seguidas pelos imigrantes e seus descendentes. De acordo com a *Teoria do Mercado de Trabalho Segmentado*, os mercados de trabalho das sociedades receptoras caracterizam-se por funcionarem numa lógica dual onde os modos de incorporação dos trabalhadores ocorrem tanto no mercado secundário como no

primário. Assim, o processo de assimilação económica ocorrerá de forma faseada considerando para tal o facto de as condições económicas deficitárias encontradas à chegada pelos imigrantes constituírem apenas uma fase transitória rumo à integração plena. (Peixoto, 2008)

Quadro 2: Modelos de gestão da diversidade cultural

	Manutenção da identidade cultural de origem		
	Sim	Não	
Adopção da identidade cultural dominante	Sim	Integração	Assimilação
	Não	Segregação	Exclusão

Fonte: Bourhis *et al.* (1997:377) – Adaptação do autor

Para além destes aspectos, a existência de redes de apoio, fundadas em laços familiares, de amizade ou com base na identidade, na sociedade de acolhimento constituiu, na opinião de Portes, *et al.* (2008), uma importante variável com influência directa no modo como a diversidade cultural é gerida. Ao contrário da abordagem clássica da assimilação que considerava que a proximidade dos imigrantes ao seu grupo étnico de origem como sendo prejudicial na trajectória das gerações seguintes, a assimilação segmentada realça a importância que estas redes de suporte têm nas regiões receptoras. Um dos aspectos focado é o facto de os imigrantes poderem potencializar ou fazer uso dos recursos de capital humano detido ou adquirido na sociedade de acolhimento, e assim a verem alteradas as suas condições socioeconómicas de origem. Se atendermos ao mercado de trabalho local, observamos que a integração destes efectivo ocorre, não raras as vezes, em segmentos pouco protegidos e socialmente desvalorizados. Nesta situação, a existência de redes

étnica de suporte constitui uma alternativa viável que possibilita aos indivíduos recém chegados e menos aculturados (Portes, 2006) ultrapassarem possíveis quadros de xenofobia, discriminação e de dificuldades económicas.

O processo de ajustamento e de integração dos imigrantes e dos seus descendentes nas sociedades receptoras, na lógica de uma assimilação segmentada, surge condicionada por um conjunto de determinantes que procuramos sintetizar em três grupos: as preferências individuais, as oportunidades de contacto e os factores que influenciam ambos. (Dribe & Lundh, 2008; Chiswick & Houseworth, 2008) As preferências dizem respeito às opções que os imigrantes tomam aquando da escolha do parceiro conjugal. Ainda que influenciada por factores externos aos indivíduos, existem diferentes elementos como sejam o domínio da língua do país receptor, o capital humano detido, nível de instrução que condicionam ou potenciam a exogamia. Como argumenta Furtado (2006), os indivíduos com elevados níveis de instrução podem procurar interagir mais intensamente com indivíduos de outros grupos étnicos com o mesmo nível. Por outro lado, Kalmijn (1998) defende que os indivíduos que procuram obter maiores níveis educacionais tendem a se afastar da família e do ambiente étnico de origem. Ou seja, existe uma propensão dos indivíduos para se concentrarem nos ambientes sociais que proporcionem as condições essenciais à formação da endogamia ou da exogamia. Assim, quando comparamos os níveis de instrução da população da região receptora com a dos imigrantes, concluímos que a exogamia resulta da proximidade educacional dos imigrantes à sociedade receptora e, em sentido contrário, quando a distância é vencida, tende a imperar a endogamia. (Furtado, 2006)

As oportunidades de contacto resultam das relações sociais, mais ou menos intensas, que os indivíduos desenvolvem e que possibilitam o seu acesso a potenciais parceiros do grupo de origem ou de outros grupos étnicos. Nos espaços onde verificamos a presença de elevados níveis de concentração espacial de imigrantes da mesma origem étnica, os níveis de assimilação conjugal revelam-se relativamente baixos. Como sabemos, as relações conjugais endogâmicas, sendo um veículo privilegiado de preservação dos traços identitários de origem das comunidades étnicas e, ao mesmo tempo, de transmissão do capital cultural às gerações mais novas, faz com que as situações possam representar uma situação de desrespeito e de conflito. (Paliwala & Uberoi, 2009; Waldis & Byron, 2006; Furtado, 2006) Como defendem Paliwala & Uberoi (2009), são os contactos estabelecidos pelos imigrantes em espaços sociais mais dinâmicos e heterogéneos que potenciam o surgimento de novas estratégias residenciais, estruturas familiares e conjugais e, conseqüentemente, o sucesso do processo de integração e de assimilação.

Capítulo II: Família e Imigração nos Açores: exogamia e endogamia

Introdução

Apesar da multiplicidade de tipologias que a família tem revelado e da sua estrutura, formas de autoridade e funções terem variado ao longo dos séculos, ela corporiza um dos pilares centrais em todas as sociedades. Marcada por diversas e profundas transformações, resultado de uma alteração de paradigma no que diz respeito às formas como a sociedade se produz e reproduz e de como constrói as suas relações sociais, a família contemporânea tem vindo a conhecer novos desafios. (Wall, 2005) A família ocidental na sua jornada para o interior do mundo moderno fez emergir tendências com reflexos inevitáveis nas mentalidades, nos costumes e nas formas de relacionamento entre homens e mulheres. (Shorter, 1975) As sociedades actuais são agora palco de um conjunto de transformações que atingiram de forma indelével os processos sociais e que contribuíram para o surgimento de novas dinâmicas familiares. (Wall, 2005) Neste sentido, de acordo com Lalande (2002:69) a “quantificação dos fenómenos constitui um importante suporte das dinâmicas sociais, em particular no domínio da família. Através de diferentes indicadores demográficos podemos mapear alguns dos aspectos que contribuem para a caracterização da família, realidade em mudança permanente”.

A alteração dos valores e significados associados ao processo de escolha do cônjuge, às formas de entrada e ao calendário de formação conjugal (Wall, 2005:40ss) tiveram profundos impactos nas estruturas familiares que actualmente conhecemos. Veja-se, por exemplo, o aumento significativo do número de indivíduos que em Portugal e nos Açores iniciaram a

sua vida conjugal através da coabitação temporária ou definitiva. De acordo com os dados censitários, em 1991 existiam em Portugal cerca de 2% de indivíduos em união de facto (casamento sem registo) e em 2001 já representavam 3,7%. Em linha com a tendência nacional, os Açores apresentavam, para os mesmos anos, respectivamente valores de 0,9% e de 2%.

Assim, a conjugalidade é hoje vivida e perspectivada de modo distinto face a um passado relativamente recente. Apesar se fazer, maioritariamente, por vida do casamento (Wall, 2005; Lalanda, 2002), a autonomização da sexualidade e a diversificação dos percursos de formalização da conjugalidade fazem com a família já não seja considerada como um elemento estático, alterando-se as fases possíveis de transição entre uma situação não-conjugal e uma situação conjugal. (Wall, 2005; Aboim, 2005a; 2005b; Aboim *et al.*, 2002; Torres, 2002; Almeida, *et al.*, 1998; 1995)

Como já tivemos oportunidade de referir, o objectivo principal desta investigação passa por conhecer se a exogamia interétnica constitui uma estratégia de integração dos imigrantes ou, antes, é o resultado de um processo de assimilação estrutural onde a componente económica tem um contributo importante. No entanto, a compreensão do fenómeno da exogamia e da endogamia nos Açores e, em particular em São Miguel, só é possível quando consideramos o mercado matrimonial local no seu todo e não unicamente factores individuais ou de grupo. Aqui, a perspectiva demográfica surge-nos como sendo fundamental na medida em que para além de possibilitar o conhecimento da estrutura, volume, composição e dinâmicas da

população, permite aferir dos possíveis contributos da entrada e da presença de estrangeiros.

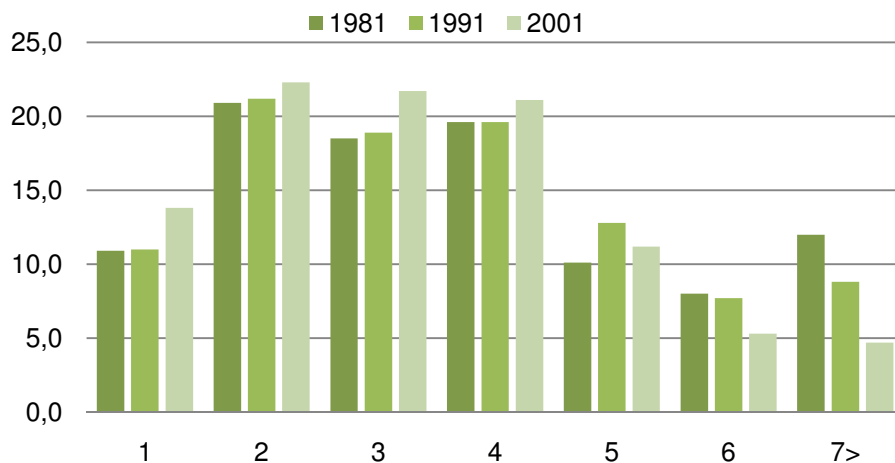
2.1. Família e agregados familiares nos Açores

Os Açores, à semelhança do que acontece a nível nacional, têm vindo a acompanhar o processo de modernização familiar. Verificamos alterações nas variáveis demográficas Natalidade, Nupcialidade, Mortalidade e Divorcialidade com reflexos directos na dimensão dos agregados familiares açorianos actuais que, como refere Rocha *et al.* (1999:23), “têm, de um modo geral, uma pequena dimensão, sendo mais significativos os núcleos familiares de duas, três ou quatro pessoas, com uma maior representatividade dos dois primeiros casos”. Ao mesmo tempo que registamos uma diminuição dos fluxos de saída de efectivos e um aumento nos de entrada, o recuo da natalidade e da nupcialidade assumem-se como as variáveis demográficas explicativas que mais contribuíram para as modificações ocorridas na família no que se refere à sua dimensão e estrutura. (Rocha, *et al.*, 2008a)

Com efeito, o declínio da nupcialidade e da natalidade e o aumento da divorcialidade tiveram resultados directos na contracção formal dos núcleos familiares fazendo com que as famílias açorianas tendam a ser menos numerosas e mais diversificadas. (Rocha, *et al.*, 2008; Rocha, *et al.*, 1999) Ora, o recuo da natalidade e sua autonomização do casamento fez com que assistíssemos, entre outros aspectos, a uma redução do número de elementos dos núcleos familiares. Se observarmos a evolução nos últimos três períodos censitários, verificamos que os agregados familiares com 5 e mais elementos

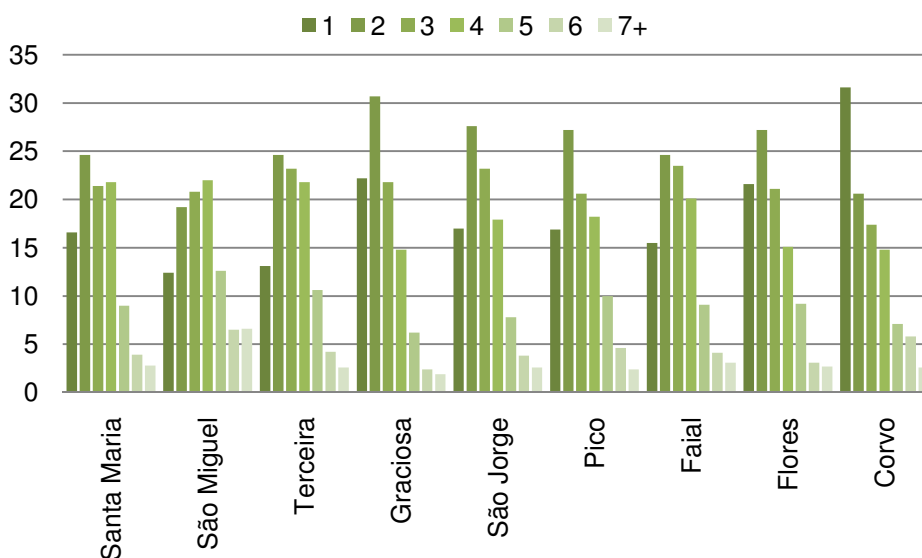
representavam em 2001 cerca 21% – em 1981 cerca de 30% e em 1991 cerca de 29%. Por outro lado, as famílias com 1 elemento apresentaram no período em análise um aumento percentual de cerca de 27 pontos.

Gráfico 1: Dimensão da família (n.º de pessoas) nos Açores (1981-2001), (%)



Fonte: INE (1981; 1991; 2001)

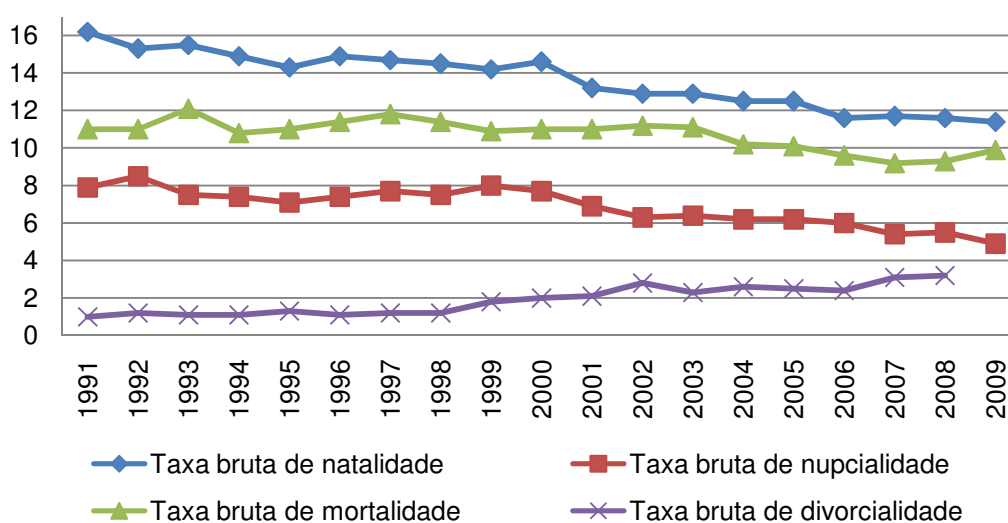
Gráfico 2: Dimensão da família nos Açores, por ilha, em 2001 (%)



Fonte: INE (2001)

A diversidade registada a nível regional tende a ser mais evidente se considerarmos os valores observados em cada uma das ilhas. (Rocha, *et al.*, 2008) Com efeito, de acordo com os dados do último censo, a ilha de São Miguel é aquela que se destaca pelos quantitativos mais baixos recolhidos nas famílias com 1 e 2 elementos (12,4% e 19,2%, respectivamente) e os valores mais elevados nas famílias com 4 e mais elementos. Nas restantes ilhas são preponderantes as famílias com 2 pessoas, onde as que têm um elemento assumem alguma preponderância.

Gráfico 3: Evolução das taxas de natalidade, mortalidade, nupcialidade e divorcialidade nos Açores (1991-2009), (%)



Fonte: INE (2010); SREA (2003)

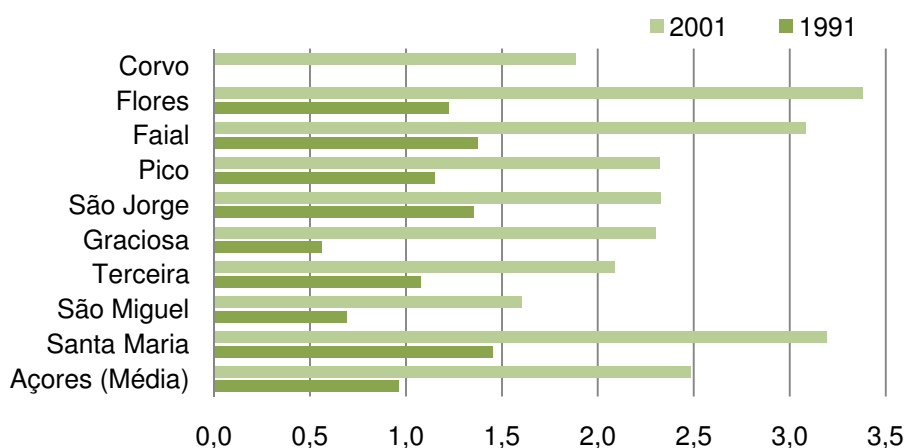
Se atendermos à evolução da mortalidade observamos uma estabilização dos valores na ordem dos 11% ao longo da década de 90 prolongando-se até 2003, altura em que assistimos a um decréscimo para os 10% e, posteriormente, a partir de 2006, para apenas um dígito. Estes valores devem ser vistos, inevitavelmente, no quadro de um envelhecimento

generalizado da população açoriana e não por um aumento efectivo da intensidade deste fenómeno em todas as faixas etárias.

A natalidade, ao contrário das restantes variáveis demográficas, tem sido aquela que mais tem interferido nas modificações registadas na família e na estrutura açoriana. (Rocha, *et al.*, 2008; Rocha, 1991) À semelhança do que acontece com a nupcialidade, a natalidade tem vindo a registar um decréscimo relativamente acentuado nas últimas duas décadas, com particular destaque nos últimos anos – 14,6% em 2001 e 11,4% em 2009.

A evolução da nupcialidade – muitas vezes associada à natalidade –, apesar de algumas variações ao longo da década de 90, verifica-se que a tendência manifestada é para um decréscimo generalizado atingindo o valor mais baixo em 2009 (4,9%). Em sentido inverso, registamos um aumento significativo da divorcialidade. Se nos inícios da década de 90 os Açores registavam uma taxa bruta com um quantitativo muito próximo dos 1% é, sobretudo, a partir do ano de 1999 que assistimos a uma consolidação e crescimento do fenómeno na região.

Gráfico 4: Casamentos sem registo (uniões de facto) nos Açores, por ilha (%)



Fonte: INE (1991; 2001)

Ora, a forma como os indivíduos vivenciam a sua conjugalidade, optando por entrar nela por via do casamento ou da união de facto, fez com nos últimos dois momentos censitários registássemos um aumento da percentagem dos que optaram pelo casamento sem registo (união de facto). (Lalanda, 2002) Numa análise por ilha, de salientar o facto de as ilhas de Santa Maria, Faial e Flores registarem, em 2001, valores muito superiores à média regional (2,5%). Por outro lado, a ilha de São Miguel é aquela que apresenta o valor mais baixo (1,6%).

Numa análise mais superficial poderíamos ser conduzidos a concluir que estamos na presença de uma estrutura social mais resistente à mudança, onde os novos valores associados à conjugalidade, não são bem acolhidos. Contudo, sendo certo que esta ilha concentra mais da metade da população do arquipélago e cerca de 45% das uniões de facto registadas a nível regional em 2001 – em 1991 representavam 40,4% –, não podemos deixar de sublinhar o aumento registado no entre 1991 e 2002 ter sido o quarto maior – 142 pontos percentuais – atrás das ilhas da Graciosa, Flores e Faial.

Um outro sinal da modernidade da sociedade micaelense e, em geral da açoriana, é o crescimento acentuado da percentagem de indivíduos que se encontram separados ou divorciados. Enquanto 2001 este grupo já representava 2,4% da população – superior aos valores nacionais (2,1%) – em 1991 era só 1,6%. Este aumento representou uma variação percentual na ordem dos 54 pontos o que, para o contexto nacional, se torna digno de registo uma vez que o valor nacional, salvaguardando-se a pequenez de efectivos, no período 1991-2001, verificou-se um decréscimo de 5 pontos percentuais.

2.1.1. Volume e distribuição da população

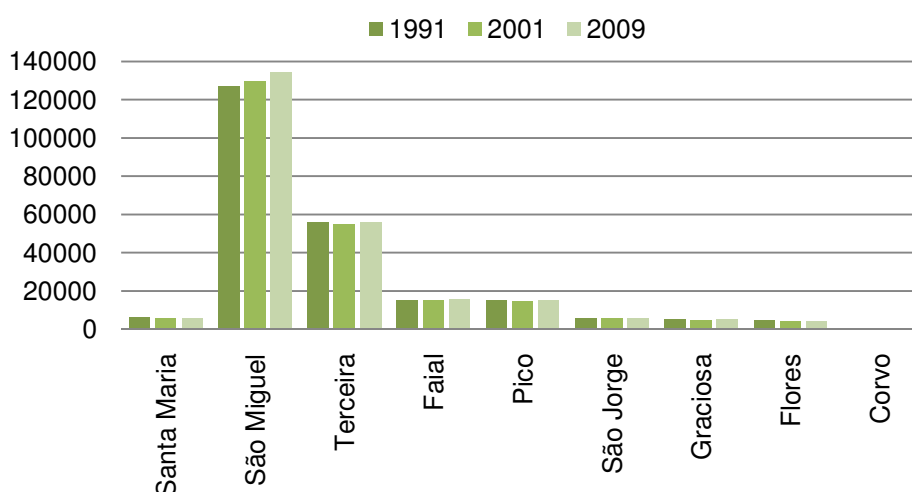
Registadas as tendências mais recentes da natalidade, mortalidade, divorcialidade e nupcialidade na sociedade açoriana, importa agora conhecer, com algum detalhe, a sua estrutura demográfica. Assim, se considerarmos o aumento populacional registado nos Açores entre 1991, 2001 e 2009 (estimativa) concluímos que não existe a mesma correspondência em cada uma das ilhas.

À excepção das ilhas de São Miguel, Faial, Flores e Corvo todas as restantes viram diminuir o número de efectivos residentes no período 1991-2009. Esta tendência já tinha sido possível observar nos dois momentos censitários em causa, quando observamos que apenas as ilhas de São Miguel (1,9 pontos percentuais) e Flores (8,6 pontos percentuais) registaram ganhos populacionais. Contudo, de acordo com as previsões do INE para a população residente nos Açores em 2009, observamos que, em comparação com o último momento censitário, todas as ilhas registam ganhos populacionais com particular destaque para o Corvo (16,8 pontos percentuais), Flores (6 pontos percentuais), Faial e Graciosa (5,7 pontos percentuais, respectivamente).

Estes valores sugerem um impacto directo na evolução da estrutura populacional das diferentes ilhas, onde o envelhecimento demográfico é o resultado mais visível. (Rocha, 2008a; Rocha & Ferreira, 2008; Rocha, 1991) Neste sentido, se tivermos em conta a evolução dos índices de dependência da população residente no Arquipélago registamos o facto de o grupo funcional dos activos ter aumentado significativamente, enquanto o dos jovens sofreu uma redução de cerca de 4000 efectivos e o dos idosos se manteve

praticamente inalterado. Os valores constantes no índice de dependência total, ou seja, o número de jovens e de idosos em cada 100 indivíduos em idade activa, passaram de 51,4%, em 2001, para os 45%, em 2009 (em 1991 era de 62,3%).

Gráfico 5. População residente nos Açores (1991, 2001 e 2009), por ilha

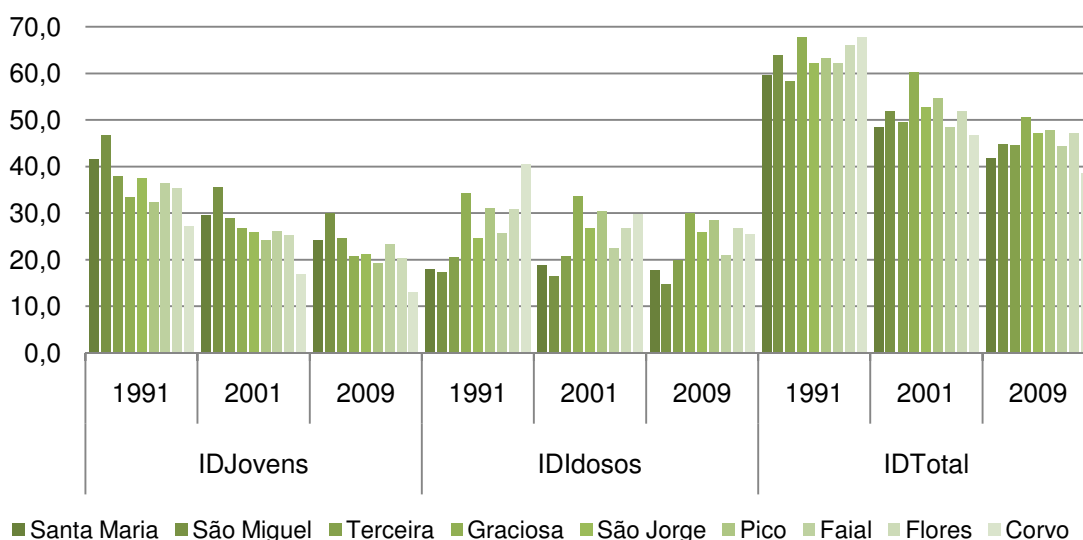


Fonte: INE (1991; 2001; 2009)

A diminuição do peso relativo dos jovens e dos idosos na população activa total é o resultado da forte redução que o índice de dependência dos jovens (de 42% em 1991 para 26,8% em 2009) e da relativa manutenção do índice de dependência dos idosos (18,1% em 2009 e 19,5% em 2001). Por outro lado, a estabilização do movimento natural nos Açores, o declínio intenso da emigração, com os quantitativos a não ultrapassarem os três dígitos desde 1992, e a entrada crescente de população estrangeira são factores que ajudam a explicar o aumento registado no peso relativo da população activa nos Açores. Assim, assistimos a um estreitamento da base e a um alargamento do

meio da estrutura piramidal onde o topo se mantém comparativamente inalterado.

Gráfico 6: Efeitos na estrutura etária dos Açores, por ilha (%)



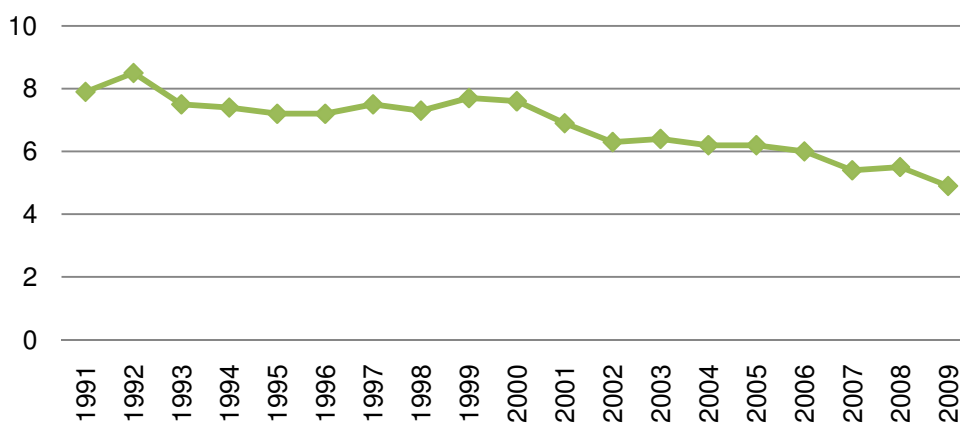
Fonte: INE (1991; 2001; 2009)

Numa análise por ilha, registamos algumas tendências que são dignas de realce. Por um lado, em relação aos dois momentos censitários anteriores, todas as ilhas, sem exceção, registaram uma diminuição dos índices de dependência dos jovens sendo que os valores mais significativos foram observados nas ilhas de Corvo, São Jorge, Flores e Santa Maria. Se tomarmos como referencia o censo de 1991 as quebras são generalizadas. Em termos comparativos, os índices de dependência dos idosos no período 1991-2009 apresentaram, à exceção das ilhas de Santa Maria, Terceira e São Jorge, uma variação percentual negativa. Já no período 2001-2009 observamos que este índice apresentou, à semelhança do anterior, um declínio dos seus quantitativos. As ilhas do Corvo, Graciosa e São Miguel foram aquelas que apresentaram as maiores diminuições.

2.1.2. Nupcialidade e Divorcialidade

Importa agora conhecer outras características dos indivíduos que interagem no mercado matrimonial regional e local decorrentes das tendências mais recentes que os fenómenos da nupcialidade e da divorcialidade têm revelado nas últimas décadas nos Açores. Em primeiro lugar, como já havíamos sublinhado, o decréscimo da nupcialidade e o aumento progressivo da divorcialidade são dois aspectos que caracterizam, genericamente, as ilhas açorianas. Se o segundo fenómeno poderá significar um aumento do número de efectivos disponíveis para iniciarem uma nova relação conjugal, por via do casamento ou da união de facto, o primeiro não significa, necessariamente, um aumento do número de solteiros disponíveis.

Gráfico 7: Taxa Bruta de Nupcialidade nos Açores (1991-2009), (‰)

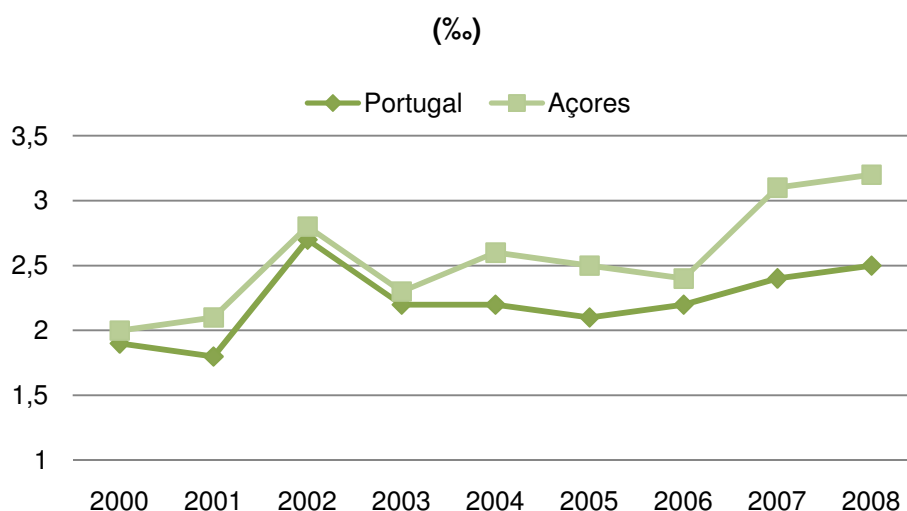


Fonte: INE (2010)

Ora, ao declínio da nupcialidade não podemos deixar de associar, entre outros aspectos, o aumento da idade média ao casamento que traduz um eventual adiamento da formação da relação pela via tradicional e, ao mesmo

tempo, a possibilidade de emergência do fenómeno da coabitação juvenil. Numa análise por sexo, observamos, em termos gerais, um aumento da idade média ao casamento com particular incidência no sexo feminino – em 2009 a idade média ao casamento era de 28,6 anos face aos 21,9 registados em 1990 – seguindo, de resto, a tendência registada a nível nacional. (INE, 2009a)

Gráfico 8: Taxa Bruta de Divorcialidade nos Açores e em Portugal (2000-2008),



Fonte: INE (2010)

Em sentido inverso à nupcialidade, assistimos a um crescimento do divórcio nos Açores que, nos inícios da década de 80 apresentava valores residuais e pouco significativos, para nos finais em 2008 atingir os 3,2‰. Se nos primeiros anos os Açores seguiam a tendência nacional, ainda que com valores ligeiramente superiores, é a partir de 2003 que assistimos a uma estabilização dos valores nacionais e a um aumento dos regionais. Importa referir que a pequenez de efectivos registada neste fenómeno, em comparação com os restantes, poderá constituir um “elemento perturbador de análise em populações de reduzida dimensão” (Rocha, *et al.*, 2005:43).

Um outro sinal das alterações sociais registadas na sociedade açoriana e que a aproxima das sociedades modernas, é a possibilidade de cada vez mais indivíduos encararem a possibilidade de iniciarem a sua relação conjugal fora do contexto institucional que envolve o casamento. (Wall *et al.*, 2008; Aboim, 2006; 2005a; 2005b) Em 2001, a proporção de indivíduos casados sem registo (união de facto) em relação à população residente casada representava nos Açores 6,9% - em Portugal era de 4%. Ao mesmo tempo assistimos a uma dissociação do casamento dos valores religiosos que, apesar de tudo, são muito vincados na sociedade portuguesa e açoriana. Em 1995 a proporção de casamentos católicos realizados nos Açores era de 38,4% e em 2009 de 22,1% - em 2000 era de 26,5%.

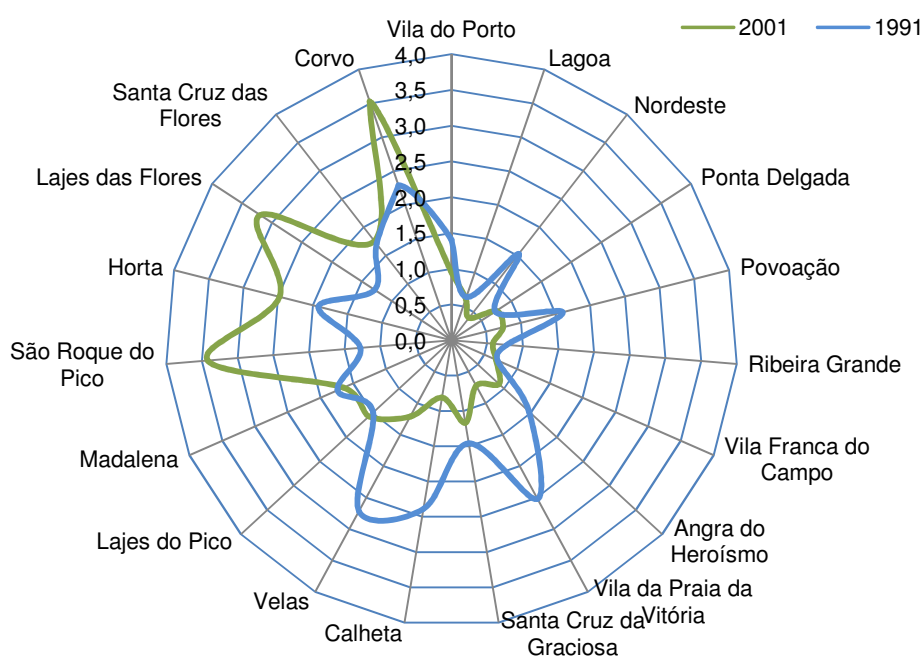
2.2. Imigração: família e conjugalidade

A multiplicidade dos trajectos, das situações de entrada na conjugalidade e de escolha do parceiro tende a reafirmar alguns dos traços de modernidade actualmente atribuídos à família açoriana. (Rocha, *et al.*, 2005; Lalanda, 2002) Sabendo que as transformações ocorridas na conjugalidade e na família não são o resultado único das opções individuais ou de uma oposição linear entre o passado e o presente, como defende Aboim (2005a), importa agora perceber qual poderá ter sido o contributo da imigração nesse processo.

Em termos evolutivos, a presença de efectivos estrangeiros nos Açores nunca foi constante e repartida de igual modo pelas diferentes ilhas e concelhos. (Rocha *et al.*, 2009; 2004) Os aspectos económicos, desde sempre

ligados aos movimentos imigratórios, assumem alguma importância no quadro específico de cada uma das ilhas e concelhos condicionando a fixação, ainda que temporária, de efectivos estrangeiros. (Fonseca, 2007)

Gráfico 9: Proporção da população residente de nacionalidade estrangeira nos Açores, por concelho, em 1991 e 2001 (%)

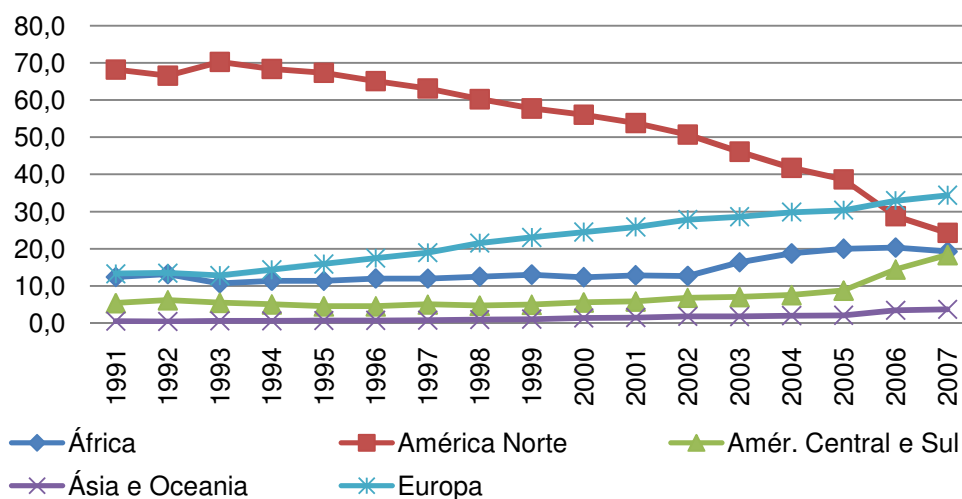


Fonte: INE (1991; 2001)

De acordo com os dados censitários de 1991 e 2001, verifica-se que ao nível concelhio a evolução da população estrangeira residente obedeceu a dinâmicas próprias, em muito condicionadas pelos aspectos económicos. De realçar que a proporção de estrangeiros residentes em 2001 diminuiu consideravelmente nos concelhos do Nordeste, Povoação, Angra do Heroísmo, Praia da Vitória, Velas e Calheta. Em sentido oposto, temos os concelhos de São Roque do Pico, Horta, Lajes das Flores e Corvo. A reconstrução das ilhas do Faial e Pico iniciada em 1998 poderá explicar, em boa parte, os valores

registados em 2001 e que se mantiveram relativamente estáveis nos anos seguintes, como veremos. Em nosso entender, os valores apresentados não poderão ser explicados pelo aumento da população nacional residente em cada um dos espaços, mas antes pela entrada de efectivos estrangeiros que vieram directamente do seu país de origem, do continente português ou que já se encontravam a residir no arquipélago e que se deslocaram para esses concelhos.

Gráfico 10: Estrangeiros com residência legalizada nos Açores (1991-2007), (%)

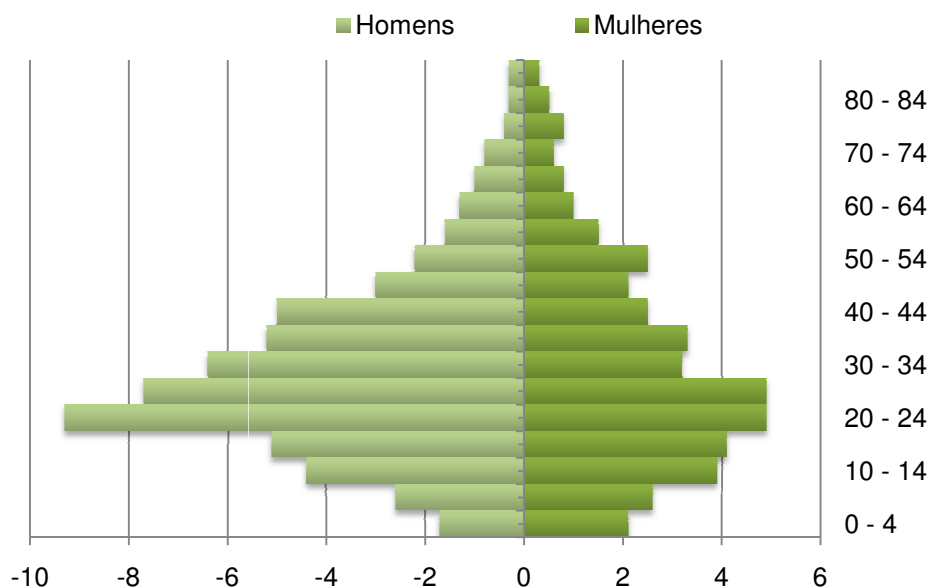


Fonte: SREA (2007; 2003)

Em termos evolutivos, por região de origem, verificamos que os contingentes provenientes da América do Norte, sobretudo militares norte-americanos a trabalharem na Base das Lajes, têm vindo a decrescer significativamente. Se no início da década de 90 representavam cerca de 70% do total de estrangeiros residentes no Arquipélago, no ano de 2007 a percentagem rondava os 24%. Outro aspecto a reter é o facto de os fluxos provenientes da Europa registarem um aumento significativo no período em

análise, atingindo em 2007 cerca de 34% dos estrangeiros residentes – em 1991 eram cerca de 13% do total. Os restantes efectivos oriundos de África e da América Central e do Sul apresentam oscilações pouco significativas, ainda que estes últimos tenham aumentado significativamente nos últimos três anos – de 8,8% em 2005 para 17,3% em 2007.

Gráfico 11: Estrutura etária da população estrangeira residente nos Açores em 2001

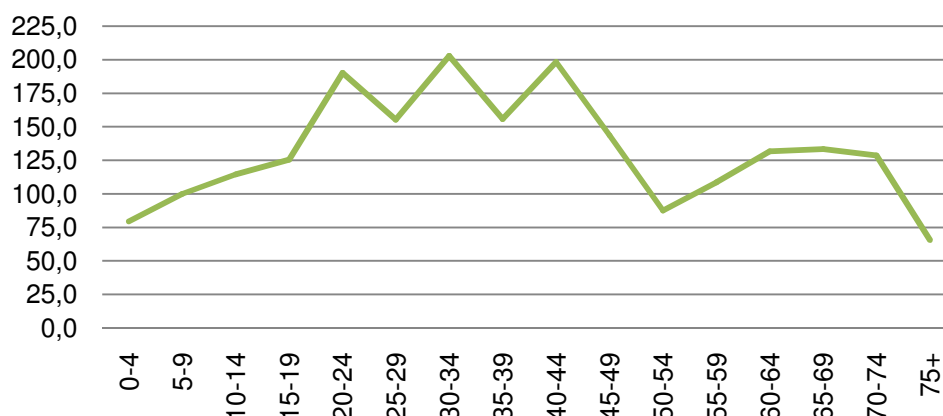


Fonte: INE (2001)

Se observarmos agora a população estrangeira residente no último momento censitário nos Açores, a presença de uma estrutura marcadamente activa e sobremasculinizada é uma das características mais evidentes. (Rocha, *et al.*, 2009; 2004) Os efectivos activos do sexo masculino são particularmente mais relevantes no grupo de idades 15-44 anos. Ao mesmo tempo, não deixam de ser representativos os valores registados para os efectivos femininos no

mesmo intervalo (cerca de 60%) o que pode indiciar algumas situações de reagrupamento familiar ou de projectos iniciados de forma individual.

Gráfico 12: Relações de Masculinidade da população estrangeira residente nos Açores em 2001, (%)



Fonte: INE (2001)

Importa sublinhar que a realidade anteriormente descrita sofreu algumas alterações dignas de registo, sobretudo no último ano, em virtude da crise económica que afectou o sistema económico internacional, nacional e regional. A conclusão de determinadas obras de construção civil – reconstrução das ilhas do Pico e Faial e, mais recentemente, o empreendimento Portas do Mar, por exemplo – aliada à crise económica, veio a ter repercussões directas no volume de estrangeiros residentes e na consequente redução, ainda que esta se apresente pouco significativa. Assim, é de pressupor que as oportunidades económicas geradas em cada um dos espaços insulares interferem directamente nas lógicas internas de movimentação e fixação de efectivos estrangeiros e, consequentemente, na possibilidade surgirem relações exogâmicas e endogâmicas.

2.2.1. Zonas de atracção e de repulsão

O poder de atracção exercido pelos Açores no quadro das migrações nacionais e internacionais fez-se numa conjuntura de desenvolvimento económico local sobretudo na área da construção civil na sequência do esforço de reconstrução das ilhas do Faial e do Pico após a crise sísmica registada no ano de 1998. Apesar da conclusão destes projectos de construção civil, outros foram surgindo um pouco por todas as ilhas captando, conseqüentemente, a mão-de-obra estrangeira. (Fonseca, 2007) Ao mesmo tempo, este poder de atracção faz-se notar quando consideramos a distribuição sectorial da população estrangeira nos últimos anos. Apesar do sector da Construção continuar a ser preponderante na Região, os dados apresentados por Ferreira (2009; 2004) permitem-nos concluir que os sectores da Hotelaria e Restauração e do Comércio revelaram ganhos significativos. Se em 2008 estes sectores representavam cerca de 21% do total de activos empregados, aproximando a Região dos valores registados a nível nacional no último momento censitário, quatro anos antes, os valores oscilavam entre 5% para o Comércio e cerca de 3% para a Restauração e Hotelaria.

Se atendermos à evolução da população estrangeira residente nos Açores desde o início da década de 90, observamos que esta não foi constante. Se num primeiro momento verificamos um aumento a partir de 1992 assistimos a um decréscimo, tendência só será invertida no ano de 2000, quando se verificam ganhos consideráveis no volume de população estrangeira residente. Contudo, sete anos mais tarde, assistimos, mais uma vez, a uma

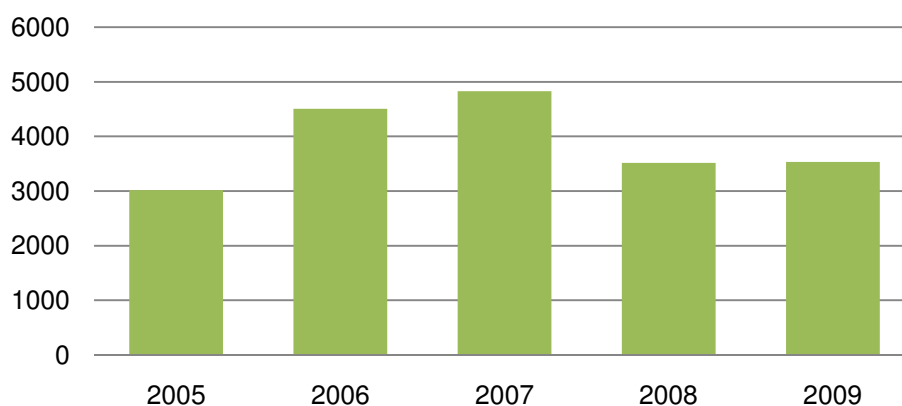
diminuição dos efectivos estrangeiros, ainda que pareça que em 2009 os valores tenham estabilizado.

Gráfico 13: Estrangeiros com residência legalizada nos Açores (1991-2007)



SREA (2007; 2003)

Gráfico 14: População estrangeira residente nos Açores (2005-2009)



Fonte: SEF (vários) – *Relatório de Actividades*

Destaca-se os oriundos do continente europeu (35,7%) – 23,2% da União Europeia e 12,5 % do Resto da Europa. Ao contrário do que foi identificado em 2008 (Rocha, *et al.*, 2009), a segunda região mais representativa é a América do Sul (cerca de 26%), enquanto os africanos apenas recolhem 20% (menos 9,9% em relação aos valores registados em

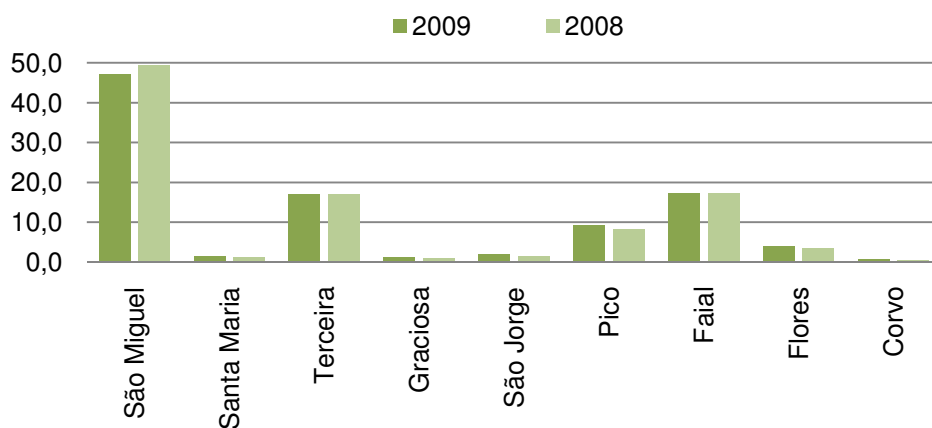
2008). De sublinhar que o volume de brasileiros e cabo-verdianos apresenta em 2009 uma diminuição em relação ao ano anterior, ainda ligeira no primeiro caso. Assim, em 2009, os cabo-verdianos registam cerca de 15% (menos 5,5% do que em 2008) e os brasileiros cerca de 24,6% (menos 0,2% do que em 2008). Apesar destas variações, constatamos que, à semelhança do registado por Rocha *et al.* (2009:41), o Brasil, Cabo Verde e Ucrânia são “os únicos países que são efectivamente preponderantes nas respectivas regiões” e que reúnem em 2009 cerca de 47% (menos 11% do que em 2008) do total de imigrantes no arquipélago.

Numa distribuição por ilha, constata-se que no ano de 2009 cerca de 81% da população estrangeira concentrava-se nas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial. No ano anterior, estes mesmos espaços registavam uma percentagem na ordem dos 84%. Se a estas ilhas adicionarmos a do Pico passamos para valores na ordem dos 90,6% e 92,2%, respectivamente. Valores muito distantes dos registados para as mesmas ilhas em 2003 – 76,4% e 87% (Rocha, *et al.*, 2004:62) –, em virtude da crise económica internacional e nacional dos últimos dois anos e da conclusão de alguns dos projectos de construção civil mais significativos.

Com efeito, a participação dos estrangeiros no mercado de trabalho regional e local bem como a sua continuidade poderá ser afectada pelo maior ou menor dinamismo do tecido económico regional. A ilha de São Miguel parece ser emblemática deste pressuposto no sentido em que o surgimento de projectos económicos mais atraentes em outras ilhas ou a conclusão de alguns na própria ilha explicam, em parte, a quebra registada na percentagem de

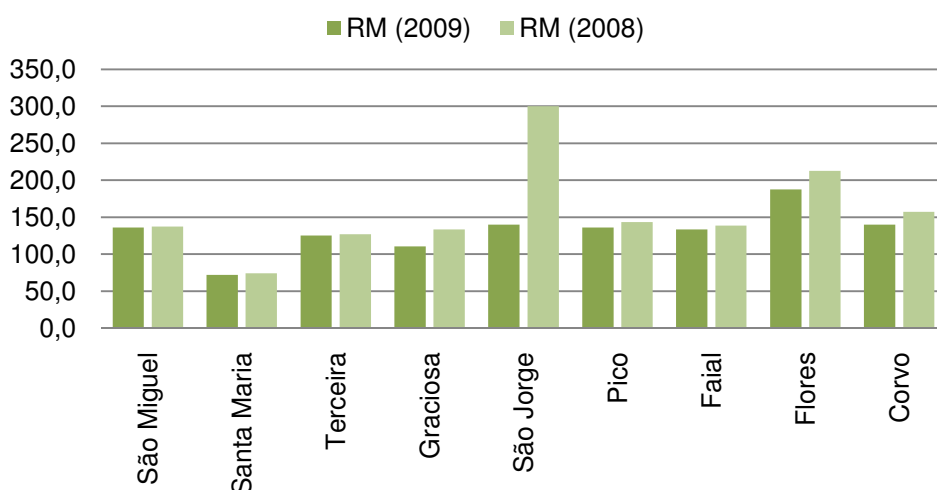
efectivos estrangeiros residentes no período 2009-2008 – de 49,5% em 2008 passa para 47% em 2009.

Gráfico 15: População estrangeira residente nos Açores, por ilha (%)



Fonte: SEFSTAT (2010; 2009)

Gráfico 16: Relações de Masculinidade da população estrangeira residente nos Açores, por ilha, (%)



Fonte: SEFSTAT (2010; 2009)

Apesar da crise económica sentida mais intensamente no último ano, as ilhas açorianas ainda apresentaram ganhos em relação ao número de

efectivos estrangeiros residentes em 2008, com implicações directas na repartição por sexo. Em termos evolutivos observamos que, desde o ano de 2001, os Açores, apesar da forte presença de imigrantes masculinos continuar a ser uma realidade, o número de efectivos femininos tem vindo a aumentar gradualmente. Se em 2001 tínhamos por cada 100 mulheres cerca de 140 homens, em 2009 os valores ficam-se pelos cerca de 134. No ano anterior – 2009 – eram de cerca de 137 homens por cada 100 mulheres.

Considerando as actuais condições socioeconómicas, o arquipélago continua a apresentar um nível de atractividade relativamente elevado, em comparação com as registadas em outras regiões do território nacional ou nos países de origem dos imigrantes. Isto mesmo corrobora a manutenção nos últimos dois anos de um efectivo na ordem dos 3500 estrangeiros, ainda que desde 2007, em termos absolutos, tenham partido cerca de 1300 indivíduos. Se por um lado, o decréscimo da população estrangeira residente nos Açores poderá ser o resultado directo do alcance dos objectivos inicialmente traçados, por outro lado é de considerar as dificuldades de integração e de adaptação ao mercado de trabalho regional e local.

Em relação aos valores registados nos últimos dois anos, é de pressupor que resultam do adiamento dos planos de retorno aos países de origem, pelas ligações afectivas e/ou laborais que se estabeleceram com a comunidade de acolhimento. Ao mesmo tempo, é de considerar a possibilidade de, ao contrário do que poderá ter ocorrido com os cerca de 1300 que partiram, os objectivos inicialmente traçados pelos imigrantes ainda não terem sido alcançados e, conseqüentemente, o regresso ainda não ser equacionado. Ao mesmo tempo, poderemos estar na presença de uma população que, pelas

motivações subjacentes ao projecto migratório, não ponderam o regresso ao país de origem, pelo menos a curto prazo.

Assim, estamos na presença de múltiplos factores que interferem directamente na possibilidade de prolongarem ou não a sua permanência nos Açores. Reconhecendo que a entrada de efectivos estrangeiros tem implicações directas no mercado de trabalho e na economia das ilhas e dos pequenos espaços (Ferreira, 2009, 2008), julgamos que o seu impacto foi mais intenso e visível nas dinâmicas familiares e conjugais insulares que se foram configurando ao longo dos anos. Como analisamos de seguida, os processos de endogamia e de exogamia em contexto insular por referência ao sexo e à nacionalidade dos cônjuges (nacional vs estrangeiro), proporcionam a aferição dessas transformações no que à organização e composição familiar dizem respeito.

2.2.2. Família: exogamia e endogamia

Na tentativa de conhecermos o impacto das dinâmicas migratórias na composição e dimensão das famílias nos Açores, e reconhecendo que os espaços e os referenciais de origem dos imigrantes são prolongados nas regiões de destino, importa centrar a nossa atenção nas famílias clássicas estrangeiras residentes no arquipélago. A existência de redes locais de apoio familiar, através do reagrupamento familiar ou pela formação de novos núcleos familiares, constitui um importante factor propiciador de integração dos seus membros. (Fonseca & Ormond, 2008; Pires, 2002; Yu, *et al.*, 1993) Este suporte tem consequências directas na avaliação que os imigrantes fazem da

sua experiência migratória, no adiamento dos seus projectos de retorno e na demografia das ilhas e dos lugares.

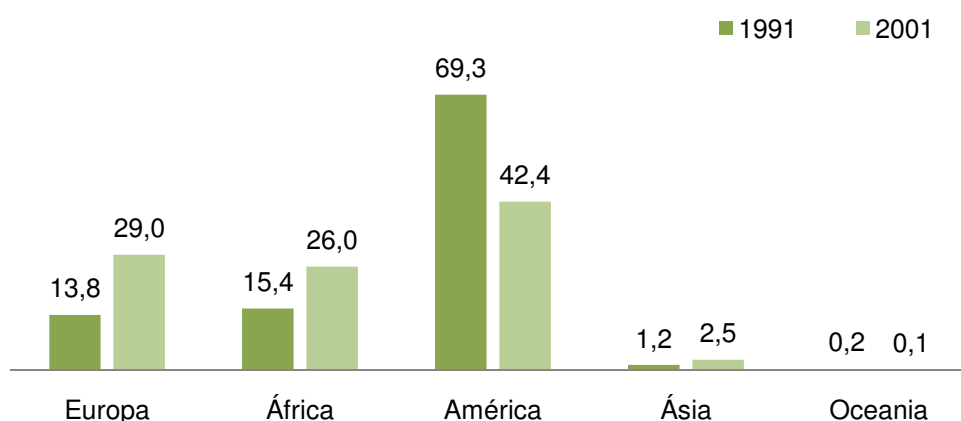
Olhando para os valores globais dos Açores, concluímos que o número de famílias estrangeiras residentes, nos dois últimos momentos censitários, registou uma variação percentual na ordem dos 45 pontos. Em termos absolutos, em 2001 o número total de famílias clássicas estrangeiras nos Açores era de 724 – em 1991 de 499. Em relação ao total de famílias clássicas existentes nos Açores em 2001 e 1991, representavam cerca de 1% e 0,8%, respectivamente.

Numa distribuição por região de origem dos representantes das famílias clássicas, em termos comparativos, denotamos que, à excepção do continente americano que sofreu uma importante quebra dos seus efectivos em parte explicada pela diminuição dos elementos norte-americanos (de 262 famílias em 1991 passamos para 128 em 2001), todas as restantes regiões tiveram ganhos significativos. Salienta-se o aumento registado dos europeus (13,8% em 1991 para 29% em 2001) e dos africanos (15,4% em 1991 para os 26% em 2001).

Por país de origem do representante da família, apesar de não ter sido possível identificar os valores respeitantes aos naturais da Ucrânia nos momentos censitários em análise, releva-se a importância assumida por Cabo Verde e pelo Brasil no contexto das famílias estrangeiras residentes nos Açores. Quanto aos valores observados para os cabo-verdianos em 2001, em relação aos nacionais do continente africano, importa sublinhar que apesar de decréscimo registado, representavam 55% do total de famílias com um representante africano. Em termos absolutos, ainda que se tenha verificado o

aumento das famílias com representantes de oriundos dos países africanos – 77 em 1991 e 103 em 2001 –, a importância que esta comunidade tem no total da região deve-se, sobretudo, ao crescimento das famílias com representantes de outros países, casos dos angolanos (17 em 1991 e 54 em 2001).

Gráfico 17: Total de famílias clássicas estrangeiras nos Açores, por região de origem do representante, (%)



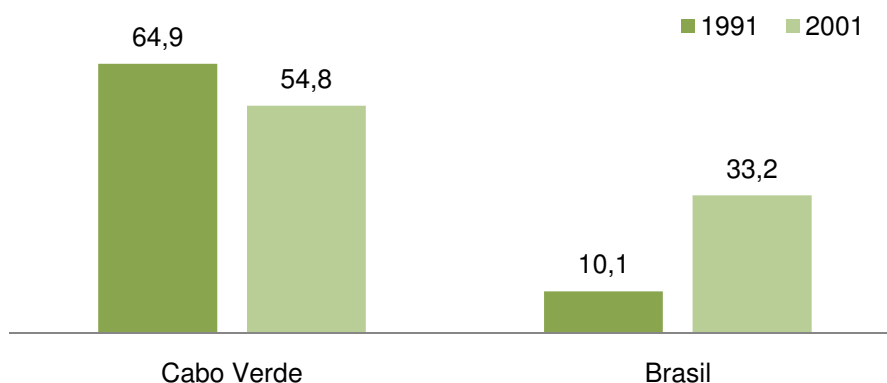
Fonte: INE (1991; 2001)

Quanto ao continente americano, importa sublinhar que, em termos absolutos, o número de famílias passou de 346, em 1991, para 307, em 2001. Uma vez que os valores das restantes nacionalidade registaram um aumento no período em análise, o decréscimo registado deve-se à saída de famílias com representantes oriundos dos Estados Unidos da América (262 em 1991 e 128 em 2001). No que respeita ao peso dos brasileiros no contexto regional, registamos que, em 1991, os valores situavam-se nos 10% e, em 2001, nos 33%.

Os valores analisados tendem a assumir relevância estatística se considerarmos, por comparação a 1991, o total de elementos envolvidos nas

famílias clássicas estrangeiras residentes nos Açores em 2001. À semelhança do que registamos para o número de famílias com o representante estrangeiro, importa analisar o impacto, em termos de volume populacional, na demografia açoriana. Com efeito, tendo por referência os valores globais por região de origem, sublinhe-se que em 2001 estavam envolvidas 1561 pessoas nestas famílias – em 1991 eram 1219 pessoas.

Gráfico 18: Peso da nacionalidade do representante nas famílias clássicas estrangeiras nos Açores (%)

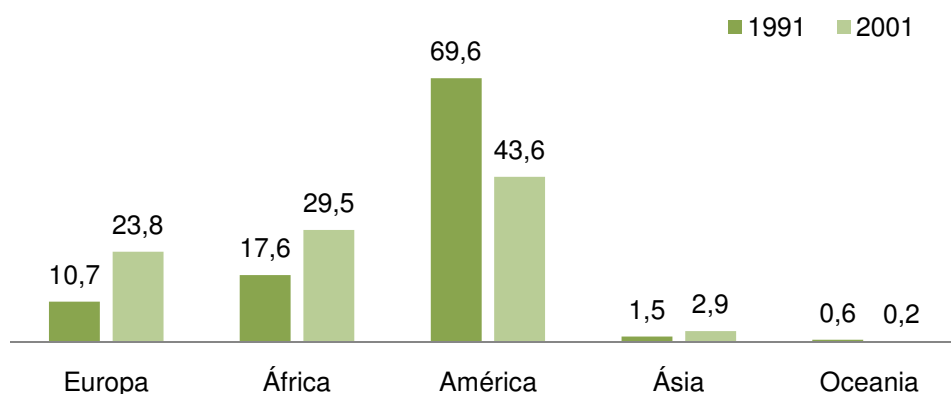


Fonte: INE (1991; 2001)

Em termos de representatividade, em relação aos valores globais regionais, o número total de pessoas nos agregados familiares com o representante estrangeiro representavam em 2001 cerca de 0,7% – em 1991 era cerca de 0,5%. Quanto aos registados para os brasileiros e cabo-verdianos, para cada um dos períodos em análise, de realçar que em 2001 representavam, respectivamente, cerca de 34% e 58% do total em cada uma das regiões. Uma década antes, o peso de cada um dos países era

relativamente distinto. Se no caso dos brasileiros os valores eram relativamente baixos (11%), no caso dos cabo-verdianos eram superiores (68,5%).

Gráfico 19: Total de pessoal nas famílias clássicas estrangeiras nos Açores, por região de origem do representante, (%)



Fonte: INE (1991; 2001)

Os padrões de conjugalidade dos imigrantes são o resultado, na opinião de Kalmijn (1998), da conjugação de três forças sociais – as preferências conjugais dos candidatos, a influência do grupo social a que pertencem e os constrangimentos do mercado matrimonial – que condicionam as oportunidades geradas no contexto local. Com efeito, as diferentes combinações possíveis dessas forças entre si poderão originar conjugalidades e vivências conjugais distintas em relação ao passado (Waldis & Byron, 2006), pois a família é o produto de uma construção social constante onde a presença de valores e normas definem, à partida, os seus membros e as suas relações interpessoais com o espaço socioeconómico envolvente. (Grillo, 2008)

A concepção por parte dos indivíduos de como a família deve ser constituída e o modo como as suas relações internas e externas são

conduzidas, determinam a possibilidade do surgimento de conjugalidades endogâmicas ou exogâmicas. O facto de os imigrantes serem oriundos de sociedades ou comunidades com referenciais culturais distintos dos da maioria da sociedade ou comunidade de acolhimento contribui directamente para o modo como as relações conjugais são conduzidas. (Fonseca & Ormond, 2008) Ao mesmo tempo, a privação das suas estruturas de suporte familiar e social – seja por limitações legislativas dos países de acolhimento ou dos de origem ou, ainda, por opção individual ou familiar –, contribuem para uma integração nem sempre bem sucedida. Nestas circunstâncias, o retorno pode ser um sentimento presente.

Contudo, este pressuposto não é transversal a todos os fluxos migratórios no sentido em que possuem características demográficas, socioeconómicas e culturais que os diferencia na sociedade de acolhimento e, ao mesmo tempo, por se encontrarem em fase distintas da maturidade migratória internacional. O facto de os imigrantes antes de emigrarem já possuírem determinadas características socioculturais de base – língua, habilitações socioprofissionais, religião, proximidade cultural, entre outros – podem determinar o (in)sucesso do processo de integração e de assimilação económica e social. (Fonseca & Ormond, 2008; Pires, 2002) Isto mesmo concluiu Ramos & Ferreira (2008), quando analisou os casamentos de estrangeiros residentes em território português, ao verificar que os valores de exogamia e de endogamia não eram idênticos para todas as nacionalidades, sendo que

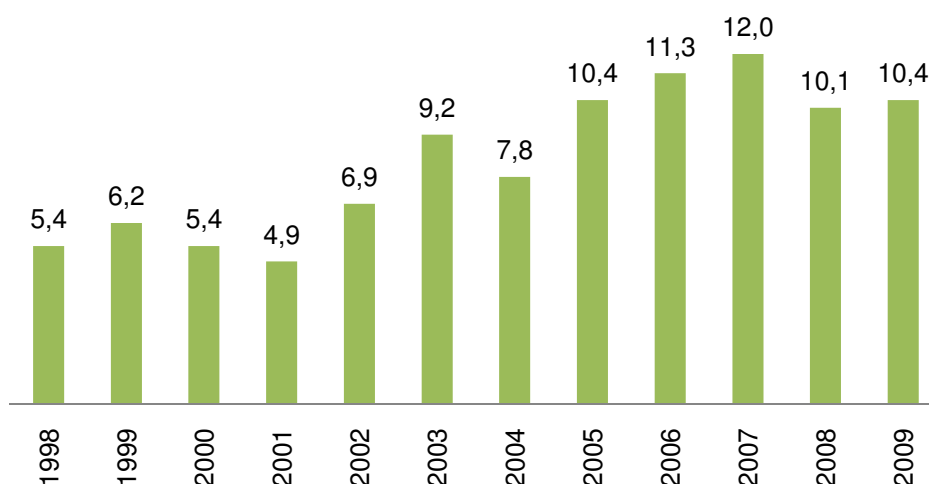
“os brasileiros e brasileiras casam essencialmente fora do grupo, com portugueses e portuguesas; as ucranianas também casam maioritariamente com portugueses e, só depois, no interior do seu grupo de naturalidade; já os homens ucranianos casam em primeiro lugar com mulheres da mesma naturalidade [...]. Os imigrantes com origem nos países africanos têm um comportamento distinto e casam em primeiro lugar, dentro do seu grupo” (2008: 17)

Em relação aos valores registados para os Açores, ao contrário do observado para o continente português onde, a partir da análise estatística dos micro-dados do INE para o ano de 2005, foram analisados os padrões de casamento de cinco nacionalidades (Angola, Cabo-Verde, Guiné Bissau, Brasil e Ucrânia), iremos centrar a nossa atenção em três destas nacionalidades (Brasil, Cabo-Verde e Ucrânia). Ao mesmo tempo, consideramos os dados diacrónicos dos casamentos entre estrangeiros e nacionais nos Açores no período 1998-2009 nas variáveis estatísticas disponíveis: estrangeiro vs nacional, sexo dos cônjuges e ilha de residência. Importa sublinhar que a informação só se encontra desagregada para as duas últimas variáveis no período 1998-2008.

Se considerarmos os valores globais dos casamentos nos Açores no período 1998-2009, a tendência geral é para que estes ocorram maioritariamente entre cidadãos portugueses, ainda que os anos mais recentes revelem outras tendências. Assim, dos 1785 casamentos registados em 1998, 41 envolviam um elemento estrangeiro. Em 2009, para além de observarmos uma diminuição do total de casamentos – menos 580 –, o mesmo se verificou entre os nacionais (1126). Em sentido oposto, mais de 10 anos depois da

imigração nos Açores nos moldes actuais, acautelando a pequenez dos casamentos exogâmicos (759 casamentos desde 1998), dos cerca de 2% de casamentos registados em 1998 passamos, em 2009, para cerca de 7%.

Gráfico 20: Distribuição do total de casamentos celebrados entre estrangeiros e nacionais nos Açores (1998-2009), (%)



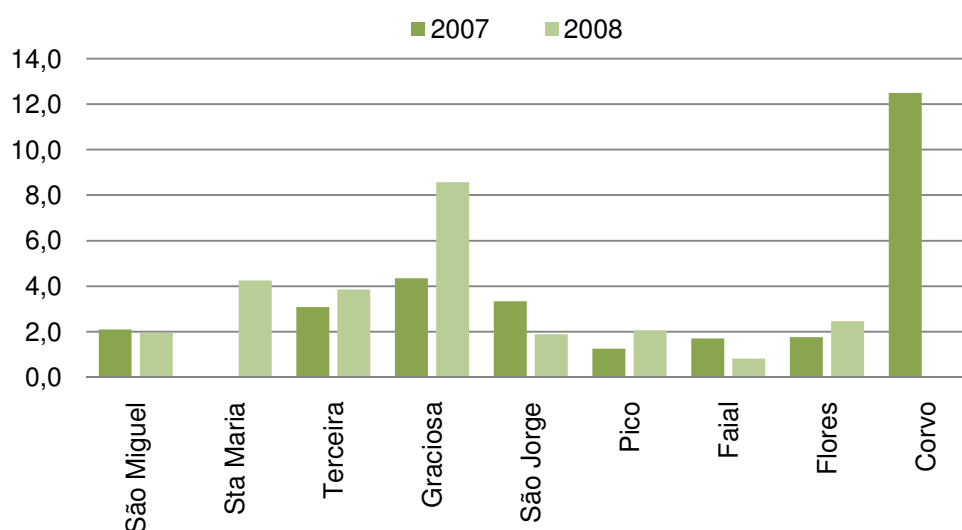
Fonte: SREA (vários)

Estes valores devem ser analisados tendo em conta o peso que têm no volume total de estrangeiros residentes e, ao mesmo tempo, a distribuição temporal. Assim, considerando que em 1998 o total de população estrangeira residente era de 2 577 e o número de casamentos realizados entre nacionais e estrangeiros foi de 41, então temos um peso de 1,59%. Volvidos mais de 10 anos depois, o peso dos casamentos foi de 2,24%, resultado de 3 534 estrangeiros residentes e de 79 casamentos. Quanto à distribuição temporal, considerando o total de casamentos exogâmicos registado no Arquipélago desde 1998, de referir que é em 2007 que observamos a percentagem mais

elevada. Nos anos mais recentes, o número de casamentos tem-se mantido relativamente estável, na ordem dos 70 por ano.

Ao considerarmos o peso dos casamentos exogâmicos no total de estrangeiros residentes em cada uma das ilhas, verifica-se que a tendência é para a concentração dos casamentos entre estrangeiros e nacionais nos espaços onde a capacidade de atracção económica é maior. Em termos relativos, as ilhas São Miguel, Faial, Pico e São Jorge o peso dos casamentos entre estrangeiros e nacionais é menos intenso.

Gráfico 21: Peso dos casamentos entre estrangeiros e nacionais em relação ao total da população estrangeira residente nos Açores, por ilha (%)

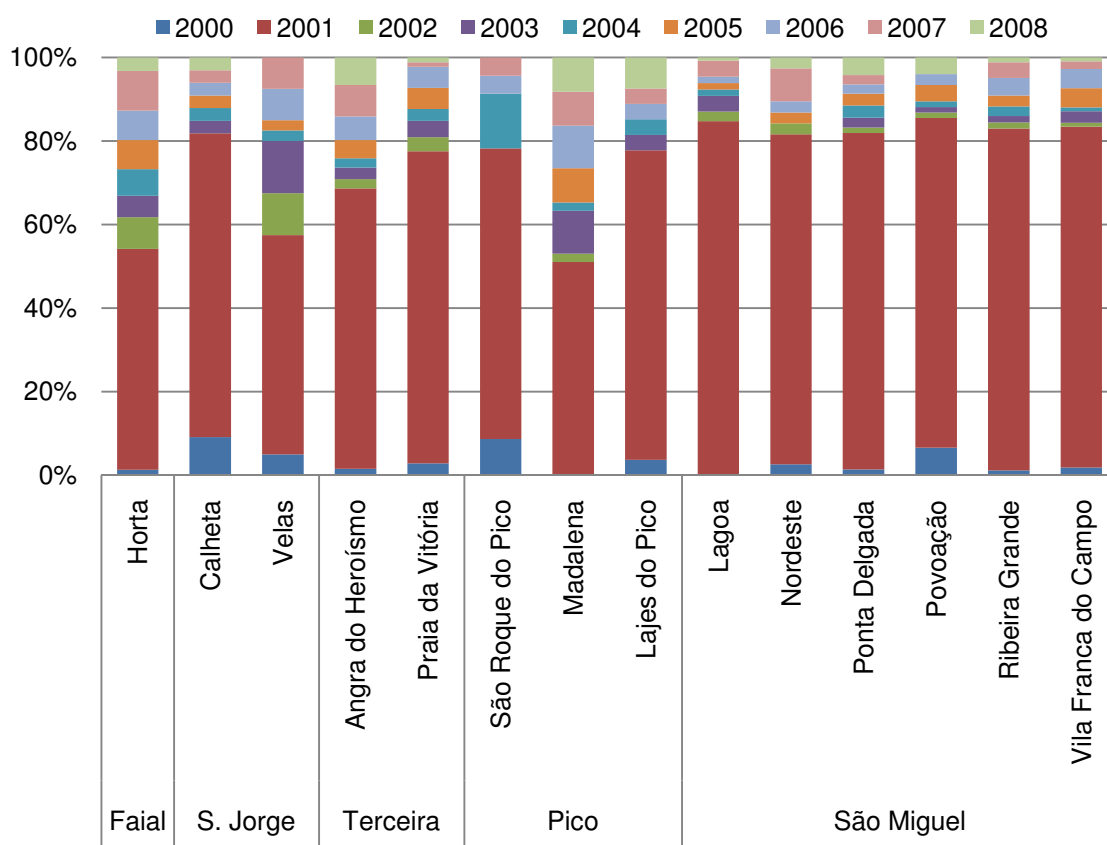


Fonte: SREA (vários); INE (2009a)

Numa análise por concelho, o ano de 2001 foi aquele onde registamos mais de 74% do total de casamentos ocorridos entre 2000 e 2008. Os concelhos economicamente mais activos e onde a capacidade de fixação de estrangeiros é maior – Ponta Delgada, Ribeira Grande, Lagoa e Angra do Heroísmo – foram precisamente aqueles que recolheram cerca de 53% do total

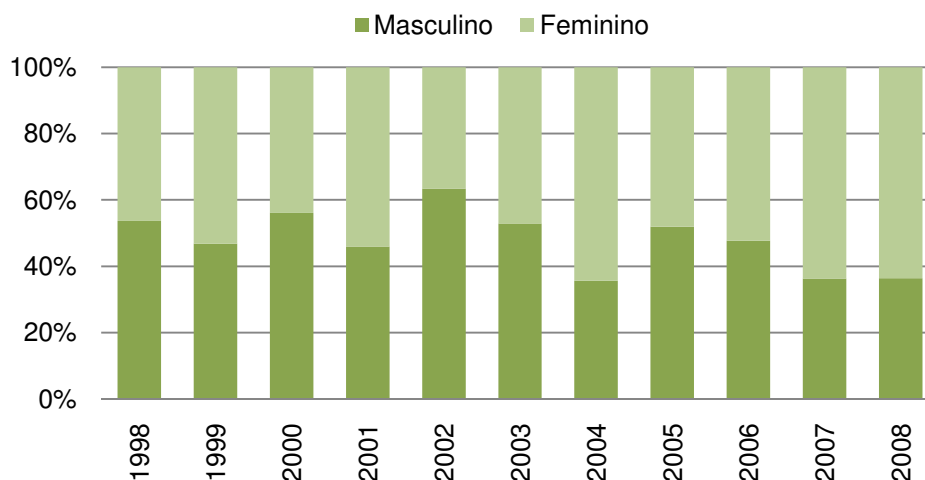
de casamentos exogâmicos no ano de 2001. No período em análise, ainda que condicionados pelos valores observados em 2001, estes concelhos recolheram 65,1% do total de casamentos realizados. A elevada percentagem neste ano poderá ser o resultado de duas situações distintas: estratégia dos imigrantes de ficarem a residir permanentemente em Portugal evitando a renovação anual das autorizações de residência, ou de relações conjugais existentes e que o 3.º processo de regularização extraordinário, terminado em 2004, permitiu regularizar por via do casamento.

Gráfico 22: Casamentos celebrados entre estrangeiros e nacionais, pelos principais concelhos, (2000-2008) (%)



Fonte: INE (2009a)

Gráfico 23: Casamentos celebrados nos Açores (1998-2008), segundo o sexo do estrangeiro, (%)



Fonte: SREA (vários)

Conhecidas algumas das características demográficas da população açoriana e das principais tendências endogâmicas e exogâmicas da população estrangeira residente no Arquipélago nos últimos anos, apesar de desconhecermos, entre outras variáveis, a nacionalidade efectiva dos intervenientes, consideramos que a evolução anterior não resulta directamente de desequilíbrios do mercado de matrimonial regional e local, mas de opções individuais de nacionais e estrangeiros num espaço geográfico onde se jogam múltiplas identidades e referenciais culturais.

Notas síntese

1. Nas últimas décadas, ao mesmo tempo de assistimos à contracção da dimensão dos agregados familiares, na sequência do declínio da nupcialidade e da natalidade e do aumento da divorcialidade, observa-

- se ao aumento do número de famílias insulares, resultado da diversificação das possibilidades de os indivíduos iniciarem a sua conjugalidade;
2. Aumento da proporção de indivíduos casados sem registo (união de facto) em relação à população residente casada – cerca de 7% em 2001 – e diminuição dos casamentos assentes em valores religiosos – em 1995 a proporção de casamentos católicos era de 38,4% e em 2009 de 22,1%;
 3. Os Açores continuaram a apresentar relativamente atractivos para a população estrangeira, como comprova a manutenção nos últimos dois anos de um efectivo na ordem dos 3.500 estrangeiros;
 4. O total de famílias clássicas estrangeiras residentes representava em 2001 e 1991 cerca de 1% e 0,8%, respectivamente. Com a excepção dos naturais da América do Norte, todas as restantes origens apresentaram ganhos significativos destacando-se os europeus (13,8% em 1991 para 29% em 2001) e os africanos (15,4% em 1991 para os 26% em 2001);
 5. Em 1998 o total da população estrangeira residente no Arquipélago era de 2.577 e o número de casamentos realizados entre nacionais e estrangeiros de 41, representando um peso de 1,59%. Em 2009 o peso dos casamentos atingiu os 2,24%, resultado de 3 534 estrangeiros residentes e de 79 casamentos;
 6. Considerando o peso da exogamia no total de estrangeiros residentes em cada uma das ilhas, concluiu que nas ilhas São Miguel, Faial, Pico

e São Jorge ele é menos intenso, e nas do Corvo e na Graciosa é mais expressivo em termos percentuais;

7. Os concelhos que se apresentam economicamente mais activos e onde a capacidade de fixação de estrangeiros é maior – Ponta Delgada, Ribeira Grande, Lagoa e Angra do Heroísmo – recolhem cerca de 53% do total de casamentos exogâmicos em 2001. Entre os anos de 2000 e 2008 representavam cerca de 65% do total regional.

Capítulo III: Caracterização sociodemográfica

Introdução

Conforme vimos no capítulo anterior, a presença prolongada de população estrangeira nos Açores ao longo das duas últimas décadas, com características demográficas socioeconómicas distintas, parece ter influenciado a organização de algumas das estruturas familiares insulares. A exposição dos imigrantes a contextos sociais diferentes, onde coexistem e se interrelacionam pertenças identitárias e papéis múltiplos, conduziu a estratégias pessoais ou colectivas de integração com o objectivo de se ajustarem ao quotidiano cultural e socioeconómico da sociedade receptora.

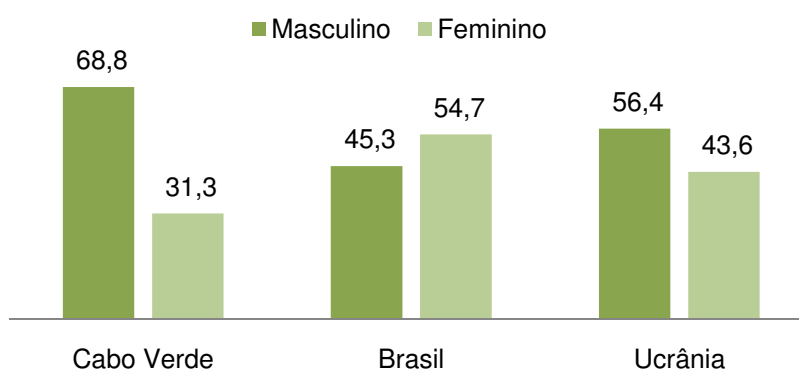
Neste capítulo, prosseguindo com os objectivos de ordem teórica e metodológica inicialmente definidos, para além da análise das variáveis estritamente demográficas, procura-se aprofundar os conhecimentos sobre a situação socioeducativa e a condição socioprofissional dos imigrantes pelo relevo que assumem na compreensão do processo de integração social e económica, um dos pilares para a disseminação da exogamia. De acordo com a tese da segmentação, as condições de concorrência imperfeita que os imigrantes encontram no mercado de trabalho regional (Rocha, *et al.*, 2009; Ferreira, 2008; Rocha, *et al.*, 2004) têm consequências directas na posição e nas condições no trabalho. A partir destes e de outros aspectos, pretende-se construir o pano de fundo para o aprofundamento dos conhecimentos sobre os processos de formação da exogamia e da endogamia em contexto migratório, bem como dos valores e representações a eles associados.

3.1. Perfil demográfico e socioeconómico

3.1.1. Sexo e idade

As variáveis sexo e idade ao constituírem elementos essenciais em qualquer caracterização demográfica, permitem avaliar o impacto da entrada de população estrangeira – normalmente jovem, maioritariamente masculina e em idade activa – numa determinada estrutura sociodemográfica e, ao mesmo tempo, facultam-nos “um enquadramento familiar mais adequado, quer nas relações de conjugalidade entre imigrantes, como destes com os nacionais e outros residentes do país ou região de acolhimento” (Rocha, *et al.*, 2009:44).

Gráfico 24: Imigrantes por região de origem e sexo (%)

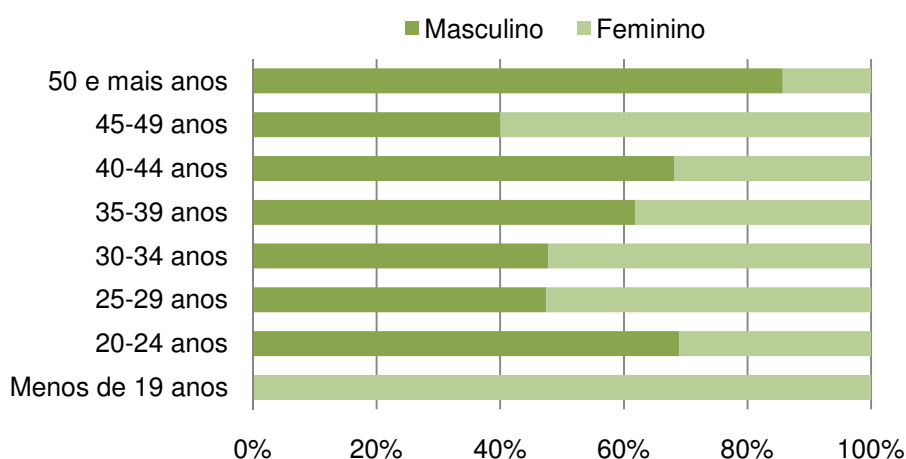


Quanto à distribuição por sexo, como seria de esperar nos fluxos imigratórios nos Açores (Rocha, *et al.*, 2009), registamos a prevalência dos efectivos do sexo masculino (cerca de 54%) – 46,2% de mulheres. Numa análise por nacionalidade, concluímos que são os cabo-verdianos aqueles que apresentam, comparativamente com os brasileiros e ucranianos, as maiores

diferenças entre sexos. No caso dos brasileiros, a imigração é maioritariamente feminina, com cerca de 55%.

Se atendermos à variável idade, uma das primeiras conclusões que importa retirar é da presença maioritária de efectivos activos jovens, com particular relevo para o peso que o grupo etário 25-29 anos assume em relação ao total – cerca de 32%. As idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos recolhem cerca de 35% do total. A percentagem de indivíduos com idades inferiores a 19 anos e superiores a 55 anos é relativamente residual dada a pequenez de efectivos em causa – 2 e 3%, respectivamente.

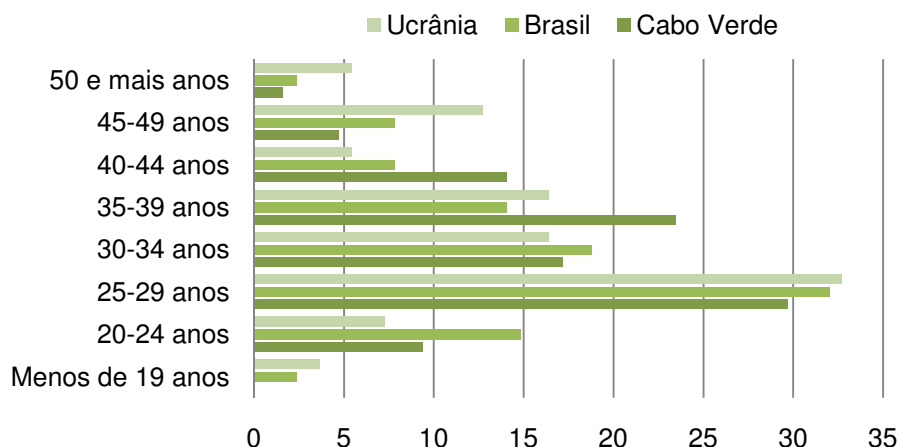
Gráfico 25: Imigrantes por grupos de idade e sexo (%)



Numa análise comparada das variáveis base, importa sublinhar o facto de os indivíduos com idades compreendidas entre 25 e os 34 anos serem maioritariamente do sexo feminino – cerca de 53%. Tal situação só encontra valores semelhantes, na ordem dos 40%, no grupo 45-49 anos de idade. Nos restantes grupos, à excepção dos que têm menos de 19 anos pela pequenez de efectivos (5), a percentagem de indivíduos do sexo masculino é

relativamente elevada. São, por exemplo, os casos dos indivíduos com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos (69%) e os 40 e 44 anos (68%).

Gráfico 26: Imigrantes por grupos de idade e nacionalidade (%)



Numa análise por nacionalidade, destaca-se o facto de os brasileiros e ucranianos serem os mais representativos nas idades compreendidas entre os 20 e os 34 anos. Por outro lado, denotamos uma forte presença de efectivos brasileiros relativamente jovens, sobretudo do sexo feminino, no grupo 20-24 anos de idade. Um outro dado a reter é o da representatividade que os cabo-verdianos e ucranianos assume nas idades mais avançadas (a partir dos 45 anos), ao contrário do que acontece para os brasileiros.

Face aos dados apresentados, apesar das diferenças registadas entre nacionalidades, por sexo e por idade, concluímos que estamos na presença de uma população maioritariamente jovem e activa e, como veremos no capítulo seguinte, com intenção de se fixar definitivamente nos Açores.

3.1.2. Instrução, mercado de trabalho e estrutura socioprofissional

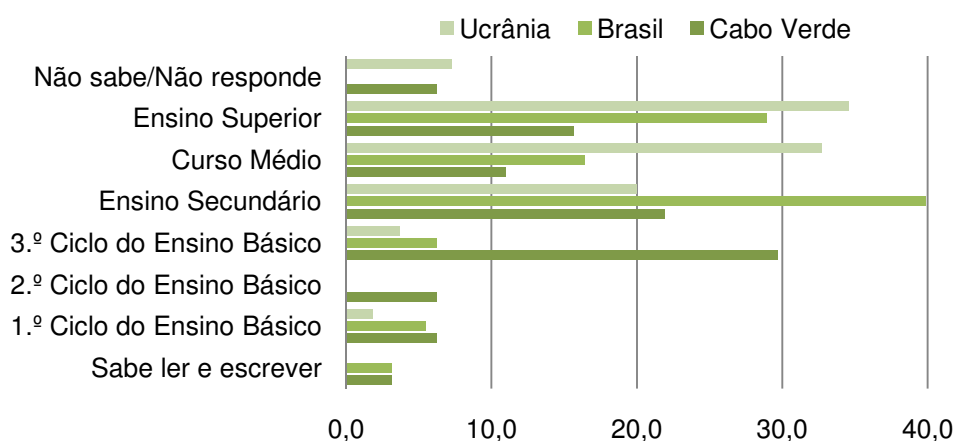
Como tivemos oportunidade de sublinhar, as motivações económicas são comumente apontadas por diversos autores (Rocha, *et al.*, 2009; Portes, *et al.*, 2008; Peixoto, 2008; 2004, Portes, 1999) como determinantes nos fluxos migratórios contemporâneos. Na perspectiva interpretativa do modelo *push-pull* a procura de melhores condições económicas em termos individuais ou familiares, representa o principal mecanismo causal da decisão de partir. Neste sentido, a análise dos custos e dos benefícios associados à migração tendem a ser equacionados, regra geral, em relação à situação face ao trabalho, nos rendimentos e nas oportunidades que se geram na região de destino.

Assim, apesar dos possíveis cálculos económicos que os migrantes possam ter realizado equacionando todos os custos e benefícios associados à decisão de migrar, a realidade encontrada no mercado de trabalho nem sempre corresponde às expectativas e permite que a integração se processe de modo homogéneo. Com efeito, considerando que as variáveis instrução e profissão estão correlacionadas entre si (Rocha, *et al.*, 2009), é possível encontrarmos “o exercício de profissões pouco qualificadas por parte de uma população com elevado nível de conhecimentos e competências” (Rocha, *et al.*, 2009:49). Tendo em conta este desfasamento, estas duas variáveis são fundamentais quando se pretende aferir o sucesso do processo de integração e de assimilação social e económica dos imigrantes na sociedade micaelense.

Tal como apontado por Rocha, *et al.* (2009), ainda que com valores distintos para o Arquipélago, os níveis de instrução dominantes na nossa

população são o Ensino Secundário e o Ensino Superior – 30,8% e 26,7%, respectivamente. Em menor percentagem encontramos os indivíduos com o Curso Médio e o Ensino Básico. Estes valores contrastam com os registados para a população micaelense em 2001, onde cerca de 19% não sabe ler nem escrever. O Ensino Básico, por sua vez, reúne mais de 55% do total da população micaelense e, em sentido contrário, encontramos os indivíduos com Ensino Secundário (7,4%) e Superior (4,3%) apenas abrangem uma minoria da população.

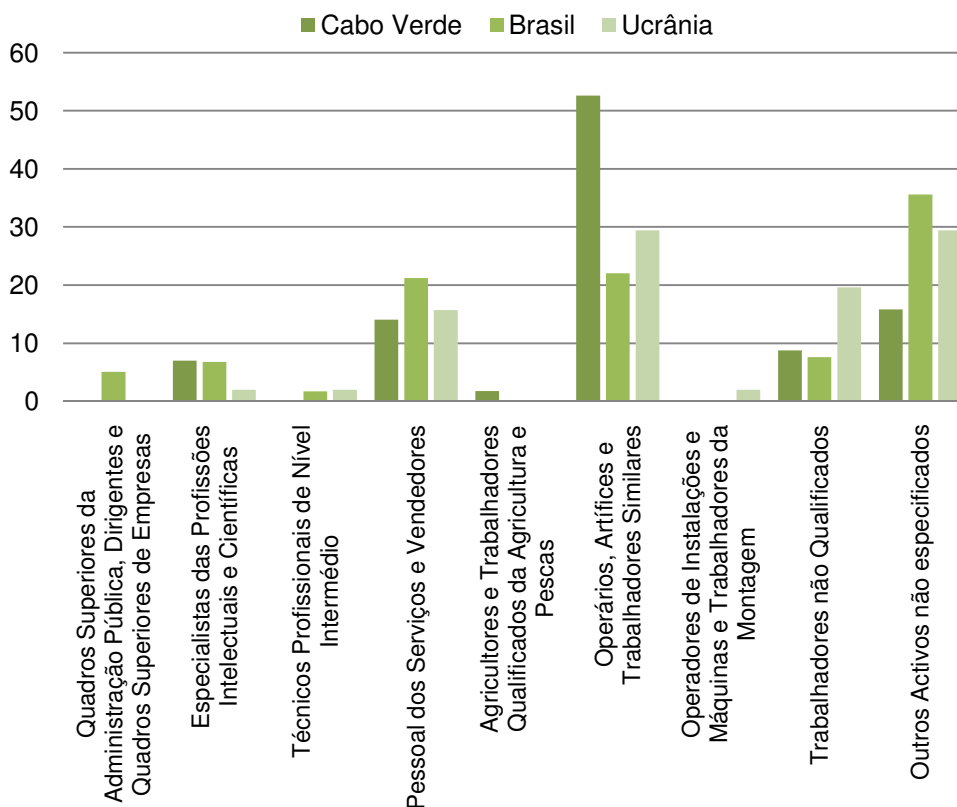
Gráfico 27: Imigrantes por nível de instrução e nacionalidade (%)



Quando atendemos à nacionalidade e ao sexo, por nível de instrução, inferimos que são os efectivos do sexo feminino os que se apresentam mais qualificados com valores acumulados, a partir do Ensino Secundário, na ordem dos 81%. No Ensino Superior, à semelhança do que sucede para o Ensino Médio, em comparação com os restantes, são os ucranianos aqueles que apresentam os valores mais elevados – 34,5% e 32,7%, respectivamente. Em relação às restantes nacionalidades, de sublinhar a forte presença de efectivos nos níveis de instrução mais baixos, com particular destaque para os cabo-

verdianos no ciclo preparatório. Por outro lado, de relevar a presença de brasileiros com o ensino secundário – cerca de 40%.

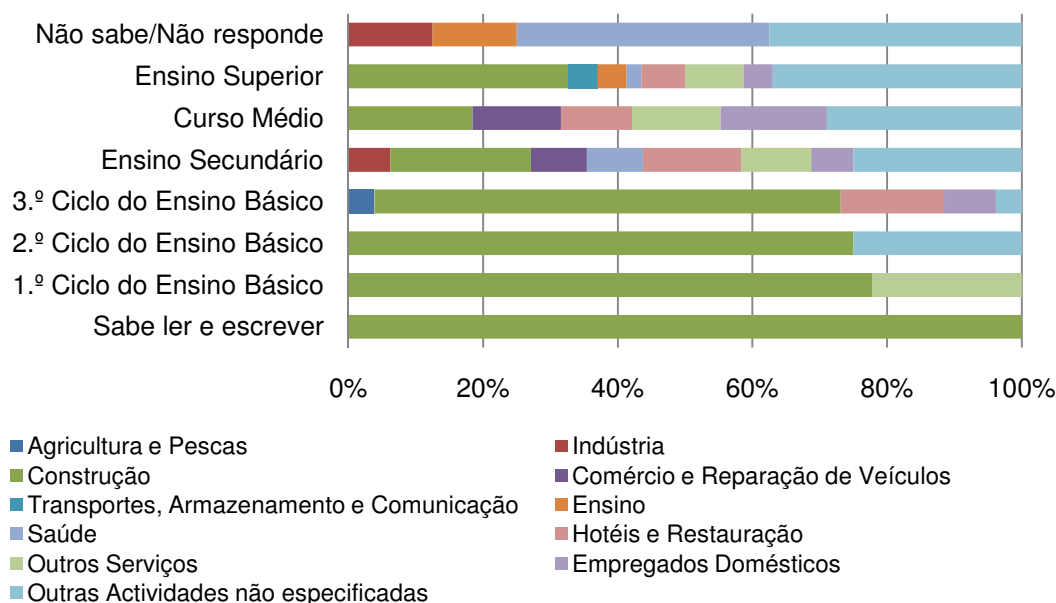
Gráfico 28: Imigrantes por profissão (CNP) e nacionalidade (%)



Numa análise mais atenta à posição que os imigrantes ocupam no mercado de trabalho local, denotamos a presença de uma forte polarização em dois grupos socioprofissionais – serviços e vendas e ao operariado com 16,6% e 28,7%, respectivamente. Em termos de composição profissional, em função da nacionalidade, verificamos a concentração de efectivos cabo-verdianos nas profissões menos qualificadas, designadamente no operariado (52,6%). No caso dos brasileiros, o desempenho de funções ligadas aos serviços e vendas e ao operariado reúne as percentagens mais elevadas. Ainda que com valores

residuais, encontramos efectivos que ocupam profissões valorizadas socialmente, como é o caso dos empresários e de profissionais ligados à saúde. Em relação aos ucranianos, o desempenho de funções ligadas ao operariado (29,4%) e aos serviços e vendas (15,7%) ocupam grande parte dos seus efectivos. De destacar cerca de 20% de respondentes que desempenham profissões não qualificadas.

Gráfico 29: Imigrantes activos segundo o nível de instrução e sector de actividade (%)



Dos valores já analisados e apesar de desconhecermos as profissões exercidas pelos imigrantes no país de origem ou antes de chegarem aos Açores, no caso da imigração indirecta, o mercado de trabalho micalense tem revelado alguma capacidade de absorção de mão-de-obra imigrante, sobretudo em regime de substituição, no sector da construção e da hotelaria e restauração. Denotamos ainda alguma desadequação entre as qualificações possuídas e a profissão/actividade exercida actualmente na ilha de São Miguel,

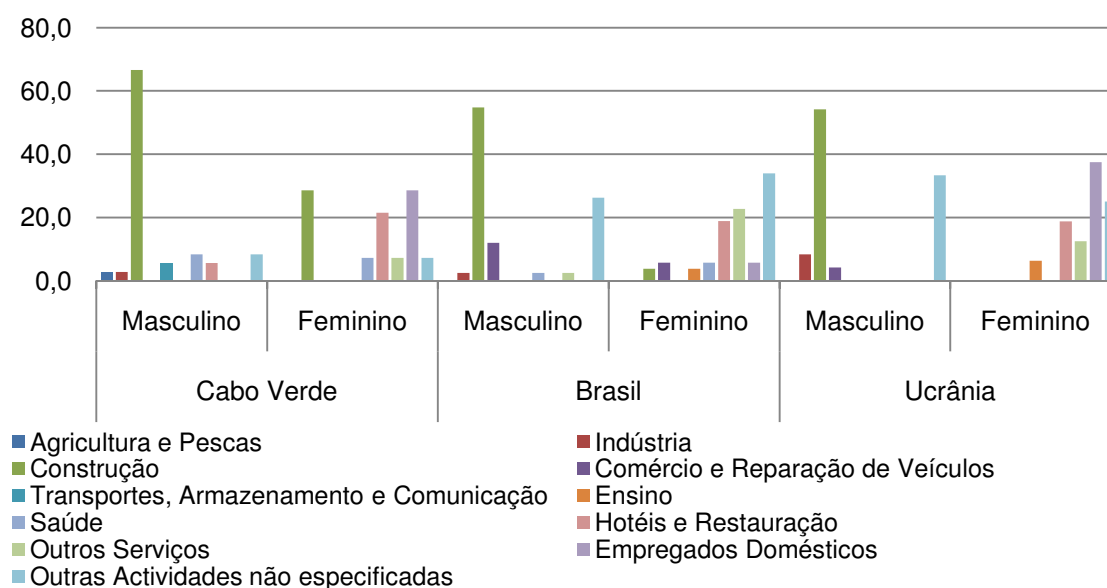
mais acentuada para os ucranianos, e menos para os brasileiros e cabo-verdianos. Esta situação é mais evidente nos indivíduos ucranianos (42%) e brasileiros (23,3%) com ensino superior a exercerem actividades ligadas ao operariado. No caso dos cabo-verdianos, apesar de os valores serem residuais, cerca de 67% dos indivíduos com este nível de instrução está ligada aos serviços e vendas (cerca de 67%).

Contudo, nos níveis intermédios de instrução (Ensino Secundário e Curso Médio) encontramos uma correlação positiva entre esta variável e a profissão/actividade actualmente exercida pelos imigrantes, ainda que variando consoante a nacionalidade e sexo. Assim, tal como refere Rocha, *et al.*, (2009:121) para a generalidade dos imigrantes activos residentes nos Açores em 2008, encontramos “algum reconhecimento de competências, por parte dos agentes e das estruturas que estão do lado da oferta de trabalho, em relação, muito em particular, a uma faixa de imigrantes medianamente escolarizada”.

Quando consideramos a distribuição por sexo, como seria de esperar, em virtude da composição maioritariamente masculina dos imigrantes em análise, à excepção dos brasileiros, a distribuição por profissão/actividade tende a se revelar desigual. Em termos comparativos e atendendo aos valores globais registados para cada grupo de imigrantes, concluímos que são os efectivos masculinos, em especial os cabo-verdianos (66,7%), que mais se concentraram no sector da construção. Com percentagens relativamente mais baixas, quando comparadas com as registadas para os cabo-verdianos, ainda que com uma importância significativa neste sector de actividade, na ordem dos 54%, estão os brasileiros e os ucranianos.

Quanto aos efectivos femininos, apesar da distribuição pelos diferentes sectores de actividade ser relativamente próxima e homogénea, de sublinhar a presença de cerca de 38% de ucranianas e de 29% de cabo-verdianas a desempenharem funções como empregadas domésticas. Os valores registados no sector da Hotelaria e Restauração merecem, igualmente, a nossa atenção pelo facto de ser aquele que, depois da Construção, recolhe maiores percentagens.

Gráfico 30: Imigrantes por sectores de actividade, nacionalidade e sexo (%)



Numa análise por idade, apesar de os valores estarem relativamente dispersos pelos diferentes sectores de actividade, a tendência mais marcante é, efectivamente, a da forte presença do sector da Construção em todos grupos etários. Com valores mais significativos, encontramos os indivíduos situados nas faixas 25-29 anos e 35-39 anos. Com valores mais moderados surgem os indivíduos situados no grupo intermédio dos anteriores e no grupo dos 20-24 anos.

Gráfico 31: Imigrantes por idade e sectores de actividade (%)

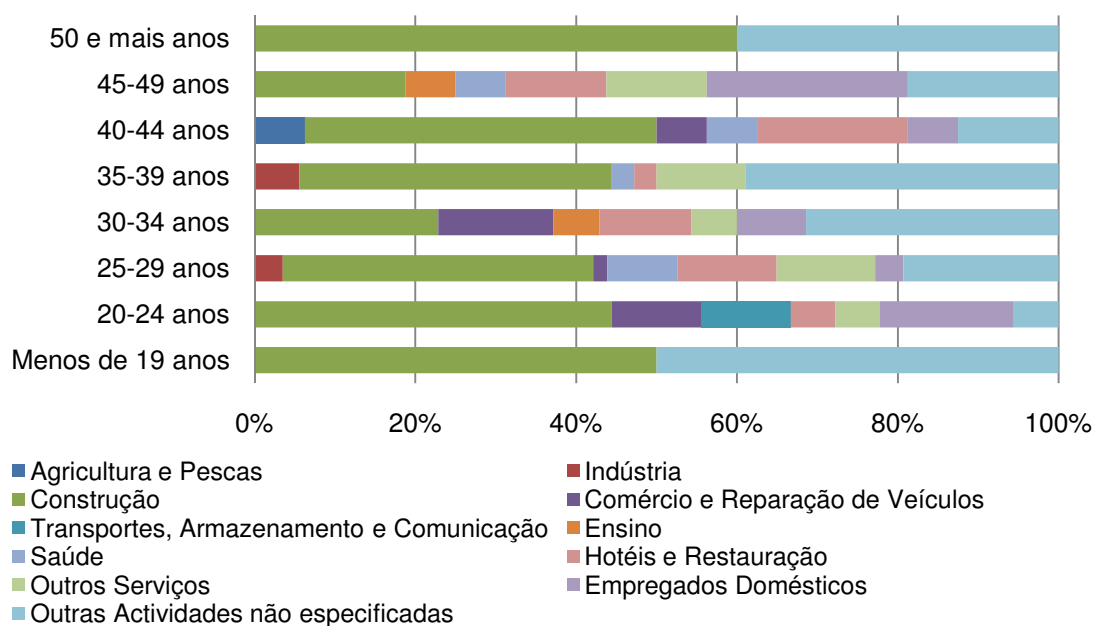
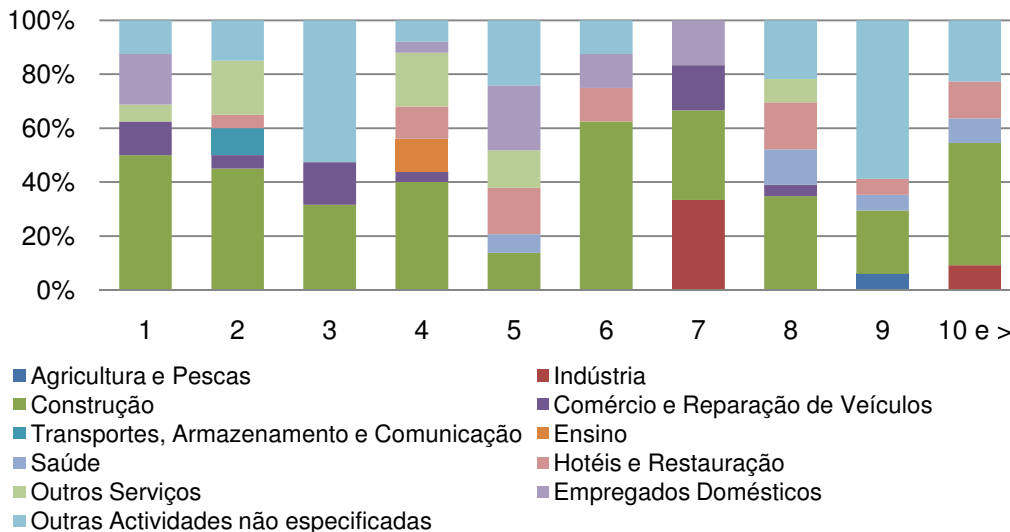


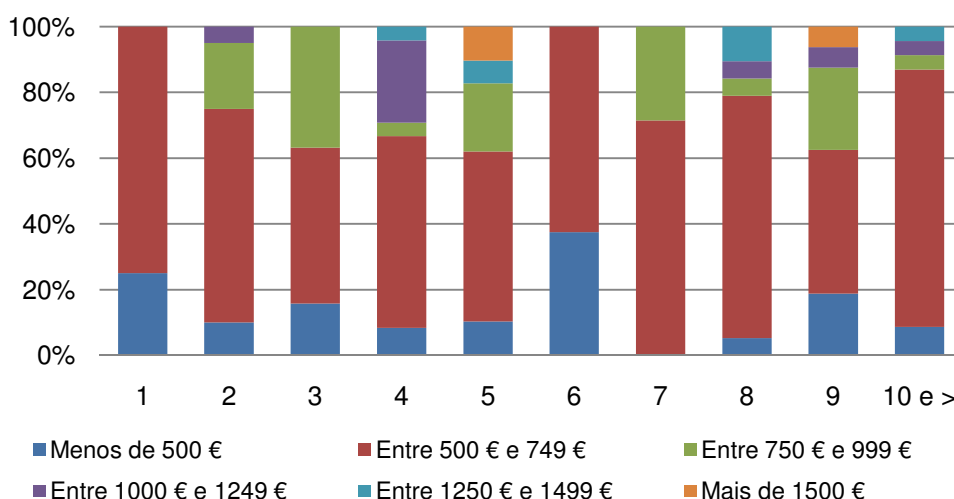
Gráfico 32. Imigrantes por tempo de residência (anos) e por sectores de actividade (%)



Quando analisamos estes valores por tempo de residência, os indivíduos que têm um tempo de residência no máximo de 1 ano concentram-se, maioritariamente no sector da Construção (50%), no Comércio (22,2%) e nos Empregados Domésticos (23,1%). Apesar do sector da Construção

continuar a atrair a maioria dos efectivos activos estrangeiros nos Açores, um dado que importa reter é, efectivamente, o facto de assistir a uma diversificação dos sectores de actividade à medida que o tempo de residência aumenta. Um exemplo claro é o do sector da Hotelaria e Restauração que começa a ser atractivo para os imigrantes que têm um tempo de residência superior aos 4 anos.

Gráfico 33: Salário médio mensal auferido pelo imigrante por tempo de residência (%)



Do que foi possível observar no gráfico anterior, não parece existir uma relação directa entre o tempo de residência e o salário médio mensal auferido pelos imigrantes. Isto é, à excepção de uma pequena percentagem de indivíduos que auferem salários superiores a 1500€ mensais, a esmagadora maioria não ultrapassa os 750€ – cerca de 69%. Contudo, registamos o facto de que os imigrantes com um tempo de permanência de igual ou inferior a 1 ano, ainda que os valores sejam residuais, não têm rendimentos mensais superiores a 750€.

Gráfico 34: Imigrantes por salário médio mensal auferido (%)

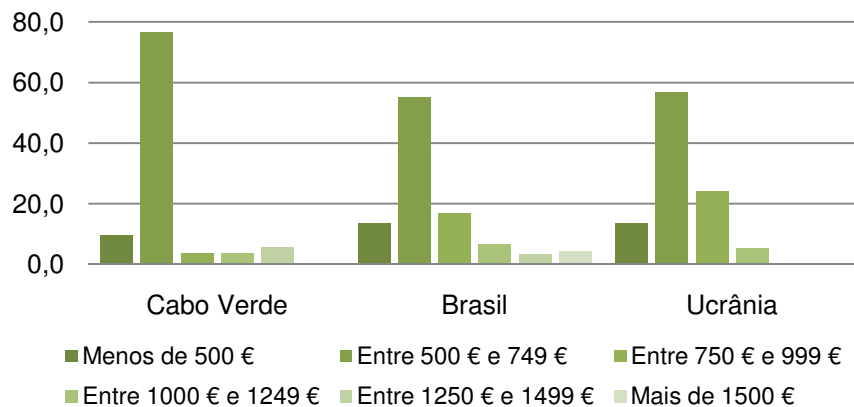
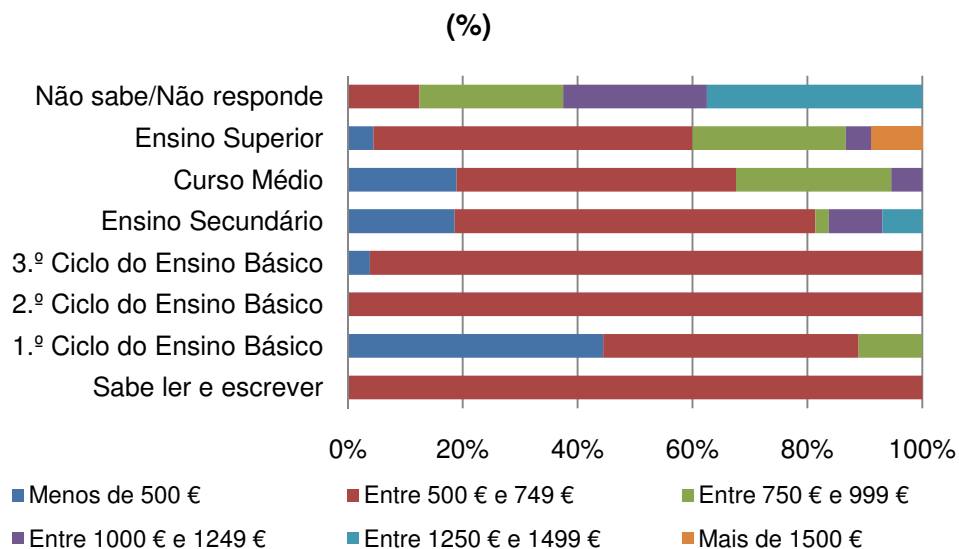


Gráfico 35: Imigrantes por nível de instrução e por salário médio mensal auferido



Em termos gerais, concluímos que são mais os cabo-verdianos aqueles que, quando comparados com os brasileiros e com os ucranianos, apresentam maiores diferenças em termos de rendimentos. Quase 80% dos cabo-verdianos têm um salário médio mensal que oscila entre os 500€ e os 749€. Os brasileiros e os ucranianos, apresentando percentagens mais baixas neste nível de rendimento, apresentam percentagens mais elevadas nos rendimentos mensais superiores a 750€. Os indivíduos que apresentam

rendimentos entre os 750€ e os 1250€ representam cerca de 30% de ucranianos e de 24% de brasileiros. Neste último caso, importa sublinhar, apesar da presença de um número reduzido de efectivos, os cerca de 8% que têm um salário mensal superior a 1250€.

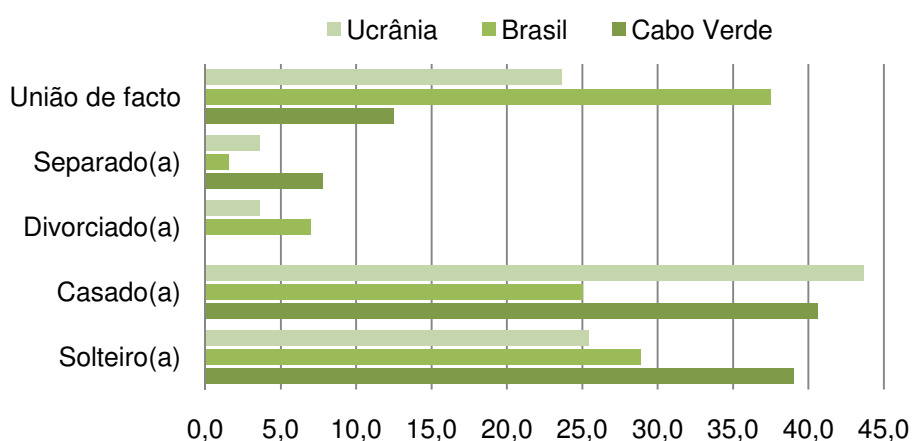
Quando procuramos analisar a adequação do salário auferido ao nível de instrução que detido, chegamos à conclusão de que, na generalidade, parece existir uma correspondência positiva. Ainda que continuemos a assistir à persistência de o salário mensal entre os 500€ e os 749€ em praticamente todos os níveis de instrução, é de notar que este tende a diminuir à medida que consideramos os efectivos com o Ensino Secundário ou Superior. Contudo, importa realçar a percentagem de indivíduos que com um nível de instrução igual ou superior ao ensino Secundário que, em teoria daria acesso a empregos com melhores remunerações, têm salários mensais inferiores a 500€.

3.2. Situação familiar e modalidades de coabitação

De acordo com os pressupostos teóricos apresentados no Capítulo I, parte do sucesso do processo de integração dos imigrantes está condicionado pela presença de redes sociais e familiares de apoio na sociedade de acolhimento, pelo tempo de residência, e pelos objectivos e motivações à partida e à chegada. Reconhecendo que, para além da função essencial de reprodução cultural, social e económica que a família desempenha nas sociedades de acolhimento, esta tem, igualmente, um importante papel no processo de integração dos imigrantes, na medida em que proporciona redes de protecção, apoio e de entreaajuda. A possibilidade de conhecermos o

enquadramento familiar e as modalidades de coabitação dos imigrantes residentes na ilha de São Miguel revela-se, assim, essencial quando pretendemos aferir as repercussões que estes aspectos têm no processo de adaptação e integração. (Rocha, *et al.*, 2009)

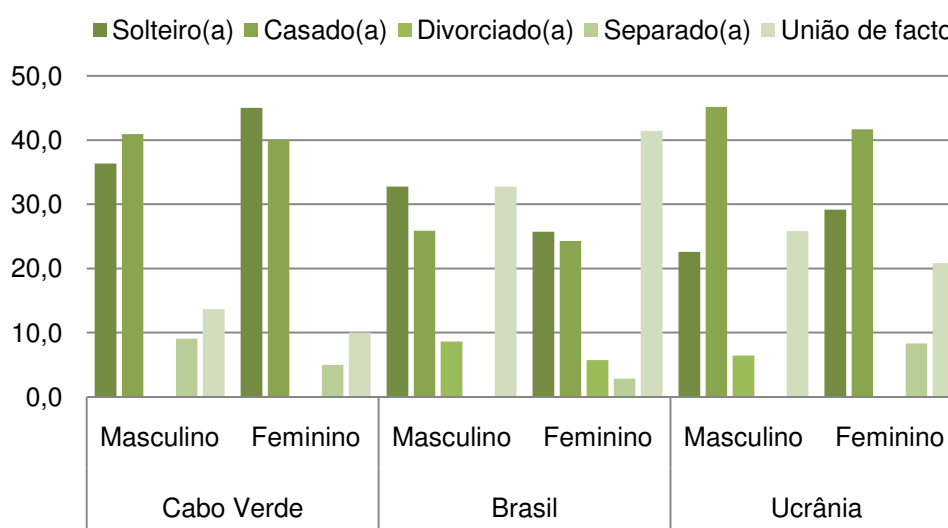
Gráfico 36: Imigrantes por estado civil actual (%)



Quando analisamos o estado civil actual da população imigrante, concluímos que 31% é solteira e 33% casada. Uma outra informação a reter é a percentagem relativamente elevada de indivíduos que afirmaram estarem a viver actualmente em união de facto (27,9%). Os restantes itens recolhem valores relativamente baixos – 4,5 % de divorciados e 3,7 % de separados. Por nacionalidade observamos que, em termos comparativos, a presença de efectivos solteiros é mais elevada nos cabo-verdianos (39,1%) e nos brasileiros (28,9%). No caso dos ucranianos registamos um valor próximo dos 26%. No que se refere aos indivíduos que responderam serem casados ou viver em união de facto, importa sublinhar que os valores que apresentamos a seguir dizem respeito unicamente ao estado civil indicado pelos inquiridos,

independentemente de estes se encontrarem actualmente a viver com o parceiro conjugal. Após esta nota e analisando as respostas dadas, concluímos que na categoria “casados” são os ucranianos aqueles que recolhem a percentagem mais elevada (43,6%), seguindo-se-lhes os cabo-verdianos (40,6%) e os brasileiros (25%). Em relação aos outros itens de resposta, cerca de 38% de brasileiros e 24% de ucranianos afirmaram viver actualmente em união de facto.

Gráfico 37: Imigrantes por sexo, nacionalidade e estado civil actual (%)



Em termos comparativos, considerando as variáveis sexo, nacionalidade e estado civil actual, concluímos que são mais os cabo-verdianos e os ucranianos do sexo masculino os que se encontram casados. Situação idêntica é registada para os efectivos femininos, com valores relativamente próximos dos masculinos no caso das cabo-verdianas (40%). No caso dos solteiros, com a excepção dos brasileiros, a presença de mulheres é relativamente superior. Assim, registamos 45% de cabo-verdianas e de 29,2%

de ucranianas que afirmaram estarem actualmente solteiras. Quanto aos que se encontram actualmente em união de facto – independentemente de viverem com o cônjuge, como já referimos – concluímos que são as brasileiras aquelas que mais apontaram esta categoria.

Quadro 3: Análise de correspondências entre o estado civil à chegada e o estado civil actual dos imigrantes (%)

Chegada/Actual	Solteiro(a)	Casado(a)	Divorciado(a)	Separado(a)	União de facto	Total
Solteiro(a)	53,9	17,0	3,5	3,5	22,0	57,3
Casado(a)	0,0	82,9	4,3	0,0	12,9	28,5
Divorciado(a)	0,0	0,0	37,5	12,5	50,0	3,3
Separado(a)	0,0	0,0	0,0	22,2	77,8	3,7
União de facto	0,0	0,0	0,0	5,6	94,4	7,3
Total	30,9	33,3	4,5	3,7	27,6	100,0

Ora, considerando que o processo migratório implica, por vezes, alterações das dinâmicas familiares e conjugais, importa analisar estes dados atendendo ao estado civil dos imigrantes à chegada. Assim, apesar de todas as modificações operadas a este nível, verifica-se que do total de imigrantes actualmente casados, cerca de 29% eram solteiros. Dos actualmente divorciados, cerca de 27% já o eram aquando da entrada no arquipélago. Dos restantes 73%, cerca de 46% eram solteiros e 27,3% casados. Em relação aos indivíduos actualmente separados, cerca de 56% entraram nos Açores solteiros. Ao mesmo tempo, alguns dos indivíduos que se encontram a viver actualmente em união de facto, estavam casados (15%), separados (11,7%) ou em união de facto (28,3%) à chegada aos Açores. Assim, concluiu-se que as

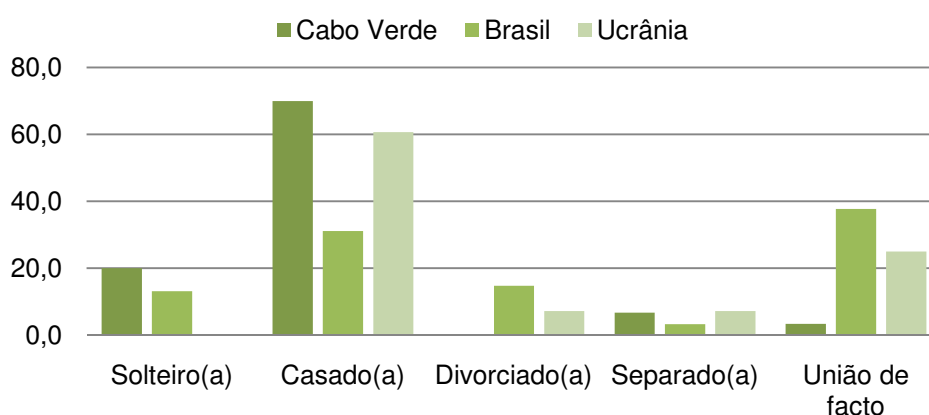
principais alterações nas diferentes categorias do estado civil, sobretudo nos solteiros, ocorreram ao longo da permanência no Arquipélago. Nas restantes categorias, podemos afirmar, com algum grau de precisão na sequência dos dados observados, que a exposição a outros ambientes sociais, consequência dos processos migratórios, apenas uma pequena percentagem iniciou uma nova relação. (cf. Quadro 3)

Um outro aspecto que importa analisar para melhor compreendermos todas estas dinâmicas está relacionado com a existência de descendência. Ora, considerando que a natalidade há muito que deixou de ser exclusiva das relações fundadas no casamento, situação que já tínhamos referido para a realidade nacional e regional, o mesmo foi possível verificar junto da população estrangeira inquirida. Com efeito, dos cerca de 48% que afirmaram ter filhos, cerca de 12% são solteiros e cerca de 26% encontram-se a viver em união de facto. Ignorando as causas e os fundamentos que estão na base desta situação, de registar apenas os cerca de 16% de efectivos femininos solteiros que têm filhos fora do casamento. Contudo, apesar destes traços de modernidade, a natalidade continua a encontrar o seu espaço privilegiado no interior do casamento nos indivíduos do sexo masculino (57,1%) e feminino (39,7%). Por nacionalidade, os brasileiros recolhem cerca de 53% do total de indivíduos que afirmaram terem filhos. Os cabo-verdianos e ucranianos, com percentagem mais baixas, estão relativamente próximos – 25,2% e 23,5%, respectivamente.

Atendendo ao estado civil, são os cabo-verdianos e os brasileiros os únicos a terem descendência fora do casamento – 20% de cabo-verdianos e 13% de brasileiros afirmaram terem filhos enquanto solteiros. Nas restantes

categorias do estado civil, com particular destaque para os casados, observamos que nos cabo-verdianos e nos ucranianos, por comparação com os brasileiros, a maior parte dos filhos nasceram no interior do casamento. Em relação aos que se encontram a viver em união de facto, cerca de 38% dos brasileiros afirmaram terem descendência.

Gráfico 38: Imigrantes com filhos por nacionalidade e estado civil (%)

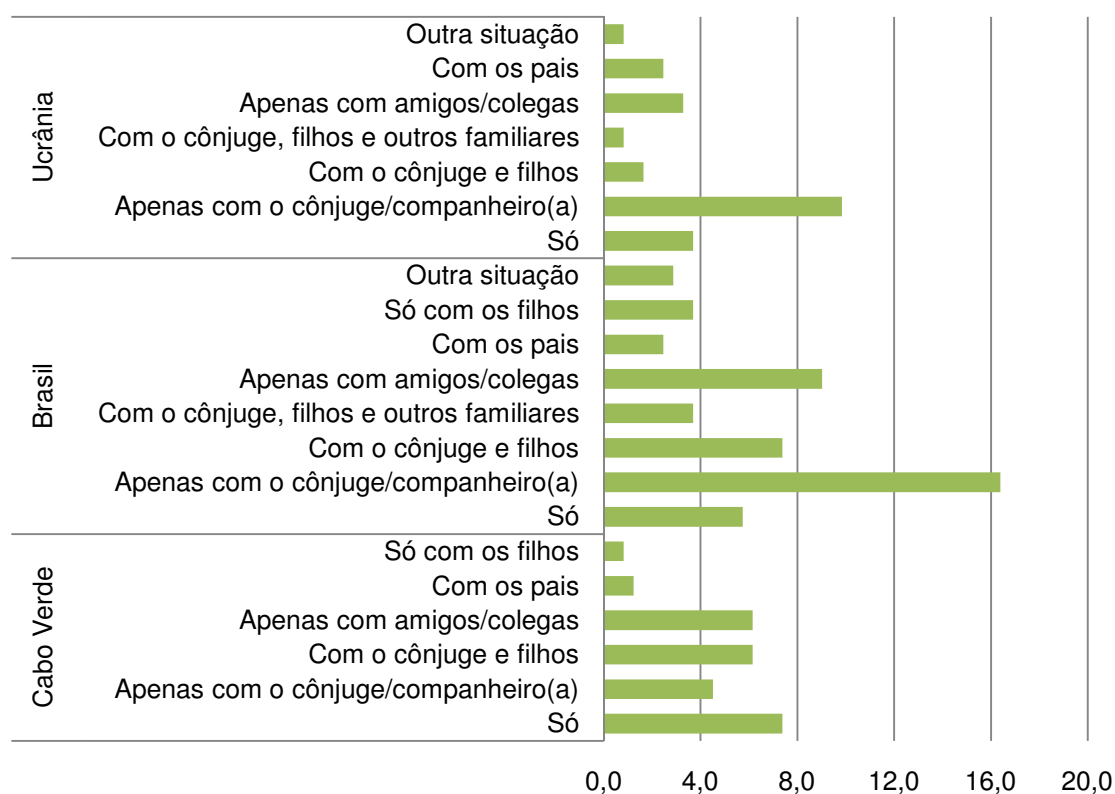


Relativamente às modalidades de coabitação, outra das dimensões importantes de análise do processo de adaptação e integração, constatamos que cerca de 57% dos inquiridos vive com familiares (cônjuge/companheiro(a), filhos e outros familiares). Com uma menor percentagem, surge os indivíduos que vivem sozinhos ou só com amigos – cerca de 35%. São os cabo-verdianos aqueles que mais vivem sozinhos (28,1%), enquanto que os brasileiros e os ucranianos recolhem percentagens na ordem dos 11,2% e os 16,4%, respectivamente.

Quando consideramos o estado civil actual dos imigrantes, por modalidades de coabitação, observamos que os indivíduos solteiros vivem maioritariamente sozinhos (35,6%) ou com colegas/amigos (34,2%). Por outro

lado, sublinhe-se os cerca de 19% de indivíduos que vivem com os pais. No caso dos casados, a percentagem dos que vivem sozinhos é relativamente diminuta (8,5%) quando comparamos com os que vivem com o cônjuge e filhos (40,2%) ou só com o cônjuge (32,9%). De salientar os cerca de 8% de indivíduos que vivem num contexto familiar relativamente alargado onde registamos a presença de outros familiares no agregado familiar. Quanto aos restantes items do estado civil, é de realçar o facto de os indivíduos que vivem actualmente em união de facto terem os seus parceiros e restantes familiares – filhos e outros familiares – a viverem consigo.

Gráfico 39: Imigrantes por nacionalidade e modalidades de coabitação (%)



Em termos comparativos, analisadas as modalidades de coabitação de acordo com a nacionalidade e tendo em conta o total de respondentes (n=244),

verifica-se que são mais os cabo-verdianos e os brasileiros aqueles que, independentemente do estado civil actual, vivem sozinhos. Nos casos dos indivíduos que vivem em contexto familiar – representam cerca de 61% do total de respondentes –, verificamos que são mais os brasileiros aqueles que registam os valores mais elevados (33,6%). No caso dos indivíduos que coabitam com colegas e amigos são os brasileiros e os cabo-verdianos aqueles que recolhem as percentagens mais elevadas.

Relativamente às diferenças por nacionalidade, considerando os totais registados em cada uma das categorias do estado civil, constatamos que são fundamentalmente os cabo-verdianos solteiros os que vivem sozinhos – 48%. Os brasileiros e os ucranianos apresentam nesta opção de resposta percentagens na ordem dos 29%. Contudo, não podemos deixar de frisar a percentagem de indivíduos que, muito provavelmente, em resultado das dificuldades económicas encontradas ou das próprias estratégias migratórias de curto prazo, se encontrarem a viver com amigos ou colegas. Esta modalidade não é influenciada pela nacionalidade, uma vez que registamos percentagens na ordem dos 35% em todas elas.

Verifica-se, ainda, que dos imigrantes casados, são, comparativamente, os ucranianos e os cabo-verdianos aqueles que mais optam – ou são forçados – por viverem sozinhos. Esta modalidade recolhe percentagens pouco expressivas no caso dos brasileiros (3,1%). Em sentido inverso, constatamos que a vivência em conjugalidade – cônjuge, companheiro(a) e filhos – é mais elevada nos brasileiros (87,5%), ainda que os cabo-verdianos e ucranianos registem valores na ordem dos 75%. Quanto aos indivíduos que vivem em união de facto, encontramos os cabo-verdianos a

viverem sós ou com amigos e colegas – 12,5% para ambos. Em relação aos ucranianos, a esmagadora maioria (92,3%) vive com o cônjuge/companheiro.

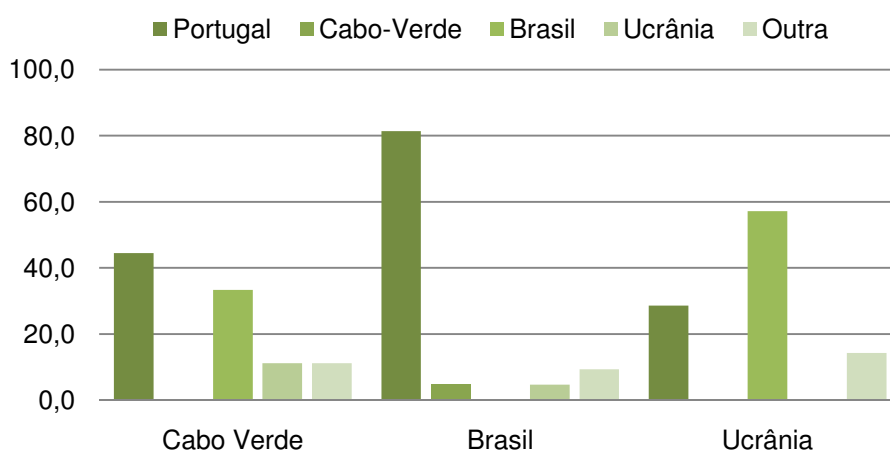
Assim, considerando os valores anteriormente analisados, concluímos que cerca de 9% dos indivíduos que estão actualmente casados ou viverem em união de facto não partilham o seu espaço com seus cônjuges ou familiares directos. Apesar de estarmos na presença de quantitativos diminutos – 24 casos –, não deixa de ser importante realçar que esta situação é mais notória no caso dos brasileiros (45,8%) e menos no caso dos ucranianos (20,8%). Por outro lado, apenas cerca de 54% dos imigrantes vivem actualmente com familiares na ilha de São Miguel, o que pode indiciar uma integração bem sucedida, a olhar por estes valores, e, ao mesmo tempo, dar-se a possibilidade de os objectivos de regresso dos imigrantes terem sido adiados. Em termos comparativos, considerando todas as categorias de resposta do estado civil com a excepção dos solteiros, constatamos que são os brasileiros aqueles que mais vivem em família seja ela a de origem ou a constituída após a chegada. Já no caso dos ucranianos e dos cabo-verdianos as percentagens são relativamente mais moderadas – 75,6% e 66,7%, respectivamente.

Ora, a existência de redes de apoio, fundadas em laços familiares, de amizade ou com base na identidade, na sociedade receptora constituiu, na opinião de Portes, *et al.* (2008), uma importante variável que tem influência directa no modo como a diversidade cultural é gerida e no modo como a integração dos imigrantes ocorre. Neste sentido, o facto de apenas 20% da população inquirida se encontrar actualmente a viver sozinha é um sinal claro da importância dessas redes. Por outro lado, para além da presença de estruturas familiares viabilizadas pelo reagrupamento familiar, a existência de

relações exogâmicas na sociedade de receptora é também um dos aspectos realçados por diversos autores (Fitt-Ajewole, 2008; Furtado, 2006; Kalmijn, 1998, entre outros) como sendo o resultado mais visível do sucesso da integração dos imigrantes.

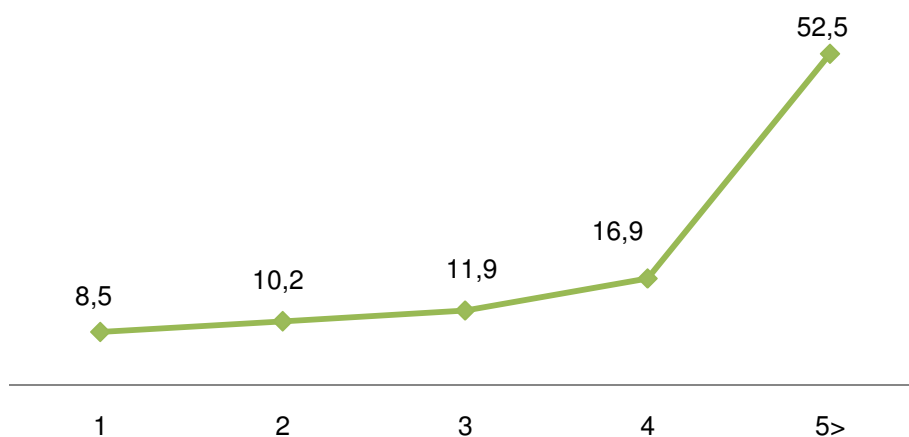
Quando analisamos a conjugalidade dos imigrantes, concluímos que, apesar de esta ocorrer maioritariamente dentro do mesmo grupo étnico, cerca de 42% vive em exogamia. Ao atendermos à nacionalidade do cônjuge, à semelhança do que referem Ramos & Ferreira (2008) para os padrões de exogamia dos imigrantes em Portugal, constatamos que são mais os brasileiros (72,8%), sobretudo mulheres, a optarem por relações exogâmicas quase em exclusivo com portugueses. No caso dos cabo-verdianos (15,3), a exogamia ocorre maioritariamente com portugueses e brasileiros, ainda que registemos a presença de ucranianos. Em relação aos ucranianos (11,9%), apesar do número reduzido de efectivos em exogamia, esta apenas ocorre com portugueses e brasileiros.

Gráfico 40: Imigrantes em exogamia por nacionalidade dos cônjuges (%)



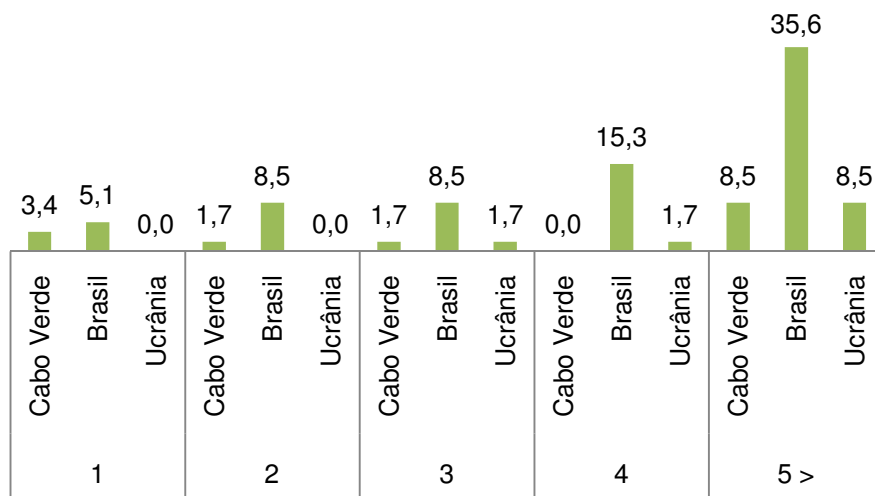
Ao considerarmos as relações exogâmicas entre portugueses e estrangeiros – representam cerca de 70% do total –, excluindo todos casos entre estrangeiros, constatamos que os brasileiros são aqueles que mais casam ou vivem em união de facto com portugueses (85,4%). No caso dos cabo-verdianos e ucranianos, os valores são muito residuais e com pouca significância estatística.

Gráfico 41: Imigrantes em exogamia por tempo de residência nos Açores (%)



A probabilidade de os imigrantes desenvolverem relações exogâmicas é influenciada pelo tempo de residência na sociedade de acolhimento. De acordo com Meng & Gregory (2002), os imigrantes que têm um tempo de permanência mais prolongado são aqueles que reúnem um conjunto de conhecimentos sobre a cultura, mercado de trabalho e da estrutura demográfica da região de receptora que permite aumentar as probabilidades de surgirem relações exogâmicas. Isto mesmo concluiu Chiswick & Houseworth (2008) a dos rácios de exogamia observados nos Estados Unidos da América.

Gráfico 42: Imigrantes em exogamia por nacionalidade e tempo de residência nos Açores (%)



Quando analisamos o tempo de residência, um dos factores individuais determinantes da exogamia, concluímos que os imigrantes que se encontram a residir nos Açores há relativamente pouco tempo, apresentam valores relativamente residuais – cerca de 9%. Há medida que o tempo de residência é maior, o número de relacionamentos exogâmicos tende a aumentar significativamente. Por nacionalidade, salvaguardando-se a pequenez de efectivos registada em alguns momentos, os resultados indicam que são os brasileiros aqueles que mais rapidamente desenvolvem relações exogâmicas, sendo mais intensas após um tempo de permanência superior a 4 anos. No caso dos ucranianos, os valores parecem indicar que a exogamia é mais acentuada a partir do quinto ano de residência. Os valores registados para os cabo-verdianos não revelam uma tendência definida.

3.3. Tempos de residência, percursos migratórios e motivações

Como já tivemos oportunidade de referir, o fenómeno imigratório nos Açores é relativamente recente e, como sublinha Rocha, *et al.* (2009:70), “só adquiriu algum fôlego nos finais do século passado”, impulsionado, em grande parte, pelos imigrantes brasileiros, cabo-verdianos e ucranianos. Apesar das dificuldades económicas vividas a nível mundial mais intensamente a partir de 2009, o mercado de trabalho regional parece ter continuado a revelar-se relativamente atractivo para os imigrantes, como comprovam os cerca de 21% que se encontram a residir Açores há menos de 2 anos – 10% reside há menos de 1 ano. Mas as maiores percentagens respeitam aos que estão na Região há 4 e 5 anos – 13,4% e 15,4%, respectivamente. Em termos acumulados, os indivíduos que têm um tempo de residência igual ou inferior a 5 anos representam cerca de 59% do total. São bastante menos os que vivem há mais de 5 anos, concretamente os que estão há 6 e 7 anos. Os que residem há 10 e mais anos recolhem uma percentagem de cerca de 14%. Assim, estamos a falar de uma população imigrante que entrou na região maioritariamente ao longo da última década.

As condições económicas, impulsionadas, sobretudo, pelos projectos de construção civil que foram surgindo ao longo da última década nos Açores, contribuíram para que a entrada de efectivos estrangeiros continuasse a ocorrer, ainda que a um ritmo mais baixo nos últimos dois anos. No contexto regional, a centralidade imigratória e económica da ilha de São Miguel é comprovada pelos cerca de 90% de efectivos que vieram para ela. Em relação aos restantes 10%, verificamos que os aspectos económicos estão presentes

nos seus percursos migratórios, como comprova o tempo médio de permanência nas outras ilhas – 2 anos e meio. Apesar dos quantitativos em causa serem relativamente baixos, importa salientar que, dos que não vierem directamente para São Miguel, cerca de 63% eram brasileiros. No caso dos ucranianos e dos cabo-verdianos, a imigração para as outras ilhas apenas recolhe, respectivamente, cerca de 29% e 8%.

Gráfico 43: Imigrantes por tempo de residência (anos), (% acumulada)

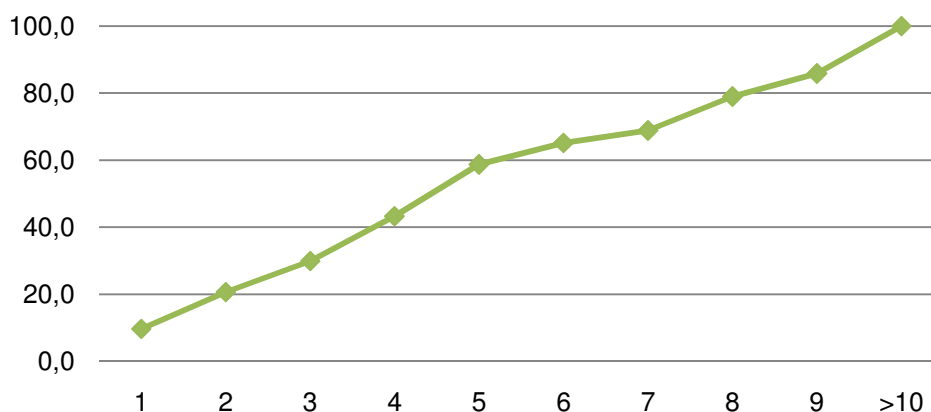
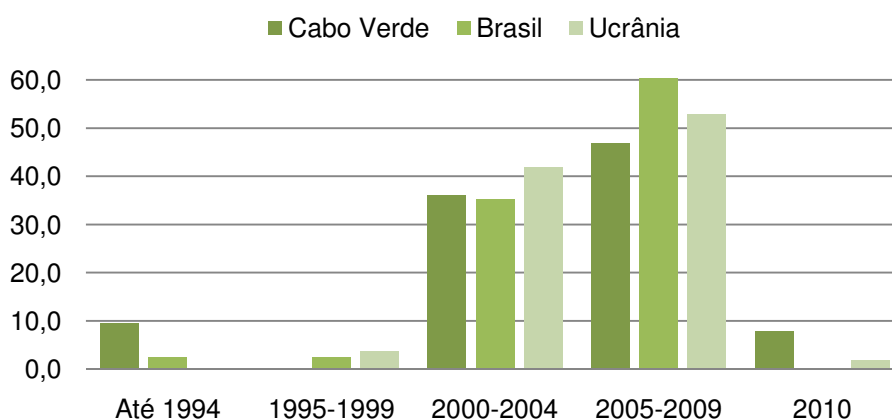


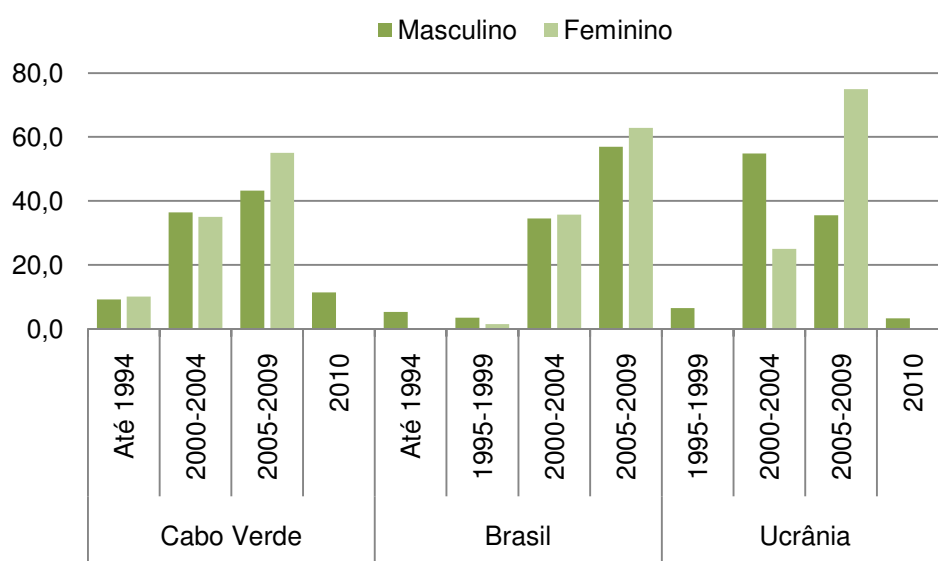
Gráfico 44: imigrantes por nacionalidade e ano de entrada nos Açores (%)



Se nos fluxos imigratórios oriundos do Brasil e de Cabo Verde, como refere Rocha *et al.* (2009:35) existe “um contexto de acolhimento mais recuado,

como foi aquele em que, a partir do final da década de 70, a Região começou a acolher uma pequena comunidade oriunda de Cabo-Verde”, o mesmo não se poderá afirmar em relação aos naturais da Ucrânia. Só a partir de 1995 é que registamos a entrada de ucranianos que se acentuou nos anos seguintes, como comprovam os dados disponibilizados pelo SEF.

Gráfico 45: Imigrantes por nacionalidade, ano de entrada e sexo (%)



Ao analisarmos o ano de entrada, constatamos que cerca de 10% do total de cabo-verdianos entrou nos Açores até ao fim da primeira metade da década de 90. A partir do ano de 2000, verificamos que a entrada de imigrantes é mais acentuada em todas as nacionalidades. Cerca de 36% de cabo-verdianos, 35% de brasileiros e 42% de ucranianos entraram no Arquipélago entre 2000 e 2004. No período seguinte, os valores são relativamente mais expressivos atingindo, no caso dos brasileiros, cerca de 60% do total de entradas. Por sexo, verifica-se que até ao início desta década a imigração ucraniana fez-se exclusivamente no masculino. A entrada de ucranianas, ainda

que se fazendo notar no período 2000-2004, foi mais intensa a partir de 2005 – 75% do total. Em relação às outras nacionalidades, concluímos que não existem grandes diferenças nos valores observados.

Complementarmente às dimensões anteriores, importa agora analisar as principais formas de imigração utilizadas pelos migrantes e motivações no momento de partida do país de origem e na escolha da Região como principal destino. Com efeito, quando atendemos ao primeiro aspecto, concluímos que estamos na presença de uma imigração maioritariamente individual, na qual a utilização de recursos próprios, familiares ou de terceiros reúne cerca de 58% do total de respostas. São mais os cabo-verdianos e os ucranianos que mais recorrem ao apoio de terceiros para migrarem. Em relação aos indivíduos que o fizeram em família, as motivações económicas foram apontadas por cerca de 49%, sendo os brasileiros aqueles que apresentam a percentagem mais elevada nestes itens (54,5%). Quanto aos que recorrem à migração em grupo (11,7%), considerando os recursos utilizados, concluímos que são mais os cabo-verdianos os que recorrem a recursos próprios ou familiares (14,1%). Seguem-se-lhes os ucranianos com cerca de 7% e os brasileiros com 5%. Quanto ao recurso a terceiros, continuam a ser os cabo-verdianos aqueles que mais apontam este item (6,3%).

Analisando estes dados segundo o sexo, apesar da representatividade de cada uma das nacionalidades em termos globais, sobressai o facto de serem maioritariamente os ucranianos do sexo masculino – cerca de 75% - a migrarem sozinhos. Com percentagens na ordem dos 64% encontramos os efectivos cabo-verdianos e brasileiros. Em relação aos indivíduos do sexo feminino, sobressai os cerca de 54% de brasileiras e ucranianas que indicaram

o mesmo item de resposta. No caso das cabo-verdianas, os valores ficam-se pelos 35%.

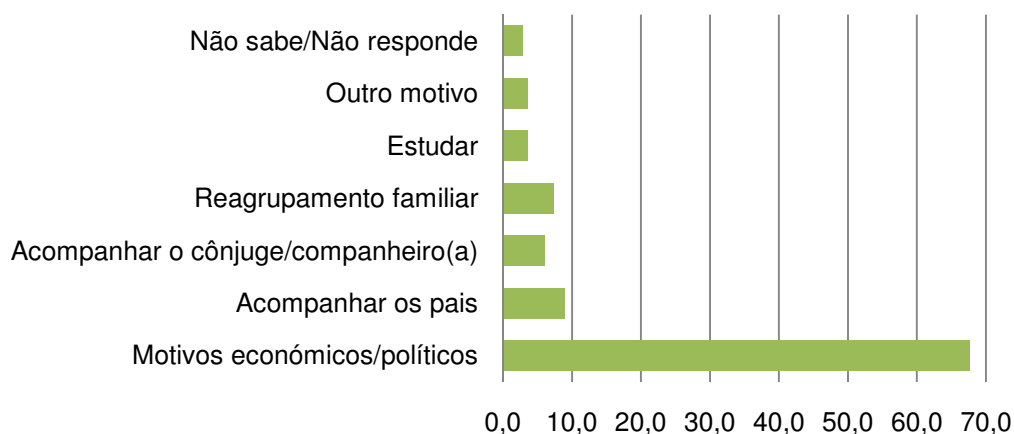
Quanto ao estado civil de origem, a imigração individual é maioritariamente conduzida por indivíduos solteiros (58,6%). Se consideramos os valores totais registados nas outras categorias, relevamos os 52,4% dos indivíduos casados que encetaram o seu processo migratório de forma solitária. Cruzando esta variável com a nacionalidade, concluímos que a imigração solitária é apontada por cerca de 64% de brasileiros, 56% de ucranianos e 50% de cabo-verdianos solteiros. No caso dos indivíduos casados, com valores na ordem dos 64%, estão os ucranianos e cabo-verdianos, e 36% de brasileiros.

Em relação ao segundo aspecto – motivos porque deixaram o país de origem – importa referir que a dimensão económica surge como sendo aquela que permite explicar, de forma mais consistente, os fluxos imigratórios actuais e os modos de incorporação na sociedade de acolhimento. (Rocha, *et al.*, 2009; 2004; Ferreira, 2009; 2008; Portes; Borocz, 1989) Do total de inquiridos, 68% apontaram motivos económicos/políticos para terem deixado o seu país de origem. Este item é referido por cerca de 78% de cabo-verdianos, 66% de brasileiros e 60% de ucranianos. Os itens de resposta “Reagrupamento familiar” e “Acompanhar do cônjuge/companheiro(a)” foram apontados unicamente por brasileiros e ucranianos, com percentagens relativamente residuais.

Numa análise por sexo, concluímos que, entre todos os itens de resposta, os aspectos económicos e políticos são os mais invocados por ambos os sexos – cerca de 68%. São os imigrantes cabo-verdianos (81,8%) e

ucranianos (64,5%) do sexo masculino – cerca de 59% de brasileiros – que mais referiram este item. No caso dos efectivos femininos, estas motivações são assumidas por quase 72% de brasileiras, 70% de cabo-verdianas e cerca de 54% de ucranianas. Ainda de realçar, apesar de os valores serem residuais, as percentagens registadas de indivíduos que apontaram o estudo como o principal motivo de imigração. Convém reter que, nestes casos (7 homens e 2 mulheres), estamos a falar de pessoas que, maioritariamente, entraram nos Açores, a partir do ano de 2000, com idades compreendidas entre os 20 e 23 anos.

Gráfico 46: Imigrantes por motivos de saída do país de origem (%)



Quando analisamos as motivações que conduziram os imigrantes a escolherem os Açores como principal destino, por ordem de importância, verificamos que as económicas – “Melhores condições de vida” e “Novas oportunidades de emprego” – são apontadas por cerca de 60%. São mais os ucranianos (66%) aqueles que indicaram esta dimensão como a principal razão para virem para os Açores. Os cabo-verdianos e os brasileiros recolhem 61,9% e 57,1%, respectivamente. As motivações familiares – acompanhar os

familiares e o cônjuge –, reunindo cerca de 17% das respostas, são invocadas por 23,5% de brasileiros, 20% de ucranianos e apenas 3,2% de cabo-verdianos.

A presença de laços de amizade ou a percepção de que os açorianos são mais acolhedores, são outros dos motivos principais apontados pelos imigrantes para escolherem o Arquipélago como principal destino (14,2%). Por nacionalidade, concluímos que são mais os cabo-verdianos e os brasileiros aqueles que apontaram estes itens em primeiro lugar. No caso dos ucranianos, eventualmente resultado da juventude do fluxo migratório para os Açores ou da presença reduzida de efectivos, quando comparamos com as outras duas nacionalidades, apenas 4% invocaram estes dois motivos como sendo os principais.

Quadro 4: Imigrantes por motivos de escolha dos Açores como destino de imigração (%)

	1.ª Opção (n=232)	2.ª Opção (n=151)	3.ª Opção (n=94)
Tem melhores condições de vida	47,0	14,6	36,2
Acompanhar os familiares (não inclui o cônjuge/companheiro(a))	9,9	6,6	1,1
Acompanhar o cônjuge/companheiro(a)	7,3	7,9	6,4
Porque os açorianos são mais acolhedores	9,5	18,5	6,4
Estudar	7,8	0,0	2,1
Porque tinha amigos nos Açores	4,7	31,1	4,3
Novas oportunidades de emprego	13,4	19,2	38,3
Outro motivo	0,0	0,0	2,1
Não sabe/Não responde	0,4	2,0	3,2
Total	100,0	100,0	100,0

Em síntese, ao pretendermos aferir das possíveis consequências que o processo migratório tem na alteração das motivações dos imigrantes à partida do país de origem e nas de escolha dos Açores, não registamos grandes modificações. Com efeito, considerando o total de respostas dadas nos vários itens de resposta na escolha da Região (n=455), observamos que, do total de respondentes que apontaram motivos económicos (73,6%), 60% manteve a componente económica. Dos que invocaram motivações familiares (18%), 37,3% apontaram razões económicas como principal razão para viverem para os Açores.

Na sequência dos dados apresentados e desconhecendo os trajectos migratórios da nossa população até chegarem nos Açores, julgamos poder afirmar, com alguma pertinência, que a sua possível permanência em outros espaços geográficos, não provocou alterações, pelo menos significativas, nas motivações económicas que tinham gizado à partida das suas regiões de origem.

Notas síntese

1. São predominantemente jovens e activos com destaque para os que têm entre 25-29 anos (32%) e 30-39 anos (35%);
2. Contrastando com os níveis de instrução da população micaelense, apresentam-se mais escolarizados – 30,8% tem o Ensino Secundário e 26,7% tem o Ensino Superior;
3. As principais alterações registadas no estado civil ocorreram nos solteiros e ao longo da permanência no Arquipélago, sendo que as

situações de exogamia com um tempo de residência inferior a 1 ano representam 9%;

4. Forte polarização dos imigrantes em dois grupos socioprofissionais – *serviços e vendas* e *operariado* com cerca de 17% e 29%, respectivamente – espelhando situações de desadequação entre as qualificações possuídas e a profissão/actividade exercida, mais acentuadas nos ucranianos e menos para os brasileiros e cabo-verdianos;
5. A escolha dos Açores como principal destino de emigração assentou maioritariamente em questões de ordem económica (60%), sobretudo no caso dos ucranianos (66%) e brasileiros (61,9%).

Capítulo IV: Permanências e mutações num espaço partilhado

Introdução

Quando equacionamos a problemática da exogamia e da endogamia há que ter em consideração que estamos perante conjuntos populacionais com níveis de capital formativo/educacional desiguais e com formas plurais de relacionamento e de interacção com o ambiente social circundante, que determinam as opções individuais de selecção dos parceiros conjugais. Num espaço social multiétnico, onde o processo de integração não se tem revelado um todo integrado, sobretudo no mercado de trabalho onde persistem situações de desadequação entre as actividades exercidas e as qualificações possuídas pelos imigrantes (cf. Rocha, *et al.*, 2009; 2004; Ferreira, 2008), as relações exogâmicas constituem, na perspectiva da *Teoria da Assimilação Segmentada*, um importante passo rumo à integração plena. (Dribe & Lundh, 2010; 2008).

Para além do processo migratório envolver um conjunto complexo e multifacetado de escolhas, pautado por motivações e por decisões variadas onde a componente económica é, sem dúvida, essencial, importa alargar o nosso campo de visão e perceber qual a influência que os restantes factores poderão ter na decisão dos imigrantes optarem, ou não, por relacionamentos exogâmicos. Um outro ponto que consideramos ser importante neste estudo e que complementa a abordagem analítica anterior – resultado de estarmos perante um fenómeno social complexo e multidimensional, orientado por factores individuais e contextuais que determinam os processos migratórios, a composição e a diversidade das formas conjugais regionais –, está relacionado

com a análise das diferentes percepções e representações construídas pelos imigrantes em torno dos açorianos, do 'outro' étnico e da endogamia e da exogamia. Tal propósito permite, em nosso entender, que possamos identificar quais é que poderão ser os factores facilitadores das relações intergrupais distinguindo, conseqüentemente, as possíveis diferenças entre os imigrantes em exogamia e os em endogamia. (Gonsoulin & Fu, 2010; Lucassen & Laarman, 2009; Dribe & Lundh, 2008; Furtado & Theodoropoulos, 2008; Furtado, 2006; Kantarevic, 2004; Qian & Lichter, 2001; Kalmijn, 1998, entre outros)

Com efeito, tais preocupações analíticas conduziram-nos a um recentramento amostral. Assim, enquanto no capítulo anterior procedemos à apresentação das principais características socioeconómicas e demográficas da população total inquirida (N=247), neste iremos considerar unicamente os que estão actualmente em conjugalidade (casamento e união de facto), resultando num universo amostral de 141 imigrantes, 82 endogâmicos (53 casados e 29 em união de facto), com uma média de idades actual de 34,4 anos, e 59 exogâmicos (29 casados e 30 em união de facto) com uma idade actual média de 34,6 anos.

4.1. Factores explicativos da exogamia: uma análise comparada

O desafio deste ponto consiste em analisar qual(ais) os factores que mais influenciam as decisões dos imigrantes em optarem por relações exogâmicas em vez detrimento das endogâmicas. De acordo com a *Teoria da Assimilação Segmentada*, considerando as características individuais (idade,

nível de instrução, duração do tempo de residência e relações interpessoais) e as contextuais (mercado de trabalho e rendimento) é expectável encontramos diferenças substanciais na propensão dos imigrantes para a exogamia.

4.1.1. Factores individuais

4.1.1.1. Idade e Tempo de residência

De acordo com vários autores (Hou & Myles, 2008; Kalmijn & Tubergen, 2007; Kalmijn, 1998), a propensão para a exogamia, para além de ser mais elevada nas segundas gerações, é mais intensa nos imigrantes que têm níveis educacionais/formativos mais elevados, nos mais jovens e nos que têm um tempo de residência relativamente prolongado, resultado da exposição a diferentes contextos sociais onde as possibilidades de escolha de parceiros são mais diversificadas. Assim, pelas implicações que a idade e o tempo de residência têm nos processos de tomada de decisão dos imigrantes na constituição de núcleos familiares, é expectável que a propensão para a exogamia seja inferior nas idades mais avançadas e para a exogamia nos mais jovens. (Muttarak, 2004)

Analisando a distribuição da população inquirida por grupos etários, observamos uma significativa importância dos que tinham entre 20 e 34 anos – 79,7% de exogâmicos e 68,3% de endogâmicos – à chegada aos Açores. As faixas etárias mais avançadas revelam uma expressão percentual de cerca de 12% nos imigrantes em exogamia e de 26,8% em endogamia. Na sequência de uma permanência relativamente prolongada, os valores de exogamia e de

endogamia dos imigrantes na faixa etária 20-34 anos apresentam-se actualmente relativamente distintos – 61% e 49%, respectivamente.

Gráfico 47: Imigrantes segundo idade à chegada aos Açores, por tipologia conjugal actual (%)

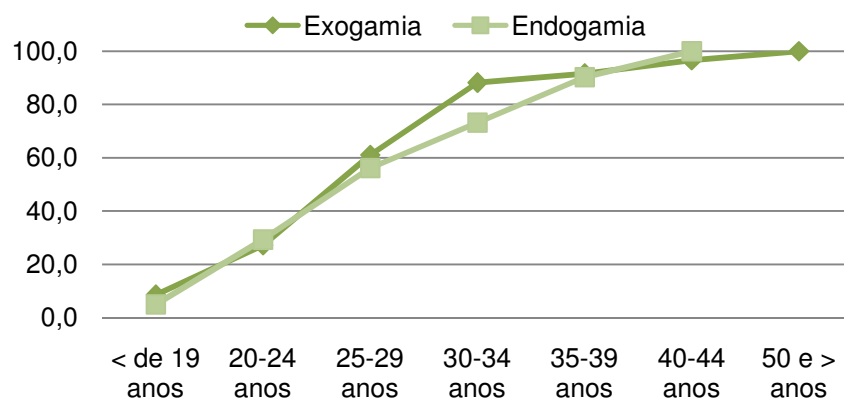
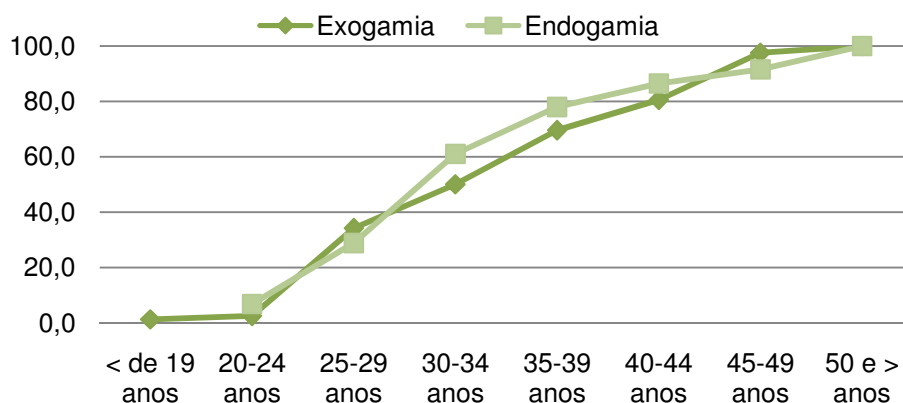


Gráfico 48: Imigrantes segundo a idade e tipologia conjugal actuais (%)

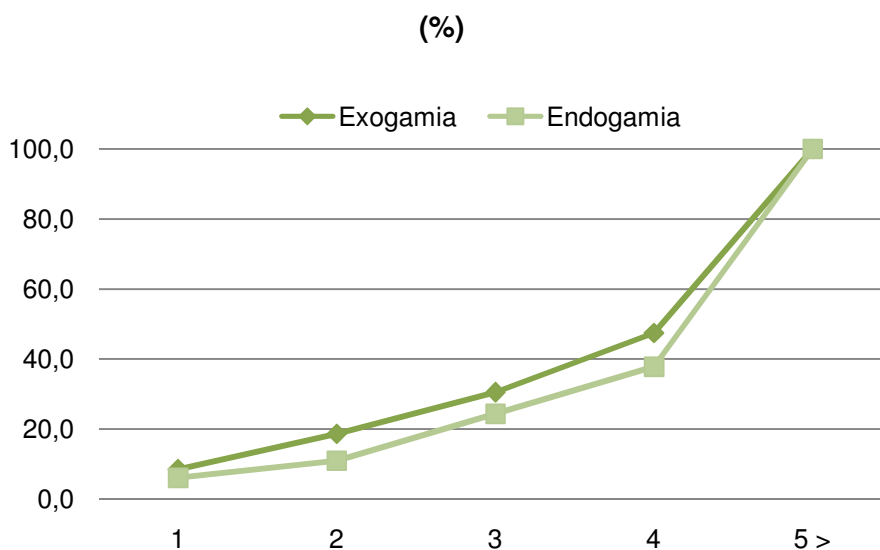


Perante o cruzamento destes valores com o estado civil à chegada ao Arquipélago dos imigrantes exogâmicos, a percentagem de solteiros (42,4%) e de casados (35,6%) revela-se esmagadora. Encontramos uma preponderância de indivíduos solteiros na faixa etária 30-34 anos (48%) e de casados na dos

25-29 anos (38,1%). No caso dos imigrantes endogâmicos os valores apresentam-se relativamente distintos – solteiros (25,6%) e os casados (56%). Por grupos de idade, observamos uma preponderância dos solteiros com 20-24 anos (57,1%) e de casados com 30-34 anos (28,3%).

Em complementaridade, o cruzamento das variáveis *estado civil actual* e *tempo de residência* permite o apuramento de outras dinâmicas, como sejam as alterações registadas nas diferentes categorias do estado civil. Se no caso dos imigrantes em exogamia o tempo de permanência nos Açores conduziu a que 42,4% tenham deixado de ser solteiros, optando por se casarem (44,8%) ou viverem em união de facto (40%), nos imigrantes endogâmicos a situação revela-se relativamente distinta. Para além da percentagem de solteiros à chegada ser inferior (25,6%) e a maioria já ser casada (56%), concluímos que as alterações verificadas no estado civil, com a excepção dos solteiros, são praticamente insignificantes nos casados – 8,7% vive em união de facto.

Gráfico 49: Imigrantes segundo o tempo de residência, por tipologia conjugal



Para além de termos apontado as principais alterações verificadas nas diferentes categorias do estado civil – consequência provável do modo como o processo migratório ocorreu e do contacto mais ou menos intenso que os imigrantes mantiveram com os diferentes contextos sociais de acolhimento decorrente de tempo de permanência no Arquipélago relativamente prolongado – registamos que os imigrantes em exogamia eram maioritariamente solteiros e relativamente jovens à chegada, confirmando, assim, o pressuposto de que a propensão dos imigrantes para encetarem relacionamentos exogâmicos é inferior nos que têm idades mais avançadas e é superior nos mais jovens.

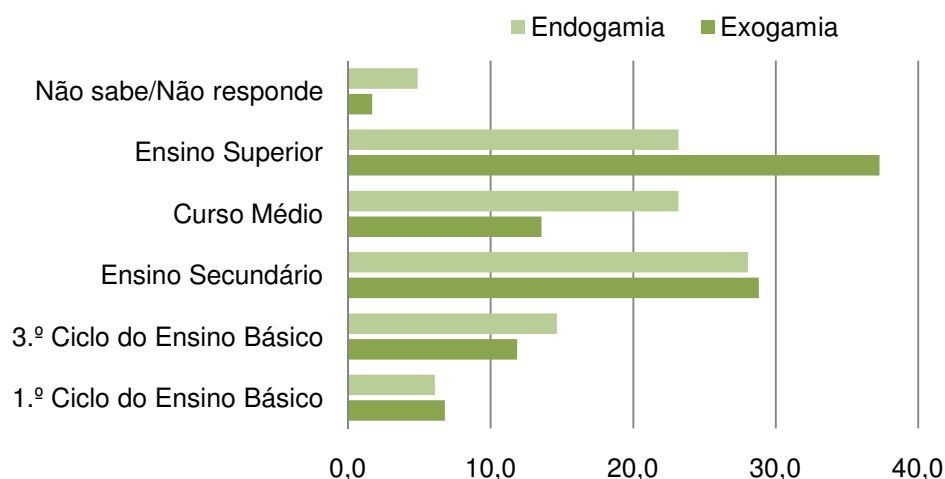
4.1.1.2. Nível de instrução

De acordo com Furtado & Theodoropoulos (2008), um dos aspectos mais valorizados pelos imigrantes na selecção dos cônjuges são as similitudes educacionais existentes entre ambos, e não tanto as características étnicas que são secundarizadas. Com efeito, a educação afecta a exogamia e a endogamia por três processos distintos: i) os imigrantes com níveis de instrução mais elevados revelam maior capacidade de adaptação a ambientes sociais distintos (efeito de adaptabilidade cultural); ii) uma menor propensão em viver em enclaves étnicos na sequência dos elevados índices educacionais/formativos (efeito enclave); iii) por fim, se a educação é um dos aspectos valorizados no processo de selecção do parceiro, bem como as semelhanças étnicas, ainda que em menor grau, o efeito de correspondência preferencial (*assortative matching effect*, no original) está dependente dos indivíduos disponíveis no mercado matrimonial local que reúnam as

características pretendidas. (Furtado & Theodoropoulos, 2008; Hou & Myles, 2008; Furtado, 2006, entre outros)

Analisando o nível de instrução da população imigrante residente em São Miguel, verifica-se que ele se apresenta relativamente elevado sendo que os que têm pelo menos o *Ensino Secundário* reúnem 80% dos exogâmicos e cerca de 74% dos endogâmicos. O *Ensino Superior* surge com um valor percentual de 37,3% nos primeiros – 91% de brasileiros – e de 23,2% nos segundos – 40% de ucranianos e 24,1% de brasileiros. Ao compararmos estes valores com os dos cônjuges, apesar de registarmos que estes se apresentam em termos globais relativamente escolarizados – 79,7% dos exogâmicos e 69,5% dos endogâmicos têm pelo menos o secundário –, por nível de instrução encontramos algumas diferenças que importam destacar.

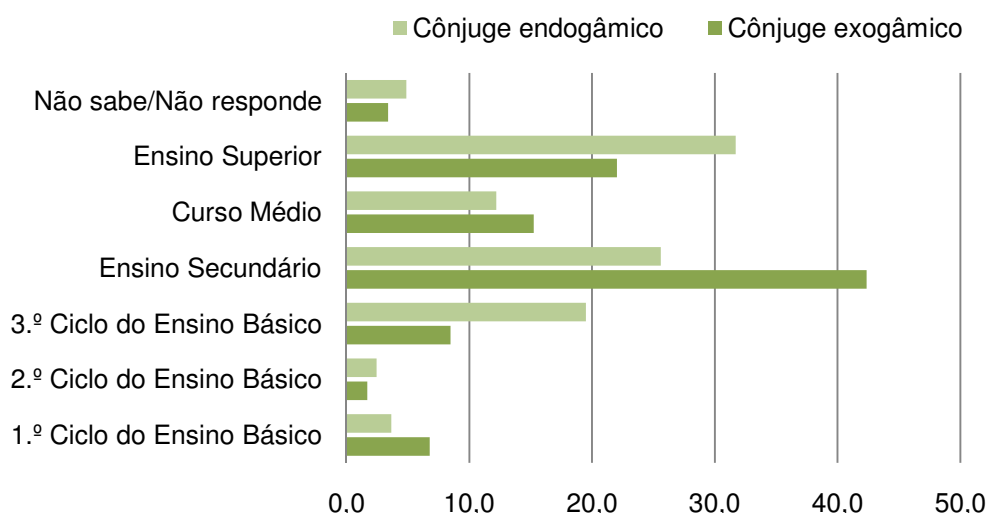
Gráfico 50: Imigrantes segundo o nível de instrução, por tipologia conjugal (%)



Em termos comparativos, verifica-se que os cônjuges endogâmicos apresentam os valores mais elevados no *Ensino Superior* (31,7%), no *3.º Ciclo do Ensino Básico* (19,5%) e no *2.º Ciclo do Ensino Básico* (2,4%), ainda que

neste as diferenças sejam relativamente insignificantes. Os cônjuges exogâmicos destacam-se no *Ensino Secundário* (42,4%) e no *1.º Ciclo do Ensino Básico* (6,8%). Assim, se considerarmos os cônjuges com pelo menos o *Ensino Secundário* concluiu-se que os exogâmicos apresentam-se relativamente mais escolarizados neste nível – na maioria portugueses (72%) – e os endogâmicos no *Ensino Superior*, sobretudo brasileiros e ucranianos – 42,3%, respectivamente.

Gráfico 51: Cônjuges segundo o nível de instrução, por tipologia conjugal (%)



Perante o cruzamento entre o nível de instrução do inquirido e o do cônjuge verifica-se que, no caso dos exogâmicos, a igualdade educacional (47,6%) ocorre maioritariamente nos que têm o *Ensino Secundário*, o *Curso Médio* e o *Ensino Superior* – cerca de 86% dos casos –, sendo mais elevadas nos ucranianos (83,3%) e nos brasileiros (46,3%). No caso dos cabo-verdianos os valores são relativamente inferiores – 33,3%. Em relação aos cônjuges que apresentam diferenças entre níveis de instrução, nunca superior a um nível,

são mais elevadas nos brasileiros e nos cabo-verdianos. No caso dos sem proximidade educativa – afastamento – os valores são relativamente residuais – 6 casos – e sem expressão estatística significativa. Quanto aos que vivem em endogamia, cerca de 38% partilham o mesmo nível de instrução dos seus cônjuges – 74,2% tem pelo menos o *Ensino Secundário* – sobretudo, cabo-verdianos (57,1%) e ucranianos (41,4%). Em proximidade educacional encontramos maioritariamente os ucranianos (48,3%) e os brasileiros (39,3%). Nos casos de afastamento, são mais os brasileiros (32,1%) e os ucranianos (10,3%).

Quadro 5: Imigrantes em exogamia por padrão educacional com os cônjuges (%)

Imigrante	Padrão	Cônjuge					Total
		Portugal	Cabo Verde	Brasil	Ucrânia	Outra	
Cabo Verde	Igualdade	22,2	0,0	11,1	0,0	0,0	33,3
	Proximidade	0,0	0,0	22,2	11,1	11,1	44,4
	Afastamento	22,2	0,0	0,0	0,0	0,0	22,2
Brasil	Igualdade	39,0	0,0	0,0	2,4	4,9	46,3
	Proximidade	34,1	2,4	0,0	2,4	4,9	43,9
	Afastamento	7,3	2,4	0,0	0,0	0,0	9,8
Ucrânia	Igualdade	33,3	0,0	50,0	0,0	0,0	83,3
	Proximidade	0,0	0,0	0,0	0,0	16,7	16,7

Quando analisamos estes valores tendo em conta a nacionalidade do cônjuge, concluiu-se que as situações de igualdade e proximidade educativa acontecem maioritariamente, no caso dos relacionamentos exogâmicos, com portugueses. De acordo com os dados observados no quadro anterior, são sobretudo os brasileiros e os ucranianos os que dão primazia a parceiros portugueses cujos níveis de instrução se encontram em igualdade com os

detidos por eles. As situações de proximidade educativa, independentemente de quem tenha o nível de instrução mais elevado, verificam-se unicamente entre brasileiros e portugueses.

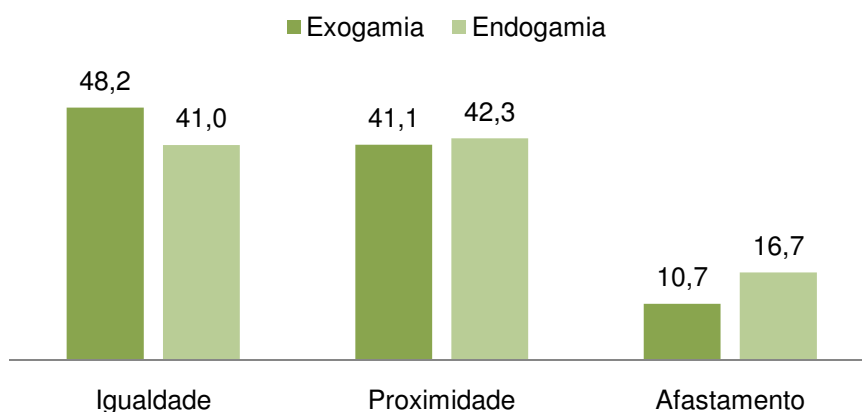
Quadro 6: Imigrantes em endogamia por padrão educacional com os cônjuges (%)

Imigrante	Padrão	Cônjuge			
		Cabo Verde	Brasil	Ucrânia	Total
Cabo Verde	Igualdade	57,1	-	-	57,1
	Proximidade	38,1	-	-	38,1
	Afastamento	4,8	-	-	4,8
Brasil	Igualdade	-	28,6	-	28,6
	Proximidade	-	39,3	-	39,3
	Afastamento	-	32,1	-	32,1
Ucrânia	Igualdade	-	-	41,4	41,4
	Proximidade	-	-	48,3	48,3

Relativamente à distribuição percentual dos padrões educacionais dos imigrantes a viverem em endogamia, concluiu-se que a escolha do cônjuge ocorre, tendencialmente, no caso dos cabo-verdianos, nas situações em que existe igualdade educacional – sobretudo no *3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário* –, e proximidade educativa, no caso dos brasileiros e ucranianos. Quanto aos que revelam afastamento educacional, são sobretudo ucranianos (48,3%) e brasileiros (32,1%). Sendo a educação um dos aspectos mais valorizados pelos indivíduos nos processos de escolha dos parceiros conjugais, de sublinhar que esta dimensão perde alguma relevância quando

estão envolvidos cônjuges portugueses – cabo-verdianos e dos brasileiros com o *1.º Ciclo do Ensino Básico* (2 casos) e o *Ensino Superior* (3 casos), respectivamente.

Gráfico 52: Imigrantes por padrão educacional, segundo a tipologia conjugal (%)



Os dados para além de apontarem para uma propensão dos imigrantes que vivem em exogamia – cerca de 66% têm pelo menos o *Ensino Secundário* – para optarem por parceiros com o mesmo nível de escolaridade (48,2%), revelam-nos que as maiores diferenças registam-se nas situações de proximidade educacional. Com efeito, verifica-se que 10% dos imigrantes exogâmicos e cerca de 14% dos endogâmicos têm níveis de instrução superiores aos dos cônjuges. Nos casos em que os imigrantes apresentam uma escolaridade inferior à dos seus cônjuges (*Ensino Secundário*), os valores mais elevados foram registados nos exogâmicos (11,9%) nos que têm *1.º Ciclo do Ensino Básico* e *3.º Ciclo do Ensino Básico*. Nos níveis intermédios e elevados – *Ensino Secundário* e *Ensino Superior* – não registamos diferenças significativas entre imigrantes a viverem em exogamia e em endogamia.

4.1.1.3. Relações interpessoais e Percepções étnicas

Um terceiro factor que determina os relacionamentos exogâmicos é o das oportunidades de contacto que os imigrantes mantêm com o ambiente social envolvente, no sentido de conhecerem e interagirem com elementos de outros grupos étnicos. De acordo com Kalmijn (1998) e Kalmijn & Turbergen (2007), apesar de condicionada por forças estruturais e demográficas (dimensão do grupo de origem, relação de masculinidade, entre outros), esse processo conduz a uma maior propensão para a exogamia nos casos em que ele é mais intenso.

Com efeito, a aquisição de um conjunto de competências sociais e culturais – para além de económicas, como veremos mais à frente – constituiu um factor determinante da integração social dos imigrantes nas sociedades receptoras. De entre eles, sublinhamos a relevância que o domínio da língua assume neste processo, permitindo estabelecer e manter activas formas de relacionamento interpessoal com a comunidade envolvente, essenciais para a capitalização de um conjunto de informações e recursos detidos e adquiridos ao longo do tempo de residência. (Palriwala & Uberoi, 2009; Waldis & Byron, 2006; Furtado, 2006)

Para além destas questões, mais directamente relacionadas com as estratégias de adaptação e de integração dos imigrantes, importa conhecer suas percepções em relação ao acolhimento e às formas de interacção da população açoriana com a população estrangeira residente na Região. Assim, quando nos interrogamos sobre as percepções que os imigrantes têm em relação ao acolhimento dado pelos açorianos, verifica-se que, em termos

gerais, a avaliação é maioritariamente positiva. Os dados por nacionalidade revelam-nos que, no caso dos imigrantes a viverem em exogamia, são sobretudo os brasileiros os que mais valorizam positivamente o acolhimento dos açorianos, ainda que alguns o tenham classificado como *péssimo*. Os ucranianos e os cabo-verdianos, ainda com percentagens mais reduzidas, fazem uma avaliação igualmente positiva que varia entre o *bom* e *razoável*.

Gráfico 53: Avaliação dos imigrantes em relação ao acolhimento dos açorianos, por tipologia conjugal (%)

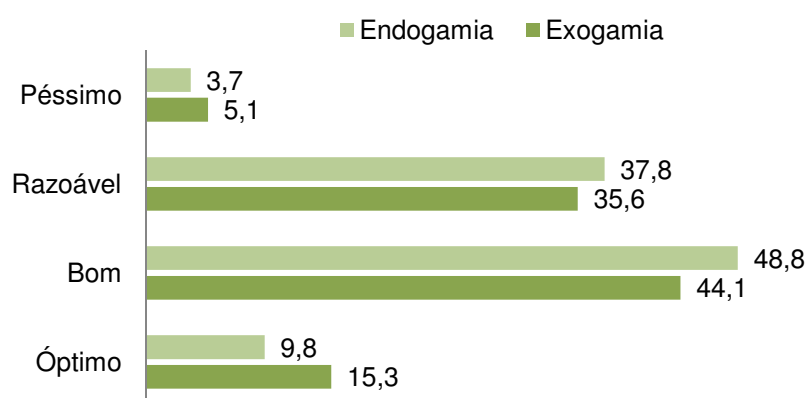
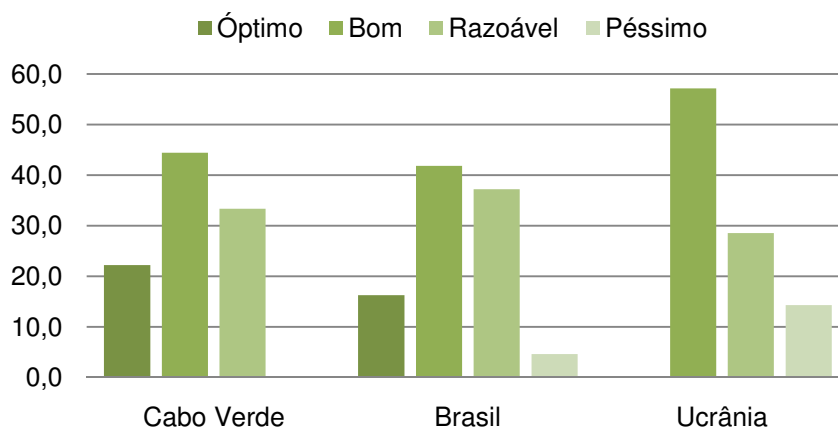
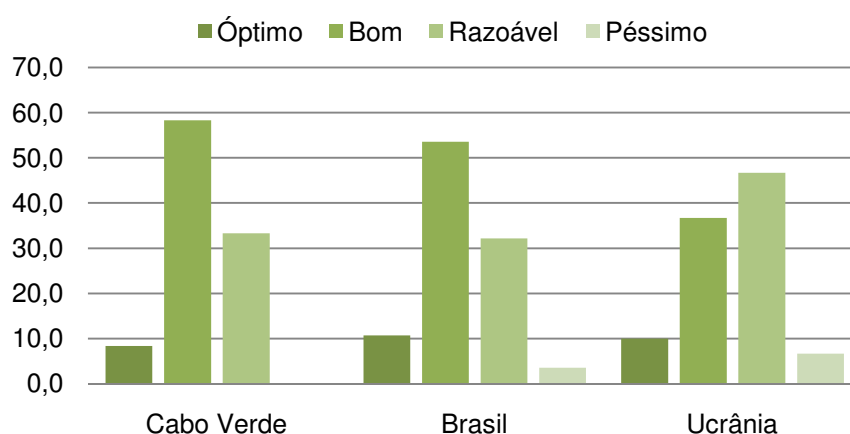


Gráfico 54: Avaliação dos imigrantes em exogamia em relação ao acolhimento dos açorianos (%)



Quanto aos imigrantes endogâmicos, concluiu-se que os brasileiros e os ucranianos são os que mais classificam o acolhimento como sendo *Ótimo* – 10,7% e 10%, respectivamente. A classificação de *Bom* surge mais pontuada pelos cabo-verdianos (58,3%) e brasileiros (53,6%), enquanto nos ucranianos recolhem cerca de 37% das respostas. Os que classificaram o acolhimento como sendo *Péssimo* foram registados unicamente 3 casos – 1 brasileiro e 2 ucranianos – com um tempo de residência superior a 5 anos.

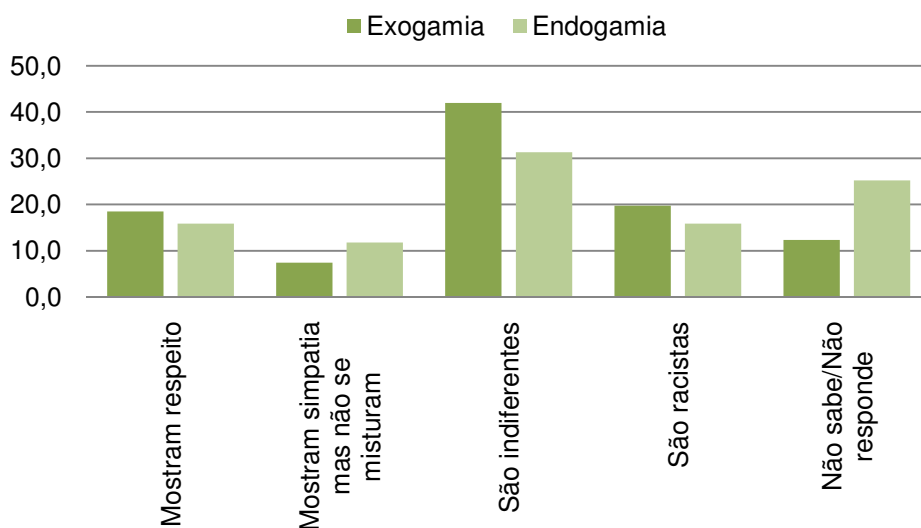
Gráfico 55: Avaliação dos imigrantes em endogamia em relação ao acolhimento dos açorianos (%)



Quando se pretende analisar a possível relação existente entre o grau de satisfação do acolhimento dos açorianos – classificado como positivo por mais 95% dos imigrantes exogâmicos e endogâmicos – e as percepções em relação ao modo como estes interagem com a população estrangeira (brasileiros, cabo-verdianos e ucranianos), os dados revelam-se contraditórios. Para além dos imigrantes em exogamia serem da opinião de que os açorianos são indiferentes e racistas, referem que existem formas diferenciadas de

tratamento segundo a nacionalidade, sendo os brasileiros (35,7%) e os ucranianos (13,2%) mais respeitados do que os cabo-verdianos (5,7%).

Gráfico 56: Percepção geral da interacção dos açorianos com os imigrantes, por tipologia conjugal (%)

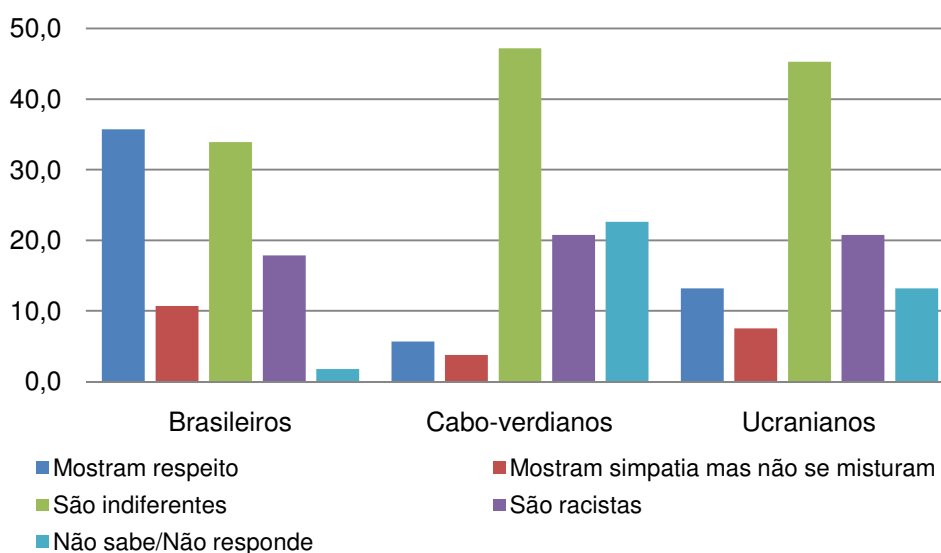


Em relação aos imigrantes em endogamia, para além do sentimento de indiferença e de racismo ser relativamente elevado – cerca de 68% para os cabo-verdianos e de 66% para os ucranianos –, de referir que revelam um relativo desconhecimento quanto ao modo como os açorianos interagem com os cabo-verdianos (30,5%) e com os ucranianos (23,2%). Estes valores nos exogâmicos rondam os 22,6%, no caso dos cabo-verdianos, e dos 13,2%, nos ucranianos.

De um outro ponto de vista, ao considerarmos unicamente as respostas dos imigrantes em relação ao seu grupo de origem, verifica-se que os sentimentos de indiferença e de racismo são mais elevados nos exogâmicos (57,1) do que nos endogâmicos (52,4%). Se a estes dados acrescentarmos os

que são da opinião de os açorianos, apesar de revelarem simpatia mas não se misturam, os valores ascendem aos 66% e os 71%, respectivamente. Quando observamos estes valores por nacionalidade encontramos algumas diferenças dignas de registo. Os brasileiros a viverem em exogamia ao mesmo tempo que afirmam que são tratados com respeito (40%) classificam a atitude dos açorianos como sendo de indiferença (32,5%). Quanto aos que se encontram em endogamia, estes valores cifram-se nos 28,6% e 17,9%, respectivamente. Um outro aspecto que importa sublinhar é o de termos identificado que, salvaguardando a pequenez de efectivos em causa, os cabo-verdianos e ucranianos em exogamia classificam unicamente a atitude dos açorianos como sendo de indiferença e racista – 62,5% e 43,3%, respectivamente, nos imigrantes endogâmicos.

Gráfico 57: Percepção geral da interacção dos açorianos com os imigrantes, por nacionalidade (%)



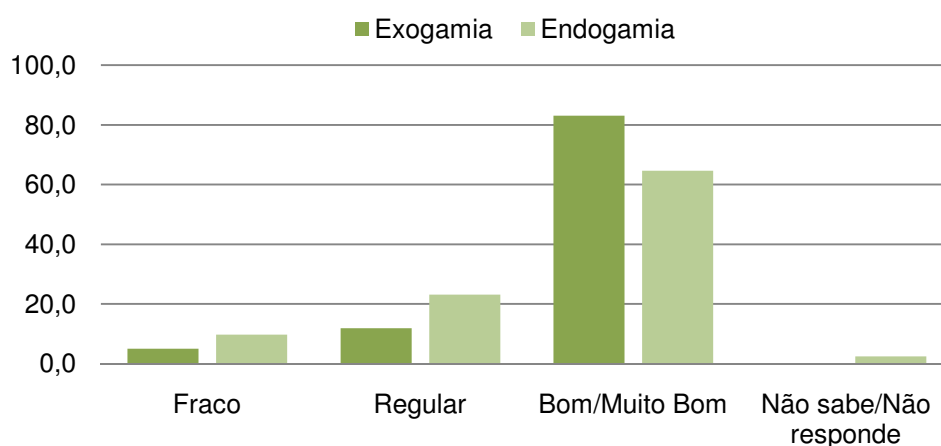
Face aos dados apresentados, importa sublinhar que os imigrantes a viverem em exogamia para além de classificarem a interacção entre açorianos e estrangeiros como sendo positiva – *Mostram respeito* (18,5%) – são, igualmente, os mais críticos – indiferença (42%) e racismo (19,8%). Um outro aspecto que importa destacar, e que nos parece contraditório, está relacionado com os imigrantes em exogamia que classificaram o acolhimento como sendo “Bom” e “Ótimo” onde cerca de 59% afirma que os açorianos revelam indiferença e racismo na interacção com os estrangeiros. Este valor, apesar de descer significativamente no caso dos endogâmicos, ainda é relativamente elevado – 48,6%.

Atendendo aos valores obtidos na variável *grupos preferenciais de amizade/convívio*, concluiu-se que cerca de 12% dos imigrantes em exogamia interage unicamente com portugueses – 18,3% nos endogâmicos. Se considerarmos os itens “Portugueses e imigrantes da mesma nacionalidade” e “Portugueses e imigrantes de nacionalidades diferentes”, verifica-se que os imigrantes a viverem em endogamia apresentam as percentagens mais elevadas – cerca de 85%.

Assim, a diversidade dos intervenientes nas relações sociais dos imigrantes na comunidade local, excluindo os elementos da mesma nacionalidade, é relativamente mais intensa no caso dos exogâmicos e menos nos endogâmicos (65,9%) confirmando, deste modo, o pressuposto de que a exogamia, ao mesmo tempo de resulta de uma maior interacção dos imigrantes com o espaço social envolvente, constitui uma estratégia de inserção e de contacto com elementos de outras origens étnicas. Por nacionalidade, verifica-se que cerca de 29% de ucranianos em exogamia interage preferencialmente

com amigos da mesma nacionalidade – demonstrativo de algum fechamento étnico. No caso dos brasileiros, os portugueses e os imigrantes de outras nacionalidades são os grupos de amigos preferenciais de amizade. No caso dos que vivem em endogamia, destacam-se os cerca de 33% de ucranianos, de 25% de brasileiros e de 21% de cabo-verdianos que privilegiam os da mesma nacionalidade. No caso em que os amigos são preferencialmente portugueses, destacam-se os cabo-verdianos e os brasileiros – 33,3% e 14,3%, respectivamente.

Gráfico 58: Níveis de conhecimento da língua portuguesa, segundo a tipologia conjugal (%)



Quando nos indagamos se estes valores resultam de um maior ou menor conhecimento/domínio da língua portuguesa, verificamos que não existe uma correlação directa. Nos casos onde o domínio do português é classificado como *fraco* – o mesmo se verifica nos outros níveis – os imigrantes interagem com portugueses e com imigrantes de outras nacionalidades. Mas ao analisarmos isoladamente esta dimensão, surgem alguns aspectos que não

podemos deixar de referir. Com efeito, quando avaliamos os conhecimentos dos imigrantes da língua portuguesa, concluímos que, termos gerais, cerca de 73% dos inquiridos classificaram esses conhecimentos como *Bons/Muito Bons*. Nos dois níveis anteriores, os imigrantes em exogamia (17%) revelaram valores relativamente mais baixos em relação aos em endogamia (33%). Em termos comparativos, são mais os cabo-verdianos e os brasileiros em exogamia a classificarem os seus conhecimentos como *Fracos*, o que não deixa de ser surpreendente pela proximidade linguística existente. Por outro lado, 87,5% dos ucranianos em endogamia afirmaram possuírem um fraco domínio da língua portuguesa. No nível seguinte, do total de respostas, cerca de 32% dos imigrantes em endogamia são ucranianos e 36,8% são brasileiros. Quanto aos que afirmaram terem um bom domínio do português, os ucranianos a viverem em endogamia registam valores mais elevados dos que em exogamia.

4.1.2. Factores contextuais

Uma outra forma de explicarmos a exogamia consiste em considerar as dimensões mais estritamente económicas, como sejam o mercado de trabalho e os índices de rendimento. Numa lógica de custo-benefício, a decisão de os imigrantes optarem por parceiros exteriores ao seu grupo étnico de origem é o resultado directo de uma análise compensatória onde os imigrantes procuram compensar a desvantagem socioeconómica inicial com os conhecimentos detidos pelos potenciais parceiros. (Gevrek, 2009; Muttarak, 2009; Kalmijn, 1998)

4.1.2.1. Mercado de trabalho

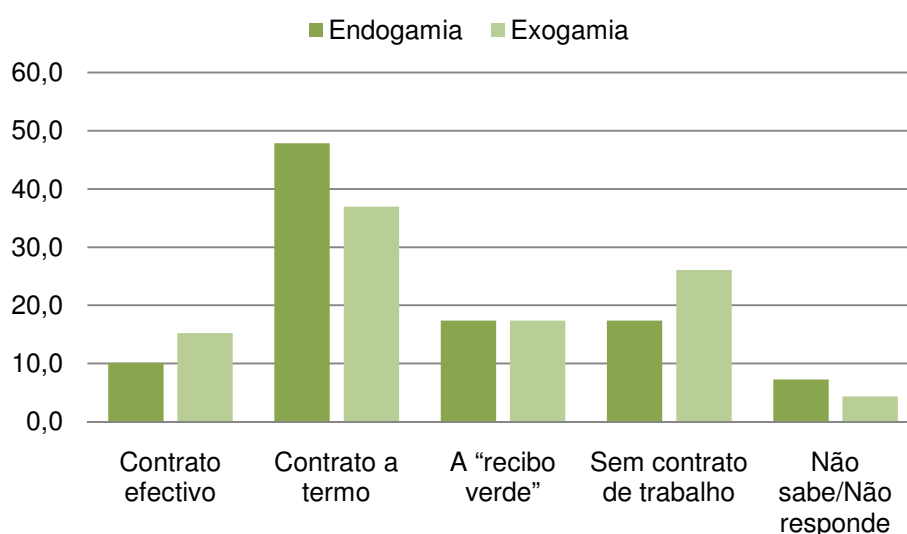
Vários autores (Meng & Gregory 2005; Muttarak, 2004; Kantarevic, 2004; Kalmijn 1998) têm considerado que as relações exogâmicas constituem um dos mais importantes indicadores de integração económica (Gevreký, 2009) e social dos imigrantes nas sociedades de acolhimento, através do esbatimento das diferenças culturais e sociais entre imigrantes e nacionais. Um dos pressupostos basilares desta perspectiva é o de que os imigrantes em exogamia, por via dos contactos que estabelecem e mantêm com a população local, têm mais conhecimentos sobre o mercado de trabalho aumentando, conseqüentemente, as probabilidades de melhorarem a sua posição no mesmo. Assim, é expectável que os imigrantes em exogamia apresentem melhores índices de compatibilidade entre as actividades exercidas e os níveis de instrução/formativos detidos.

Com efeito, atendendo aos dados relativos à participação da população imigrante inquirida no mercado de trabalho local, verifica-se que cerca de 84% dos imigrantes em endogamia e 78% em exogamia são activos e encontram-se a exercer uma actividade profissional remunerada, tendo a maioria entre 29 e 39 anos de idade. Os valores de desemprego, ainda que temporário, parecem afectar mais os imigrantes em exogamia (15%) do que os em endogamia (9%), resultado provável do tempo de residência e dos objectivos migratórios iniciais se terem alterado. Quanto ao vínculo laboral, verifica-se que as relações laborais permanentes com a entidade empregadora são mais elevadas nos imigrantes em exogamia do que nos em endogamia. Nos casos onde existe uma ligação temporária – contratos a prazo –, apesar de ser a tendência

dominante, observamos que são os imigrantes em endogamia os que mais têm esse vínculo laboral.

Em termos comparativos, verifica-se que os brasileiros e os cabo-verdianos em exogamia são os que apresentam as percentagens mais elevadas no item *contrato efectivo* – 81,4% e 77,8%, respectivamente. Quanto aos endogâmicos, os cabo-verdianos (87,5%) e os ucranianos (83,3%) apresentam os valores mais elevados no mesmo item de resposta. As situações de desemprego temporário parecem afectar mais os ucranianos exogâmicos (43%) e os brasileiros endogâmicos (14,3%).

Gráfico 59: Imigrantes por regime contratual, segundo a tipologia conjugal (%)



Sendo que a dimensão económica e laboral constitui um dos fundamentos justificativos da presença destes efectivos nos Açores, importa analisarmos a sua distribuição por sectores de actividade. Assim, ainda que os resultados obtidos revelem que os imigrantes encontram-se a exercer funções em praticamente todos os sectores de actividade, o dos *serviços e vendas* e o

do *operariado* são aqueles que revelam maior capacidade de absorção, não se verificando diferenças significativas entre imigrantes em endogamia e em exogamia. Nas actividades da *hotelaria e restauração* (18,2%) e de *outros serviços* (13,6%) sobressai a importância assumida pelos imigrantes exogâmicos.

Gráfico 60: Imigrantes em exogamia, por sector de actividade (%)

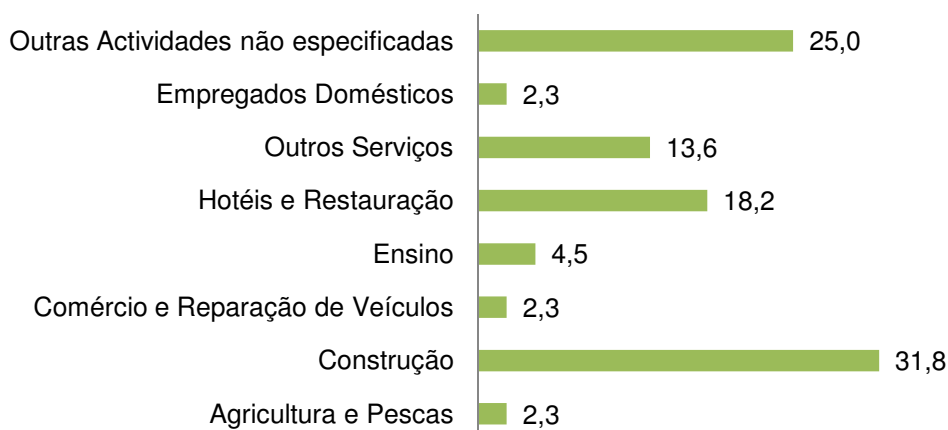
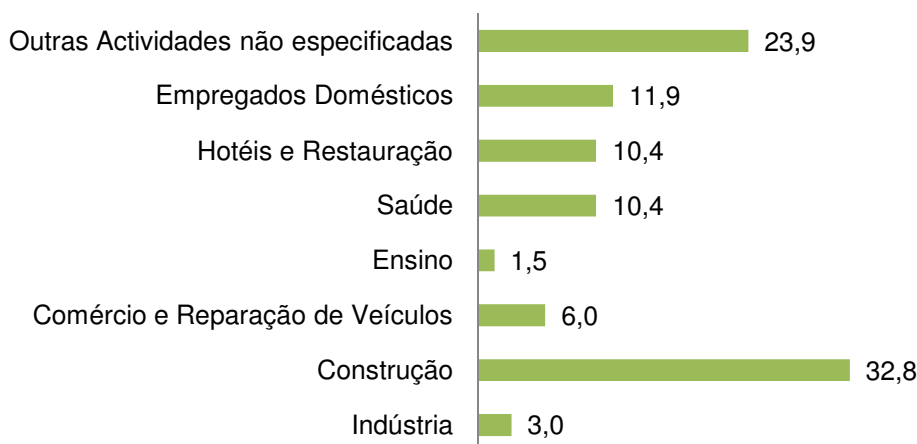


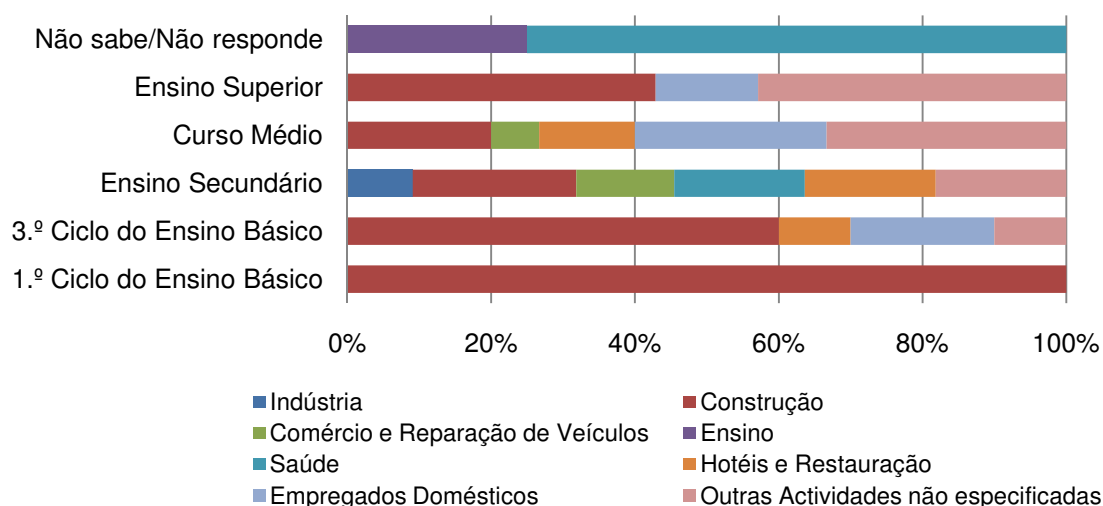
Gráfico 61: Imigrantes em endogamia, por sector de actividade (%)



Partindo da premissa inicial – de que os imigrantes em exogamia, na sequência dos contactos estabelecidos com a população local e do aumento

dos conhecimentos do mercado de trabalho por esta via, apresentam índices de compatibilidade entre as actividades exercidas e os níveis de instrução/formativos detidos mais elevados do que os que estão em endogamia –, quando cruzarmos as variáveis *sectores de actividade* e *nível de instrução*, verifica-se que tal pressuposto não ocorre dado que há uma percentagem significativa que está a exercer actividades para as quais possuem qualificações superiores às requeridas, o que é mais evidente nos que têm o *Ensino Superior* e que estão ligados ao sector da *construção*. Nos níveis educacionais intermédios, para além do peso que a construção civil continua a ter, surgem outros sectores de actividade que revelam maior capacidade de atracção, casos da *hotelaria e restauração* e do *comércio*.

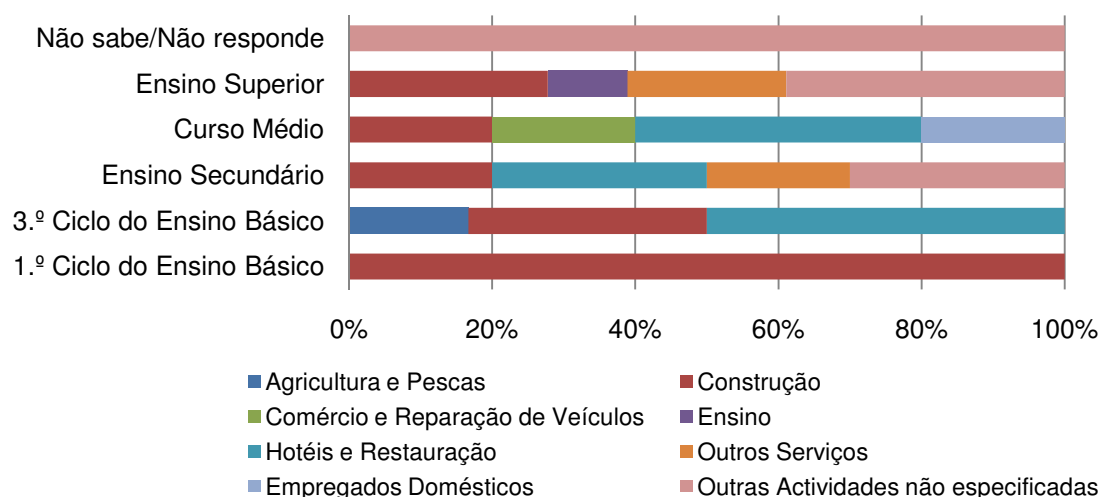
Gráfico 62: Imigrantes em endogamia segundo o nível de instrução, por sectores de actividade (%)



Assim, quando comparamos com os valores registados nos imigrantes em exogamia e em endogamia, parece-nos ser possível que os imigrantes que optaram por relacionamentos exogâmicos, apesar de não terem sido totalmente integrados no mercado de trabalho local de acordo com os seus

níveis escolares/formativos, revelam níveis de desadequação relativamente mais baixos, quando comparados com os imigrantes endogâmicos nos mesmos níveis de escolaridade.

Gráfico 63: Imigrantes em exogamia segundo o nível de instrução, por sectores de actividade (%)



Um outro dado importante a reter é o de que, no pressuposto teórico de que os imigrantes exogâmicos tendem a seleccionar maioritariamente parceiros que tenham em comum, entre outras características, a actividade profissional exercida, quando analisamos a matriz de correspondências entre os sectores de actividade dos imigrantes exogâmicos e dos respectivos cônjuges verifica-se que, com a excepção de 1 caso na *hotelaria e restauração*, não existe uma correspondência directa – situação idêntica é observada nos imigrantes endogâmicos. Assim, perante estes dados, pode-se concluir que o processo de selecção dos parceiros conjugais conduzido pelos imigrantes, independentemente de estarem em exogamia ou em endogamia, parece não

ter sido influenciado pela posição ocupada por aqueles no mercado de trabalho.

4.1.2.2. Rendimento

Apesar de termos verificado que persiste no mercado de trabalho micaelense, em linha do que sucede noutros espaços geográficos regionais e nacionais, um certo desencaixe entre capital escolar e as actividades profissionais exercidas (Ferreira, 2009: 104ss), este parece menos intenso nos imigrantes em exogamia. Ora, considerando que o rendimento dos imigrantes assume um lugar central entre os diversos indicadores de integração económica (Gevreky, 2009) e um dos resultados directos da posição ocupada no mercado de trabalho, é de supor que os que vivem em exogamia apresentem índices de rendimento relativamente superiores ao que estão em endogamia.

Ao analisarmos a variável *salário médio mensal* concluiu-se que uma maioria significativa de imigrantes em exogamia e em endogamia auferem menos dos que 750€ – 63,8% e 66,7%, respectivamente –, sendo que as maiores diferenças são registadas nos que se situam no escalão salarial mais baixo – menos de 500€ – onde os primeiros representam cerca de 15%. Observando a distribuição dos imigrantes exogâmicos pelas diferentes posições remuneratórias, concluiu-se que 100% dos cabo-verdianos, 60% dos brasileiros e 50% dos ucranianos não acedem a salários superiores a 750€, o que não deixa de ser elucidativo das dificuldades de reconhecimento, por parte do

mercado de trabalho, dos níveis escolares/formativos intermédios e elevados possuídos pelos imigrantes, mais notório no caso dos endogâmicos.

Gráfico 64: Salário médio mensal dos imigrantes em exogamia (% acumulada)

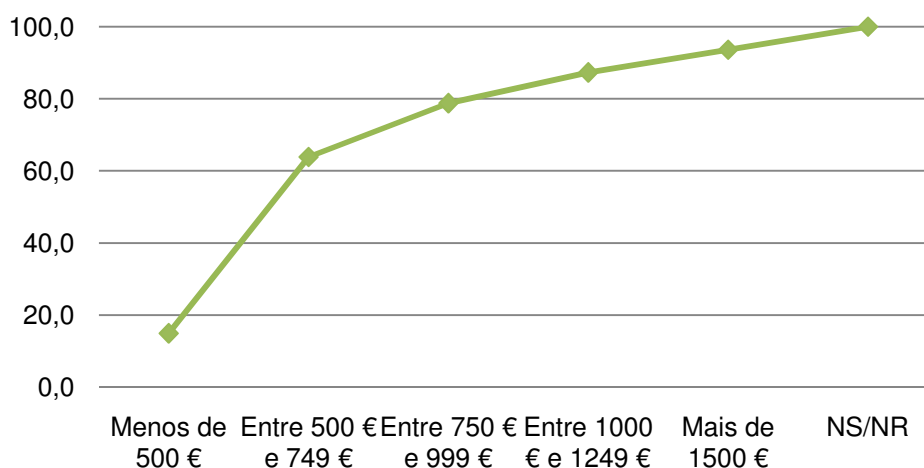
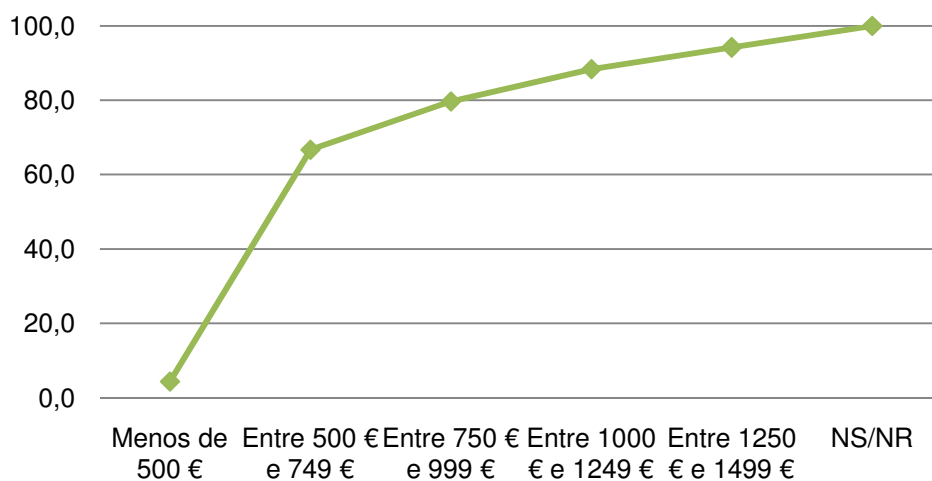


Gráfico 65: Salário médio mensal dos imigrantes em endogamia (% acumulada)



Numa análise mais detalhada, procurando avaliar se estas desigualdades salariais poderão ter conduzido os imigrantes a procurarem parceiros conjugais com índices salariais superiores aos seus, um dos primeiros dados que destacamos é o de que não se verifica grandes diferenças

entre os imigrantes endogâmicos e os exogâmicos. Quando analisamos os valores onde se observa uma coincidência dos índices remuneratórios, concluímos que esta situação é mais elevada junto dos imigrantes exogâmicos (50%) do que nos endogâmicos (35%).

Gráfico 66: Salário médio mensal dos imigrantes em exogamia, segundo o nível de instrução (%)

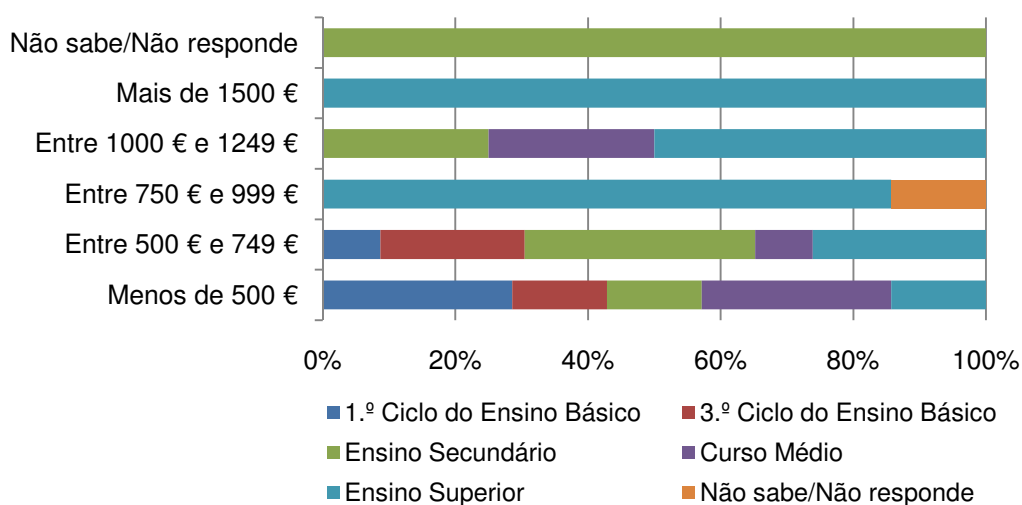
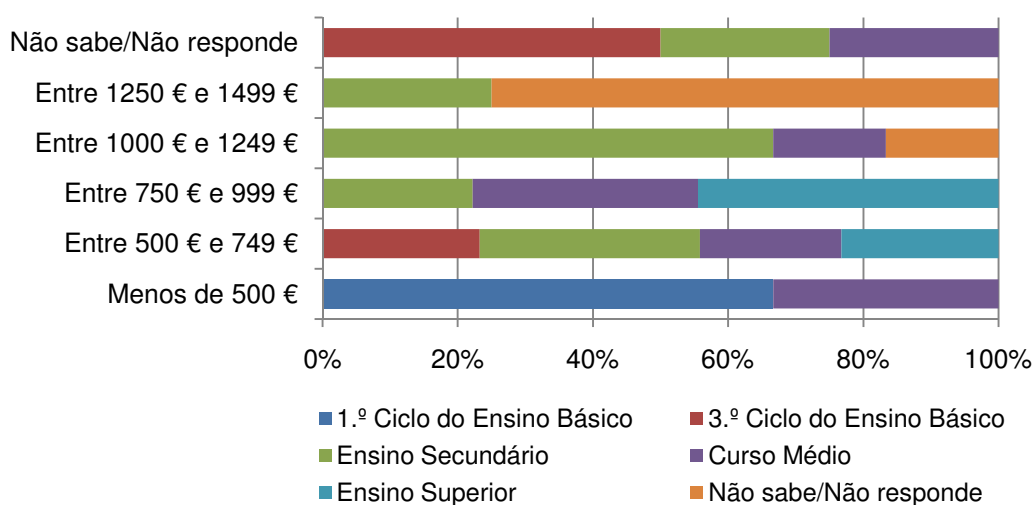


Gráfico 67: Salário médio mensal dos imigrantes em endogamia, segundo o nível de instrução (%)



Os imigrantes incorporados no mercado de trabalho secundário, pouco valorizados económica e socialmente, apresentam salários inferiores aos dos cônjuges, não se registando diferenças significativas entre endogâmicos e exogâmicos – cerca de 15%. Por outro lado, apesar de os valores serem mais reduzidos, é referir que, nas situações onde os cônjuges auferem salários inferiores aos dos imigrantes, as diferenças são mais significativas – 16% nos exogâmicos e 30,4% endogâmicos.

Em síntese, verifica-se a tese dualista da segmentação do mercado de trabalho perante os vínculos laborais e da distribuição das categorias profissional e sectorial dos trabalhadores, ainda que afectando diferentemente os imigrantes em endogamia e em exogamia. O pressuposto teórico de que os imigrantes, por via da exogamia, teriam maiores conhecimentos do mercado de trabalho local (Dribe & Lundh, 2010; 2008; Kantarevic, 2004, Meng & Gregory, 2005), potenciando as suas competências e facilitando a sua assimilação económica, parece não se ter traduzido, pelo menos de forma consistente, nos rendimentos médios mensais auferidos.

4.2. Valores associados à conjugalidade e atitudes (inter)étnicas

Como tivemos oportunidade de referir por diversas vezes, para além das oportunidades de contacto que se edificam entre os imigrantes e a comunidade étnica e interétnica envolvente ao longo do tempo de residência, as preferências e as atitudes face à conjugalidade desempenha, na opinião de Kalmijn (1998), um importante papel no processo de integração. Considerando que a conjugalidade é norteadada por valores e normas sociais que regulam as

relações dos indivíduos com o espaço social onde se inserem, o objectivo deste ponto passa por analisar as percepções dos imigrantes em exogamia e em endogamia sobre os valores associados à felicidade da família e as atitudes perante a união conjugal com outros elementos étnicos. Assim, colocamos a hipótese de que as relações endogâmicas ao permitirem a manutenção e fortalecimento dos valores étnicos e da coesão de grupo, através da preservação dos traços identitários e da transmissão de capital cultural e simbólico às gerações seguintes, as atitudes e representações dos imigrantes sejam distintas das dos que vivem em exogamia. (Palriwala & Uberoi, 2009; Waldis & Byron, 2006; Furtado, 2006, Kalmijn, 1998, entre outros)

Atendendo ao conjunto de valores que foram postos à consideração dos imigrantes, classificando-os segundo a importância para a felicidade do casamento (cf. Quadros 7 e 8), numa análise comparada, a *fidelidade*, o *diálogo e compreensão*, *uma vida sexual gratificante* foram os que receberam maior consenso pelos imigrantes exogâmicos e exogâmicos na categoria “muito importante”. No que se refere aos aspectos materiais/económicos destacam-se *partilhar projectos profissionais* e *viverem em casa própria*, ambos com 9%, *trabalharem os dois* (8,2%) e *bom rendimento* (8%) classificados como muito importantes para os imigrantes exogâmicos. Comparativamente com percentagens ligeiramente mais elevadas nos últimos três itens de resposta, apenas 6,9% dos imigrantes endogâmicos apontam a *partilha de projectos profissionais* como sendo um dos aspectos considerados fundamentais para a felicidade do casamento concluindo-se, assim, que os valores mais directamente relacionados a questões económicas e financeiras são mais valorizados pelos imigrantes endogâmicos. Quanto ao grau de

concordância sobre os aspectos culturais – *ter a mesma origem nacional, o mesmo nível cultural e ter a mesma origem cultural* – verifica-se que são classificados como tendo pouca ou nenhuma importância por 66% dos imigrantes exogâmicos e por 54,3% de endogâmicos. Na categoria “muito importante” verifica-se que são, como seria expectável, os imigrantes em endogamia (14,4%) os que mais valorizam a importância dos aspectos culturais para a felicidade da conjugalidade – 8,4% dos que vivem em exogamia classificaram-nos como “muito importante”.

Quadro 7: Aspectos valorizados pelos imigrantes em exogamia para a felicidade da conjugalidade (%)

Items	Muito importante (n= 388)	Importante (n= 148)	Pouco importante (n= 52)	Nada importante (n= 98)	NS/NR (n= 22)
Fidelidade	13,1	5,4	0,0	0,0	0,0
Bom rendimento	8,0	12,8	7,7	5,1	0,0
Partilhar projectos profissionais	9,0	9,5	7,7	3,1	13,6
Partilhar as tarefas domésticas	9,8	4,7	11,5	4,1	18,2
Diálogo e compreensão	12,6	6,1	0,0	0,0	4,5
Viverem em casa própria	9,0	8,8	17,3	0,0	9,1
Trabalharem os dois	8,2	16,2	1,9	0,0	9,1
Ter a mesma origem nacional	2,6	4,7	13,5	32,7	13,6
O mesmo nível cultural	2,6	12,8	17,3	18,4	13,6
A mesma origem cultural	3,4	6,1	11,5	27,6	18,2
Uma vida sexual gratificante	13,4	3,4	0,0	2,0	0,0
Ter filhos	8,2	9,5	11,5	7,1	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Para além destes valores, observamos algumas situações que, em nosso entender, são contraditórias. Assim, apesar de uma percentagem significativa de imigrantes em exogamia desvalorizar a componente cultural, nomeadamente o facto de os cônjuges serem originários do mesmo país, cerca

de 23% classifica-a como “importante” para a felicidade da conjugalidade. Situação semelhante é registada junto dos imigrantes a viverem em endogamia onde, apesar de cerca de 62% e 45,8% classificam, respectivamente, a componente cultural como sendo “nada importante” e “pouco importante”. Assim, julgamos poder afirmar, com alguma acuidade, que, mais do que os aspectos económicos associados pelos imigrantes à felicidade da conjugalidade, são os culturais os que se revelaram ser, efectivamente, o elemento diferenciador entre os que vivem em exogamia e os que vivem em endogamia, sendo que os últimos atribuem-lhe maior importância.

Quadro 8: Aspectos valorizados pelos imigrantes em endogamia para a felicidade da conjugalidade (%)

Items	Muito importante (n= 520)	Importante (n= 211)	Pouco importante (n= 85)	Nada importante (n= 90)	NS/NR (n= 78)
Fidelidade	13,8	3,3	0,0	0,0	3,8
Bom rendimento	8,5	10,9	9,4	0,0	9,0
Partilhar projectos profissionais	6,9	1,8	1,2	15,6	7,7
Partilhar as tarefas domésticas	6,0	13,3	7,1	14,4	5,1
Diálogo e compreensão	11,3	7,6	0,0	0,0	9,0
Viverem em casa própria	9,8	5,2	17,6	0,0	6,4
Trabalharem os dois	9,0	8,5	14,1	0,0	6,4
Ter a mesma origem nacional	5,6	7,1	12,9	20,0	11,5
O mesmo nível cultural	3,8	10,0	15,3	21,1	11,5
A mesma origem cultural	5,0	7,1	17,6	21,1	9,0
Uma vida sexual gratificante	11,3	5,7	0,0	1,1	12,8
Ter filhos	8,8	9,5	4,7	6,7	7,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Prosseguindo com os propósitos deste ponto e passando à análise das matrizes de concordância das representações e atitudes interétnicas (Bastos & Bastos, 2006) dos imigrantes quanto à família, conjugalidade e identidade

étnica, um dos primeiros dados a destacar é o da maior abertura dos imigrantes em endogamia à possibilidade de o namoro poder ocorrer fora do seu grupo étnico de origem, ainda que o casamento obedeça a determinadas restrições como seja a religião, a raça ou a origem étnica – 13,3% na categoria “concordo inteiramente”. Quando atendemos aos valores dos imigrantes em exogamia na categoria “discordo inteiramente”, verifica-se que existe a mesma abertura ao namoro exogâmico ainda que a conjugalidade não se seja acompanhada por valores étnicos, religiosos ou raciais – 14,9%.

Quadro 9: Matriz de concordância dos imigrantes em exogamia (%)

	Frases-estímulo	CI (n=159)	CP (n=85)	DP (n=84)	DI (n=175)	NS/NR (n=38)
1	Na minha comunidade os valores culturais são muito importantes	19,5	15,3	4,8	4,6	7,9
2	Daqui a duas ou três gerações os nossos descendentes não se distinguem dos portugueses em geral	13,8	10,6	15,5	6,9	7,9
3	Casar fora da comunidade foi-nos prejudicial	3,1	14,1	9,5	16,0	15,8
4	Os portugueses que façam a sua vida que nós fazemos a nossa	4,4	2,4	15,5	18,9	10,5
5	Casei/casarei com uma pessoa da minha raça/religião para não desgostar os meus familiares	3,8	7,1	8,3	20,0	13,2
6	É mais importante dar-me com os portugueses do que manter os costumes do meu povo	3,1	11,8	13,1	16,6	10,5
7	Quero é ser feliz, não me interessa saber de raças, de religiões ou de comunidades	20,1	28,2	11,9	0,0	7,9
8	Posso namorar com um português(a) ou de outra comunidade, mas para casar tem que ser alguém da minha religião/comunidade/raça	7,5	3,5	14,3	14,9	15,8
9	O que interessa é casar por amor, sem ligar a raças e religiões	24,5	7,1	7,1	2,3	10,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Legenda: (CI: Concordo inteiramente; CP: Concordo parcialmente; DP: Discordo parcialmente; DI: Discordo inteiramente)

Quadro 10: Matriz de concordância dos imigrantes em exogamia (%)

	Frases-estímulo	CI (n=256)	CP (n=121)	DP (n=85)	DI (n=149)	NS/NR (n=126)
1	Na minha comunidade os valores culturais são muito importantes	20,7	14,9	0,0	2,7	5,6
2	Daqui a duas ou três gerações os nossos descendentes não se distinguem dos portugueses em geral	13,7	2,5	18,8	9,4	11,1
3	Casar fora da comunidade foi-nos prejudicial	3,5	12,4	7,1	19,5	18,3
4	Os portugueses que façam a sua vida que nós fazemos a nossa	3,1	9,9	17,6	18,8	14,3
5	Casei/casarei com uma pessoa da minha raça/religião para não desgostar os meus familiares	5,5	6,6	16,5	18,1	15,1
6	É mais importante dar-me com os portugueses do que manter os costumes do meu povo	0,8	23,1	14,1	15,4	13,5
7	Quero é ser feliz, não me interessa saber de raças, de religiões ou de comunidades	16,0	16,5	9,4	4,0	5,6
8	Posso namorar com um português(a) ou de outra comunidade, mas para casar tem que ser alguém da minha religião/comunidade/raça	13,3	5,0	11,8	12,1	11,1
9	O que interessa é casar por amor, sem ligar a raças e religiões	23,4	9,1	4,7	0,0	5,6
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Legenda: (CI: Concordo inteiramente; CP: Concordo parcialmente; DP: Discordo parcialmente; DI: Discordo inteiramente)

Quando consideramos os aspectos relacionados com a valorização da cultura de origem, rejeição da exogamia e fechamento étnico (items 1, 3 e 4) verifica-se que os imigrantes em exogamia e em endogamia não apresentam diferenças significativas na categoria “concordo inteiramente” – 27,3% e 27,3%, respectivamente. Situação idêntica é observada nos que rejeitam por completo estas afirmações – 41% e 39,5%, respectivamente. Porém, as maiores diferenças são as registadas nas categorias intermédias onde se observa, surpreendentemente, um maior grau de concordância junto dos imigrantes em

exogamia – 37,2% na categoria “concordo parcialmente. Cerca de 25% do total de imigrantes exogâmicos discordam mais do que concordam com estes aspectos – 29,8% dos que vivem em endogamia.

Os resultados apresentados apesar de terem revelado algumas diferenças de concordância entre imigrantes em exogamia e em endogamia, quando confrontados com determinadas frases-estímulo, a ideia geral que fica é de que ambos os grupos não concordam ou rejeitam totalmente que a exogamia constituiu um elemento perturbador dos valores culturais e da coesão de grupo. Um outro dado a reter é de que a valorização e realização pessoal (itens 7 e 9) são aspectos altamente valorizados em ambos os grupos, destacando-se cerca de 20% de exogâmicos que apontam a felicidade individual independentemente da religião, raça ou etnia.

Para complementar esta análise, atendemos às atitudes dos imigrantes quanto à possibilidade de os filhos optarem por viverem em conjugalidade com parceiros de outras origens étnicas, verifica-se que, atendendo aos valores globais, o sentimento geral é de indiferença e de infelicidade, mais acentuados nos endogâmicos do que nos exogâmicos. Mas quando consideramos os valores referentes à conjugalidade dentro da mesma nacionalidade, ou seja, à possibilidade de os filhos optarem por viverem em endogamia, concluiu-se que do total de cabo-verdianos em exogamia cerca de 67% demonstrou felicidade se tal acontecesse. No caso dos brasileiros, para além de mais de 50% partilhar o mesmo sentimento dos cabo-verdianos, importa realçar os cerca de 33% que revelou indiferença e, apesar de pouco representativos, 7% na categoria “muito infeliz”. A contrastar com os valores anteriores, 85,7% dos

ucranianos em exogamia ficaria indiferente se os filhos casassem dentro da sua comunidade de origem.

Gráfico 68: Atitudes dos imigrantes em exogamia quanto à possibilidade de os filhos viverem em conjugalidade com um elemento da mesma nacionalidade (%)

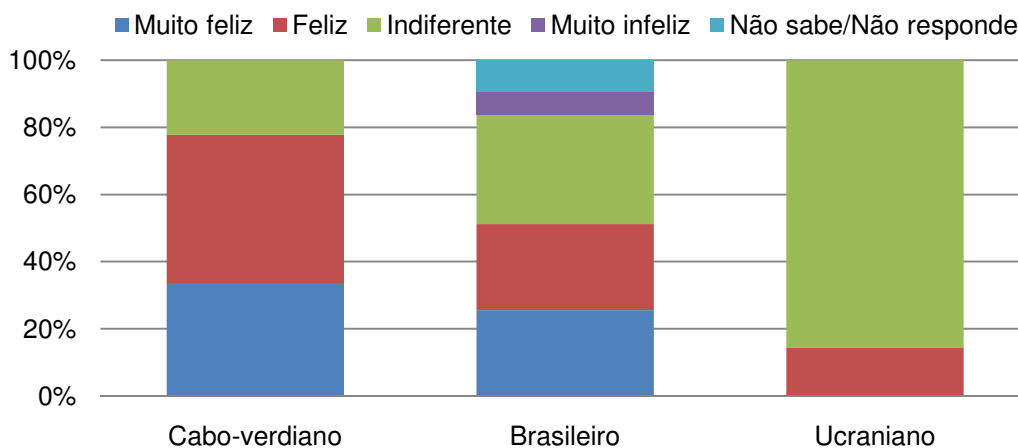
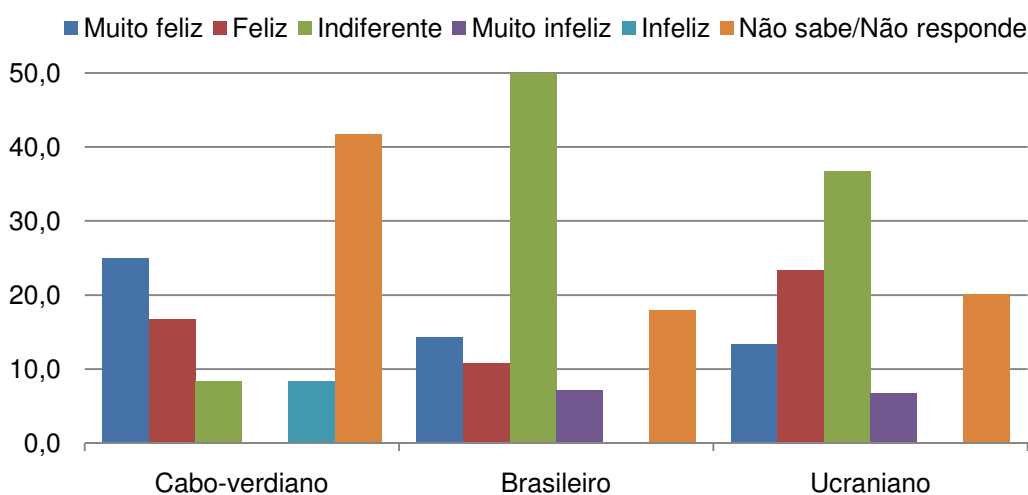


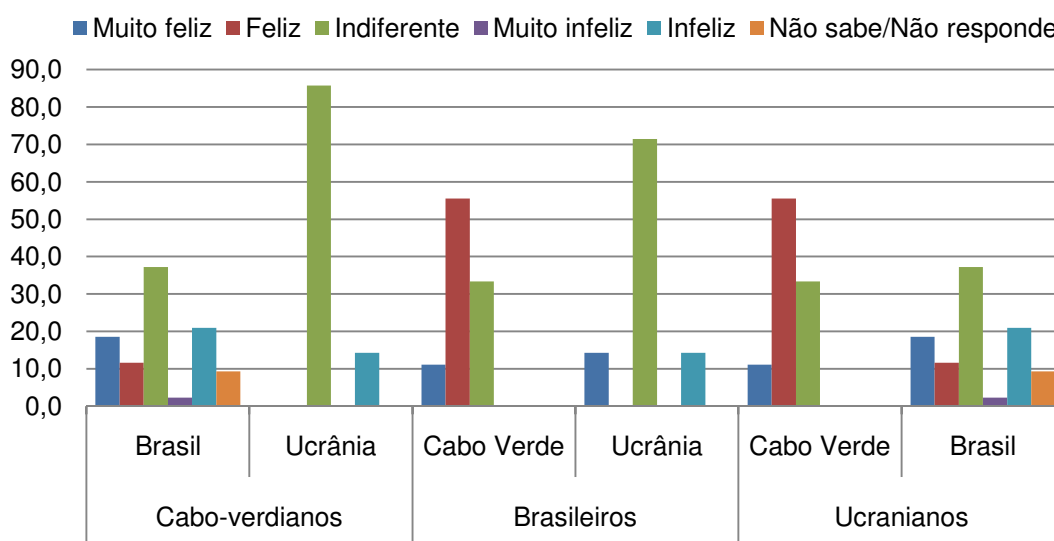
Gráfico 69: Atitudes dos imigrantes em endogamia quanto à possibilidade de os filhos viverem em conjugalidade com um elemento da mesma nacionalidade (%)



Com efeito, apesar de se encontrarem a viver em exogamia, o dado mais importante a reter, em nosso entender, é o de que encaram com

naturalidade e felicidade o facto de os filhos optarem por relacionamentos endogâmicos. Quando comparamos estes dados com os observados para os imigrantes em endogamia, concluiu-se que uma percentagem significativa de brasileiros e de ucranianos afirmaram ficarem indiferentes à possibilidade de os filhos casarem ou viverem em conjugalidade dentro mesmo grupo étnico. Um aspecto que contrasta com os exogâmicos é, efectivamente, a elevada percentagem de indivíduos que optaram por não responder à questão, o que pode ser um indício do facto de considerarem que as uniões com outras nacionalidades não se colocam.

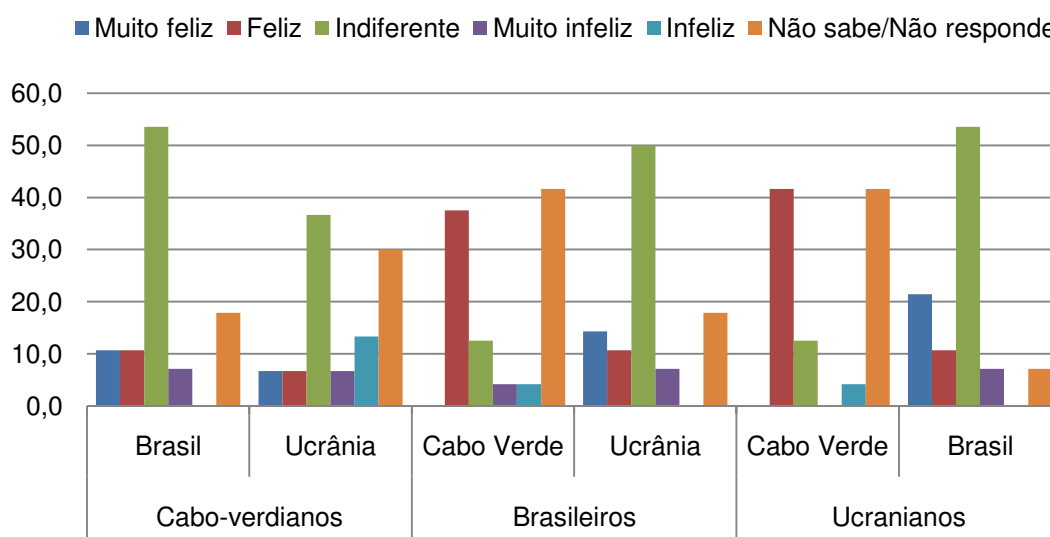
Gráfico 70: Atitudes dos imigrantes em exogamia quanto à possibilidade de os filhos viverem em conjugalidade com um elemento da outra nacionalidade (%)



Quando confrontamos os valores referentes à possibilidade de os familiares directos optarem por situações conjugais fora do grupo étnico de origem, nomeadamente com cidadãos portugueses, observa-se algumas tendências que merecem a nossa atenção. Em primeiro lugar é de sublinhar

que, tanto os imigrantes em exogamia como em endogamia, não demonstraram uma objecção clara, através da categoria de resposta “muito infeliz” ou “infeliz”, à conjugalidade dos seus filhos com outras nacionalidades. De referir, ainda, o facto de os imigrantes a viverem em endogamia, através da opção “não sabe/não responde”, revelam terem maiores dúvidas quanto à potencial exogamia dos seus filhos. (cf. Gráficos 70 e 71)

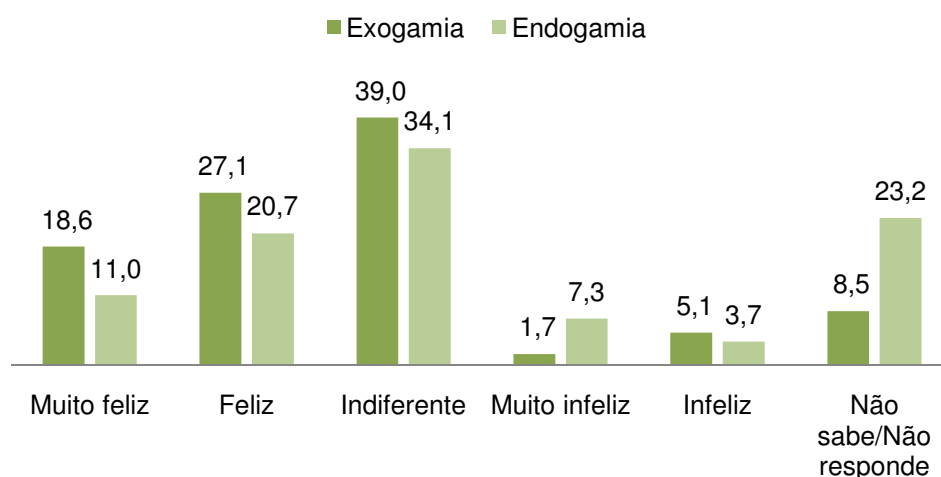
Gráfico 71: Atitudes dos imigrantes em endogamia quanto à possibilidade de os filhos viverem em conjugalidade com um elemento da outra nacionalidade (%)



Quando o potencial cônjuge dos filhos é português, observa-se que tanto os imigrantes em exogamia como os em endogamia manifestaram alguma indiferença em relação a essa possibilidade. Nas categorias de resposta anteriores verifica-se que são mais os exogâmicos os que são mais favoráveis à conjugalidade com os portugueses – 45,7% – face aos cerca de 32% que se encontram em endogamia e que não rejeitam esta possibilidade. Ao considerarmos estes valores por nacionalidade, observa-se que são os

imigrantes brasileiros e cabo-verdianos a viverem em exogamia e em endogamia os que afirmaram que se sentiriam felizes com a possibilidade de os seus filhos viverem com portugueses. No caso dos ucranianos são mais os exogâmicos (71,4%) os que assinalaram a categoria “indiferente” – 36,7% de endogâmicos. Apesar da pequenez de efectivos em causa, é de ralçar que 20% de ucranianos em endogamia e cerca de 14% em exogamia declaram que se sentiriam infelizes se os filhos vivessem em conjugalidade com cidadãos portugueses.

Gráfico 72: Atitudes dos imigrantes quanto à possibilidade de os filhos viverem em conjugalidade com um português (%)



Em resultado dos dados observados, concluiu-se que os imigrantes em exogamia são tendencialmente mais favoráveis à exogamia dos seus filhos com portugueses (45,6%) do que com estrangeiros de outras nacionalidades. Ainda que com diferenças percentuais, observa-se que cerca de 32% dos imigrantes em endogamia é favorável à conjugalidade dos filhos com portugueses, o que não deixa de ser surpreendente se considerarmos que a

endogamia é considerada a via privilegiada para a manutenção dos valores culturais de origem dos imigrantes.

Notas síntese

Factores individuais

1. A percentagem de imigrantes exogâmicos solteiros (42,4%) e casados (35,6%) à chegada é superior à dos em endogamia – solteiros (25,6%) e os casados (56%);
2. As maiores alterações nas categorias do estado civil à chegada aos Açores foram verificadas nos solteiros, onde cerca de 42% de exogâmicos optou por casar (44,8%) ou por viver em união de facto (40%), situação idêntica foi regista nos endogâmicos;
3. A percentagem de imigrantes que vivem em exogamia com pelo menos o *Ensino Secundário* é relativamente superior nos exogâmicos (80%) do que nos endogâmicos (74%).
4. As situações de igualdade educacional cônjuges em exogamia, representando cerca de 48%, são mais elevadas nos ucranianos (83,3%) e nos brasileiros (46,3%) com um nível de escolaridade igual ou superior ao *Ensino Secundário*. Nos que vivem em endogamia, cerca de 38% partilham o mesmo nível de instrução dos seus cônjuges e 74,2% tem pelo menos o *Ensino Secundário*, destacando-se os cabo-verdianos (57,1%) e os ucranianos (41,4%);

5. Maior propensão dos imigrantes em exogamia com pelo menos o *Ensino Secundário* para optarem por parceiros com o mesmo nível de escolaridade – cerca de 49% dos casos.
6. A avaliação do acolhimento dado pelos açorianos à população estrangeira é, em geral, positiva – exogamia (94,9%) e em endogamia (96,3%);
7. A percentagem de imigrantes em endogamia (33%) que afirmaram não terem grandes conhecimentos da língua portuguesa contrasta com os 17% registados nos em exogamia.

Factores contextuais

1. Ainda que a percentagem de imigrantes activos seja elevada em ambos os grupos, destacam-se os endogâmicos com cerca de 84%;
2. As situações de emprego temporário são mais frequentes junto dos imigrantes em endogamia do que nos em exogamia;
3. Os sectores dos *serviços e vendas* e o do *operariado* são os que captam a maioria da mão-de-obra disponível, tanto nos em exogamia como nos em endogamia;
4. Os imigrantes em exogamia, ainda que se observando uma desadequação entre os níveis escolares/formativos e a profissão/actividade exercida, revelam uma maior capacidade de integração no mercado de trabalho regional quando comparados com os endogâmicos;

5. As desigualdades salariais decorrentes de uma incorporação adequada no mercado de trabalho regional revelaram não ter contribuído directamente para que o processo de selecção do cônjuge ocorresse de acordo com o critério do rendimento auferido.

Outros factores

1. Os *aspectos económicos e culturais* são considerados fundamentais para a felicidade do casamento pelos imigrantes endogâmicos;
2. Os cabo-verdianos em exogamia revelaram-se mais receptivos à possibilidade de os filhos desenvolverem relações conjugais endogâmicas, contrastando com os cerca de 86% de ucranianos que seriam indiferentes;
3. No caso do potencial cônjuge dos filhos ser português, apesar do sentimento geral ser de indiferença e por vezes de infelicidade, cerca de 46% dos imigrantes em exogamia, sobretudo brasileiros e cabo-verdiano, revelam-se favoráveis.

Conclusão

Considerando que “os casamentos mistos constituem um dos veículos socialmente mais eficazes para a hibridação cultural e para a emergência de verdadeiros fenómenos de interculturalidade, gerados a partir do encontro de diferentes que, por essa via, se fusionam e se integram na formação de entes culturalmente terceiros” (Raposo & Togni, 2009:7), o propósito central desta investigação foi o de procurar perceber se a exogamia interétnica é de uma estratégia dos imigrantes ou, pelo contrário, uma consequência do processo de assimilação, designadamente na sua vertente económica.

Sendo que o processo de integração dos imigrantes nas sociedades receptoras não decorre de forma linear, no nosso quadro teórico procuramos relevar o papel que a exogamia tem na assimilação económica pela importância que assumem nos processos de aprendizagem das características socioculturais, decorrentes de relações interpessoais mais ou menos intensas estabelecidas com a população da comunidade receptora. Nesta perspectiva, os diferentes níveis de capital escolar/formativo e as profissões/actividades desempenhadas pelos imigrantes estariam optimizadas e a integração económica seria plena. Contudo, esta perspectiva foi questionada por diversos autores pelo facto de se terem observado diversas situações em que o postulado de uma assimilação unidireccional não se tinha concretizado. Na sequência dos desafios colocados pelos novos agentes migratórios às sociedades receptoras, o processo de assimilação tende a ocorrer de forma segmentada, onde os processos e dinâmicas de selecção dos parceiros conjugais exogâmicos encontram-se influenciados por um conjunto de factores determinantes em contexto migratório.

As características demográficas, culturais e económicas que os novos agentes migratórios comportam obrigaram a uma análise multidimensional onde a maior ou menor propensão dos imigrantes para optarem por relacionamentos exogâmicos está condicionada pelas preferências conjugais dos candidatos, pela influência do grupo social a que pertencem e pelos constrangimentos do mercado matrimonial local. Estas questões, ainda que analisadas ao longo do trabalho, tomaram corpo de forma mais sistemática no Capítulo IV onde, para além de equacionarmos um conjunto de factores individuais e contextuais como determinantes da exogamia, relevamos a análise dos valores associados à conjugalidade e as atitudes (inter)étnicas. Este último aspecto revelou-se essencial pela abordagem complementar que facultou na análise das percepções e representações das imigrantes associadas à exogamia, endogamia e à população açoriana em geral.

Retomando o essencial do que foi obtido nos capítulos precedentes deste trabalho e começado pela família, evidenciamos alterações verificadas na estrutura e dimensão dos agregados familiares açorianos decorrentes do declínio da mortalidade, natalidade e nupcialidade e do aumento da divorcialidade. Um outro aspecto que demos conta respeita às alterações observadas nos núcleos familiares insulares – contracção da dimensão dos agregados, aumento dos núcleos familiares monoparentais, diversificação das formas de os indivíduos entrarem na conjugalidade, autonomização da natalidade do casamento, entre outras – e à presença prolongada de população estrangeira no Arquipélago associada no surgimento de padrões conjugais com intervenientes étnicos e culturais distintos.

Quando consideramos o número de famílias clássicas estrangeiras residentes nos Açores e o número de casamentos entre estrangeiros e nacionais como potenciais indicadores de medida do impacto da presença de estrangeiros, os valores obtidos são reveladores do contributo dos efectivos estrangeiros nas dinâmicas de mudanças registadas ao nível da família. O peso das famílias estrangeiras no total de famílias clássicas existentes no Arquipélago em 1991 (0,8%) e em 2001 (1%) aumentou – sendo os maiores aumentos observados nos europeus e nos africanos – tal como o número de pessoas envolvidas – de 1219 em 1991 para 1561 em 2001. Um outro aspecto que mereceu a nossa atenção relaciona-se com os ritmos de crescimentos verificados no total de estrangeiros residentes e nos casamentos entre estrangeiros e nacionais realizados no período 1998-2009. Com efeito, enquanto registamos uma variação percentual na ordem dos 37 pontos no volume de estrangeiros residentes no Arquipélago, nos casamentos exogâmicos ela situa-se nos 93 pontos, o que não deixa de ser elucidativo da importância que o fenómeno assumiu no contexto regional e com particular incidência, em termos absolutos, nas ilhas de São Miguel, Faial, Pico e São Jorge onde a capacidade de atracção económica e o poder de diluição são maiores.

No que se refere às características das populações imigrantes inquiridas, há a notar que são maioritariamente jovens, activos e do sexo masculino. A estrutura etária apresenta-se profundamente desequilibrada, com predominância de pessoas em idade activa, verificando-se que os que têm entre 25 e 39 anos de idade representam cerca de 67% do total de inquiridos. Contrastando com os valores observados a nível regional, os níveis de

instrução predominantes na população inquirida são o *Ensino Secundário* e o *Ensino Superior* – 30,8% e 26,7%, respectivamente –, destacando-se o peso dos brasileiros e dos ucranianos. Na posição ocupada no mercado de trabalho micaelense, sendo possível observar alguma diversidade sectorial, o grande destaque vá para os *serviços e vendas* e para o *operariado* não se verificando grandes disparidades entre nacionalidades e sexo. Contudo, as varáveis que permitiram estabelecer as maiores diferenças foram o *tempo de residência* e o *nível educativo*. As actividades que parecem ser mais atractivas para os imigrantes que têm um tempo de permanência igual ou inferior a 1 ano são a *construção* (50%), os *empregados domésticos* (23,1%) e o *comércio* (22,2%). Nos imigrantes que estão nos Açores há mais anos a diversificação sectorial é maior, sobretudo no caso ramo da *hotelaria e restauração*. Quando observamos os detentores de níveis educativos superiores, com maior incidência junto dos ucranianos e brasileiros, tendem a ocupar profissões/actividades menos qualificadas com particular destaque para o *operariado*. Nos níveis intermédios encontramos uma maior correspondência entre as profissões/actividades ocupadas e a escolaridade possuída, apesar de termos verificado um peso considerável dos que estão ligados ao *operariado*, de resto um aspecto que é transversal a todos os imigrantes, independentemente da nacionalidade e nível de instrução.

Assim, a permanência mais demorada dos imigrantes no Arquipélago não parece ter revelado o maior sucesso na sua inserção (medida correspondência entre o nível de instrução e a profissão/actividade exercida e pelos rendimentos auferidos) no mercado de trabalho micaelense. Com efeito, para além do que já referimos, observamos que a esmagadora maioria dos

imigrantes está nos escalões de rendimento até 749€, com destaque para os que têm um tempo de permanência igual ou inferior a 1 ano. De sublinhar que uma percentagem significativa de imigrantes que possuem uma escolaridade igual ou superior ao ensino secundário tem rendimentos médios mensais inferiores a 500€.

Um outro aspecto que mereceu a nossa atenção foi o respeitante às formas de imigração utilizadas e os motivos de escolha dos Açores como principal destino migratório. Uma das características que sobressai é o facto de os cabo-verdianos e os ucranianos serem os que iniciam os seus projectos migratórios maioritariamente sozinhos e com a utilização de recursos próprios, familiares ou de terceiros. Com uma percentagem mais reduzida, mas ainda digna de registo, destacam-se os brasileiros que migraram em família sendo que as motivações económicas são maioritárias na escolha do Açores – tal como acontece nos cabo-verdianos e ucranianos.

Procurando aferir das possíveis consequências do processo migratório nas estruturas familiares dos imigrantes, concluiu-se que as principais alterações – decorrentes de uma permanência relativamente prolongada no Arquipélago – foram registadas nas diferentes categorias do estado civil – com particular incidência nos solteiros – e nas modalidades de coabitação, onde a maioria vive com os familiares, destaque para os brasileiros e cabo-verdianos casados e solteiros. Nos que vivem sozinhos ou com colegas/amigos, são os cabo-verdianos solteiros e os ucranianos casados aqueles que apresentam as percentagens mais elevadas. Um outro aspecto que importa referir e que está interligado com os dois anteriores refere-se à composição dos núcleos familiares, onde os imigrantes optam maioritariamente por relações

endogâmicas. Quanto aos que optaram por relacionamentos exogâmicos – sendo progressivamente mais elevados os valores à medida que o tempo de residência nos Açores é mais prolongado – destaca-se que a maioria das situações exogâmicas envolvem portugueses, sobretudo quando estão envolvidas mulheres brasileiras.

Se inicialmente procuramos apresentar o essencial do que foi dito para o total da população estrangeira inquirida – evidenciando determinados elementos e atributos demográficos e socioeconómicos que os caracterizam –, a reflexão posterior reportou-se unicamente ao universo dos que se encontram actualmente em conjugalidade.

Relativamente aos *factores individuais* foi possível verificar que, para além do facto de o fenómeno da exogamia ter revelado particular incidência junto dos imigrantes mais jovens – menos de 34 anos (61%) – que têm um tempo de residência no Arquipélago relativamente prolongado, verificou-se que a categoria do estado civil maioritária à chegada era “solteiros”. No caso dos imigrantes que vivem em endogamia deve referir-se que, para além da percentagem de solteiros à chegada ser inferior e de a maioria ser casada, as principais alterações foram verificadas junto dos “solteiros”. Concluiu-se que os imigrantes em exogamia são maioritariamente solteiros, relativamente jovens à chegada e com um tempo de residência relativamente prolongado. No caso dos imigrantes em endogamia, apesar de apresentarem uma permanência na região relativamente próxima dos imigrantes em exogamia, as maiores diferenças são registadas na idade e no estado civil à chegada – cerca de 37% tem mais de 34 anos e 56% são casados. Quanto ao perfil de instrução dos imigrantes, verifica-se que os exogâmicos destacam-se no *Ensino Secundário*

e no *Ensino Superior*, com destaque para os brasileiros e ucranianos. Ao avaliarmos as semelhanças educativas entre os imigrantes e os cônjuges, concluiu-se que é nos relacionamentos exogâmicos, sobretudo com portugueses, que as situações de igualdade educacional são mais elevadas – *Ensino Secundário, Curso Médio e Ensino Superior* recolhem cerca de 86% dos casos, sobressaindo os ucranianos (83,3%) e os brasileiros (46,3%). Por outro lado, verificou-se que as situações de proximidade educacional são mais elevadas entre os endogâmicos – quando apresentam níveis de instrução são superiores ao dos cônjuges – e nos endogâmicos – quando a escolaridade é inferior. Relativamente às percepções que os imigrantes têm do acolhimento dado pelos açorianos à população estrangeira em geral verificou-se que são francamente positivas – não se registando diferenças significativas entre os que vivem em exogamia e em endogamia –, contrastando com os valores de indiferença e racismo associados à interacção dos açorianos. Uma leitura geral dos resultados referentes à avaliação dos imigrantes quanto ao comportamento com as outras nacionalidades inquiridas verificou-se que os endogâmicos avaliam negativamente a interacção com os cabo-verdianos e ucranianos, enquanto os exogâmicos privilegiam os cabo-verdianos. Quanto considerados os valores referentes aos nacionais do mesmo grupo étnico dos imigrantes, revelou-se que os que vivem em exogamia classificam a acção dos açorianos como sendo de indiferença e de racismo, destacando-se a avaliação efectuada pelos cabo-verdianos e os ucranianos.

Tentando ir mais além na análise efectuada, interrogamos os imigrantes sobre os *grupos preferenciais de amizade/convívio*. Os dados obtidos permitiram-nos concluir que as avaliações declaradamente negativas

da interacção dos açorianos com os imigrantes – sobretudo entre os exogâmicos – contrastam com a diversidade das nacionalidades dos intervenientes nas suas relações sociais, ainda que tenhamos registado um certo fechamento étnico – mais acentuado nos ucranianos – quando privilegiam unicamente os da mesma nacionalidade. Assim, os comportamentos aparentemente racistas e de indiferença da população açoriana – mais realçados pelos imigrantes em exogamia – parecem não ter tido interferência directa nas relações interpessoais estabelecidas já que apenas 11,9% afirmou não se relacionar com portugueses – nos endogâmicos esse valor é de 32,9%.

Quanto aos *factores contextuais* (mercado de trabalho e rendimento) regista-se, antes de mais, que os diferentes factores socioeconómicos que estiveram subjacentes aos processos migratórios condicionam de sobremaneira os modos de incorporação e de integração no mercado de trabalho local. Quando consideramos a possibilidade de os imigrantes por via da exogamia acederem a profissões/actividades compatíveis com os capitais escolares/formativos de origem, verificou-se que a tendência geral é para se concentrarem – à semelhança dos que vivem em endogamia – em actividades relacionadas com os *serviços e vendas* e o do *operariado*. Salvaguardando a pequenez de efectivos em causa, comparando as percentagens dos que têm o *Ensino Superior* e que se encontram a desempenhar actividades adequadas ao nível educacional/formativo possuído, verificou-se que, apesar de não estarem totalmente integrados no mercado de trabalho, os imigrantes em exogamia revelaram níveis de desadequação mais baixos do que os em endogamia. No que se refere ao rendimento, para além de não termos registado diferenças significativas nos escalões remuneratórios médios, verificou-se que as

desigualdades salariais decorrentes da incorporação em categorias profissionais e sectoriais não conduziram os imigrantes a delinearem estratégias de selecção dos cônjuges por este critério – rendimento. Resumindo estes dados, deve-se reter que os imigrantes em exogamia – teoricamente com mais conhecimentos do mercado de trabalho local – não revelaram ter alcançado, de forma consistente, posições socioprofissionais superiores aos em endogamia. O rendimento – um dos possíveis instrumentos de medida – revelou isto mesmo, pondo em evidência uma percentagem ainda considerável de imigrantes em exogamia que auferem menos de 500€ mensais.

Acerca dos valores associados à conjugalidade e das atitudes (*inter*)étnicas pode afirmar-se que estas se caracterizam por serem algo contraditórias. Destacamos que os aspectos directamente relacionados com questões económicas e financeiras são mais valorizados pelos imigrantes em endogamia, provavelmente na sequência dos propósitos migratórios que os conduziram ao Arquipélago. Os aspectos culturais, ainda que desvalorizados por ambos os grupos, surgem mais dissociados da conjugalidade pelos imigrantes exogâmicos. Contudo, não podemos deixar de referir que uma percentagem importante de imigrantes em exogamia – cerca de 8% – considerar que *ter a mesma origem nacional, o mesmo nível cultural ou a mesma origem cultural* são aspectos fundamentais na felicidade de uma relação conjugal. Reforçando mais uma vez a ideia de que os dados obtidos revelam-se, por vezes, contraditórios com os pressupostos teóricos atribuídos ao comportamento e às atitudes de cada um dos grupos, julgamos que o dado mais importante a reter é, efectivamente, o das questões culturais associadas à

felicidade da conjugalidade constituírem o elemento diferenciador entre os que vivem em exogamia e os que vivem em endogamia. Quando foram considerados os indicadores relacionados com as representações e atitudes (inter)étnicas, designadamente a possibilidade de a exogamia poder constituir um elemento perturbador da coesão de grupo e de eliminação dos referenciais culturais e normativos de origem, verifica-se a maioria dos imigrantes não concordam ou rejeitam liminarmente esta situação. Numa leitura geral, a possibilidade de a exogamia poder ocorrer nos filhos dos imigrantes em exogamia, é encarada com alguma naturalidade e felicidade, contrastando com atitudes de indiferença e de alguma infelicidade manifestada pelos que vivem em endogamia. Quando o potencial cônjuge dos filhos é português, verifica-se que os imigrantes em exogamia são tendencialmente mais favoráveis a esta situação do que os em endogamia – cerca de 46% e 32%, respectivamente.

Apesar do conhecimento agora produzido e que possibilitou responder a um conjunto de interrogações que foram sendo colocadas ao longo do trabalho, outras houve cujas respostas não foram possíveis obter e que aguardam futuras investigações. Algumas delas são as seguintes: como explicar algumas das posições “contraditórias” ou “ambivalentes” dos imigrantes em exogamia e em endogamia face às formas de entrar em conjugalidade?; como explicar que a avaliação do acolhimento dos açorianos aos estrangeiros seja perspectivado como sendo muito positivo e que as formas de relacionamento seja classificadas como discriminatórias e de racismo?; quais é que poderão ter sido as implicações de uma integração económica deficitária no mercado de trabalho local nestas atitudes?; finalmente, será que as actuais condições socioeconómicas vividas no Arquipélago poderão interferir negativamente no

processo de assimilação conjugal que se tem vindo a desenhar nos últimos anos?

Sejam quais forem as respostas que se possam avançar a estas questões, resta-nos concluir que – apesar de estarmos perante um fenómeno pouco estudado a nível nacional e pioneiro no Arquipélago – caminhamos para uma sociedade plural onde os efeitos da assimilação se fazem sentir de forma distinta nos diferentes grupos étnicos em todos os aspectos da vida em sociedade. Assim, a hipótese de que a assimilação económica e o processo de integração dos imigrantes são determinados pelas relações exogâmicas iniciadas e mantidas na sequência da sua exposição a diferentes contextos sociais – potenciando a aprendizagem dos costumes culturais, da língua e o conhecimento sobre as dinâmicas do mercado de trabalho local – não se verificou de igual modo em todas as nacionalidades, em virtude dos diferentes estádios de maturidade migratória presentes e dos capitais educativos/formativos detidos.

Referências Bibliográficas

- Aboim, Sofia (2005a). “A formação do casal: formas de entrada e percursos conjugais” in Wall, Karin (org) (2005). *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais/ICS, pp. 85-116.
- Aboim, Sofia (2005b). “As orientações normativas da conjugalidade” in Wall, Karin (org) (2005). *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais/ICS, pp. 169-230.
- Aboim, Sofia (2006). “Conjugalidade, afecto e formas de autonomia individual”, *Análise Social*, n.º 180, pp. 801-825.
- Aboim, Sofia *et al.* (2002). “Tipos de família em Portugal: interações, valores, contextos”, *Análise Social*, n.º 163, pp. 475-506.
- Almeida, Ana Nunes de *et al.* (1995). “A família” in E. Sousa Ferreira e H. Rato (orgs), *Portugal Hoje*, Lisboa: INA, pp. 31-53;
- Almeida, Ana Nunes de *et al.* (1998). “Relações Familiares: Mudança e Diversidade”, in J. M. Leite Viegas e A. Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que modernidade?*, Oeiras:Celta, pp. 45-78.
- Baganha, *et al.* (2002). *Os movimentos migratórios externos e a sua incidência no mercado de trabalho em Portugal*, Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Baganha, *et al.* (2004). *Novas migrações, novos desafios: A Imigração do Leste Europeu*, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 69 (Outubro), pp. 95-115.

- Bastos, Susana Pereira; Bastos, José Gabriel Pereira (2006), *Filhos diferentes de deuses diferentes manejos da religião em processos de inserção social diferenciada: uma abordagem estrutural-dinâmica*, Lisboa: ACIME.
- Berry, John W. (2007), "Acculturation strategies and adaptation" in Lansford, Jennifer E. *et al.*, (2007). *Immigrant Families in Contemporary Society*, The Guildford Press: New York, pp. 69-82.
- Bourhis, Y. *et al.*, (1997). "Towards an interactive acculturation model: A social psychological approach", *International Journal of Psychology* 32 (6), pp. 369-386.
- Carvalho, Margarida Domingues de (2007), *A construção da imagem dos imigrantes e das minorias étnicas pela imprensa portuguesa. Uma análise comparativa de dois jornais diários*, Lisboa: ISCTE.
- Castles, Stephen *et al.* (2003). *The age of migration*. New York: Palgrave Macmillan.
- Chiswick, Barry R.; Houseworth, Christina A. (2008). "Ethnic Intermarriage among Immigrants: Human Capital and Assortative Mating", Discussion Paper series, (n.º 3740), IZA, September.
- Clark, Rebecca L. *et al.*, (2009). "Immigrant Families Over the Life Course Research Directions and Needs", *Sage Publications*: London, pp. 852-872.
- Creese, Gillian *et al.*, (1999). "Reconstituting the Family: Negotiating Immigration and Settlement", n.º 99-10, *Working Paper Series, Research on Immigration and Integration in the Metropolis*, March.

- Dribe, Martin; Lundh, Christer (2008). "Intermarriage and Immigrant Integration in Sweden", *Nordic Sociological Association and Sage Publications*, Vol 51(4), London, pp. 329–354.
- Dribe, Martin; Lundh, Christer (2010). "Human Capital, Cultural Dissimilarity and Intermarriage. A Longitudinal Study of Immigrants in Sweden 1990-2005". *Lund Papers in Economic History*. 114.
- Ferreira, Eduardo Costa Duarte (2008), "O início dos novos fluxos migratórios para os Açores e a situação socioprofissional dos imigrantes" in Boletim do Núcleo Cultural da Horta, n.º 17, pp. 257-271.
- Ferreira, Eduardo Costa Duarte (2009), "Mercado de trabalho e trajetórias profissionais" in Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.* (2009), *Perfis e trajetórias dos imigrantes nos Açores*, Governo dos Açores/CES-UA: Ponta Delgada, pp. 93-163.
- Fitt-Ajewole, Rebecca Leah (2008). *Intermarriage, Assimilation, and Transnationalism: New Directions*, Theses and dissertations, Ryerson University, [<http://digitalcommons.ryerson.ca/dissertations/81>].
- Foddy, William (1996). *Como perguntar: Teoria e prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Oeiras: Celta.
- Fonseca, Maria Lucinda (2008), *Cities in movement: migrants and urban change*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos/Universidade de Lisboa.
- Fonseca, Maria Lucinda (coord) *et al.* (2005). *Reunificação familiar e imigração em Portugal*, Observatório da Imigração, 15, Lisboa: ACIME.

- Fonseca, Maria Lucinda *et al.* (2007), *Mapa de boas práticas: acolhimento e integração de imigrantes em Portugal*, Lisboa: OIM (Organização Internacional para as Migrações).
- Fonseca, Maria Lucinda; Ormond, Meghann (2008), “Defining ‘Family’ and Bringing it Together: The Ins and Outs of Family Reunification in Portugal” in Grillo, Ralph (ed.), *The Family in Question: Imigrants and Ethnic Minorities in Multicultural Europe*, Amsterdam: Amsterdam University Press, pp. 89-111.
- Furtado, Delia (2006). *Human Capital and Interethnic Marriage Decisions*. IZA – Institute for the Study of Labor, *Discussion Paper Series* n.º. 1989, Bonn.
- Furtado, Delia and Nikolaos Theodoropoulos (2008). *Interethnic Marriage: A Choice between Ethnic and Educational Similarities*. IZA – Institute for the Study of Labor, *Discussion Paper Series* n.º. 3448, Bonn.
- Gall, Didier Le (1993). “Segundos Amores. Amar a Razão?”, *Revista: Sociologia Problemas e Práticas*, n.º 13, pp. 155-171.
- Gevreky, Z. Eylem (2009). “Interethnic Marriage and the Labor Market Integration of Immigrants”, *Job Market Paper*, University of Arizona.
- Gonsoulin, Margaret; Fu, Xuanning (2010). “Intergenerational Assimilation by Inter-marriage: Hispanic and Asian Immigrants”, *Marriage & Family Review*, V. 46, n.º4, pp. 257-277.
- Goode, William (1969). *Revolução Mundial e Padrões de Família*, São Paulo: Biblioteca Universitária de São Paulo.

- Grassi, Marzia, (2005). “*Casar com o passaporte no espaço Schengen: uma introdução ao caso de Portugal*”, *Working Paper*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa.
- Grillo, Ralph (2008), *The Family in Question: Imigrants and Ethnic Minorities in Multicultural Europe*, Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Hou, F; Myles, J. (2008). “The changing role of education in the marriage market: assortative marriage in Canada and the United States since the 1970s”, *Canada Journal of Sociology*, n. ° 33, pp. 337–66
- INE (1991), *XIII Recenseamento Geral da População e da Habitação*, Lisboa: INE.
- INE (2000-2006). *Estudos Demográficos*, Lisboa: INE.
- INE (2001), *XIV Recenseamento Geral da População e da Habitação*, Lisboa: INE.
- INE (2002). *Estatísticas Demográficas*, Lisboa: INE
- INE (2007). *Censos - séries históricas*, Lisboa: INE
- INE (2008). *Casamentos*, Lisboa: INE
- INE (2008b). *Estatísticas Demográficas 2007*, Lisboa: INE
- INE (2009), *Estimativas Anuais da População Residente*, Lisboa: INE
- INE (2010). *Indicadores Demográficos*, Lisboa: INE
- Kalmijn, Matthijs (1998). “Intermarriage and Homogamy: causes, patterns, trends”, *Annual Review of Sociology*, n.º 24, pp. 395-421.
- Kalmijn, Matthijs; Tubergen, Frank van (2007). “Ethnic intermarriage in the Netherlands: confirmations and refutations of accepted insights”, *European Journal of Population/Revue européenne de Démographie*, Volume 22, n.º 4, pp. 371-397

- Kantarevic, Jasmin (2004). "Interethnic Marriages and Economic Assimilation of Immigrants", *IZA Discussion Paper* n.º 1142.
- Kofman, E. (2004). "Family-Related Migration: A Critical Review of European Studies", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 30, n.º. 2, pp. 243–262.
- Lalanda, Piedade (2002). "Casar pelo civil ou pela igreja" *Revista: Sociologia Problemas e Práticas*, n.º 39, pp. 69-83.
- Leandro, Maria Engrácia (2008). "Dinâmica familiar e migrações. A situação das famílias portuguesas na Alemanha e em França" in *Actas do Colóquio Internacional "Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas"*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, pp. 57-66.
- Lievens, John (1998). "Interethnic Marriage: Bringing in the Context through Multilevel Modelling", *European Journal of Population*, n.º 14, pp. 117–155.
- Lourenço, Nelson (1991). "Sociologia e Família: uma leitura dos discursos sociológicos sobre a família", *Arquipélago – Ciências Sociais*, n.º. 6, Ponta Delgada: Universidade dos Açores/CES.
- Lucassen, Leo; Charlotte Laarman (2009). "Immigration, intermarriage and the changing face of Europe in the post war period", *History of the Family*, n.º 14, pp. 52-68.
- Machado, Fernando Luís (1992). *Etnicidade em Portugal, Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 12, pp. 123-136.
- Machado, Fernando Luís (1997). "Contornos e especificidades da imigração em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 24, pp. 9-44.

- Machado, Fernando Luís (1999). "Imigrantes e estrutura social", *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 29, pp. 51-76.
- Machado, Fernando Luís (2002). *Contrastes e Continuidades. Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras: Celta Editora.
- Machado, Fernando Luís; Abranches, Maria (2005). "Caminhos limitados de integração social trajetórias socioprofissionais de cabo-verdianos e hindus em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 48, pp.69-91.
- Machado, Fernando Luís; Azevedo Joana (2009). "A investigação sobre imigração e etnicidade em Portugal: tendências, vazios e propostas", *Migrações*, nº 4, Lisboa, ACIDI, pp. 7-31.
- Maia, Rui Leandro Alves da Costa (2002). *O sentido das diferenças. Migrantes e naturais: observação de percursos de vida no Bonfim*, Tese de Doutoramento em Sociologia – Metodologias Fundamentais, Braga: Universidade do Minho/ICS. [Texto Policopiado]
- Malheiros, Jorge Macaísta (2005). "Jogos de relações internacionais: repensar a posição de Portugal no arquipélago migratório global" in Barreto, António (Organizador) (2005). *Globalização e Migrações*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais (ICS), pp. 251-272.
- Malheiros, Jorge Macaísta *et al.* (2007). *Espaços e expressões de conflito e tensão entre autóctones, minorias migrantes e não migrantes na área metropolitana de Lisboa*, Observatório da imigração, n.º 22: Lisboa.

- Marzia, Grassi (2005). “Casar com o passaporte no espaço Schengen: uma introdução ao caso de Portugal”, WP4-05, *Working Paper*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Meng, X.; Gregory, Robert G. (2005). “Intermarriage and the economic assimilation of immigrants”, *Journal of Labor Economics*, n.º 23, pp. 135–175.
- Muttarak, Raya (2004), “Marital assimilation: Interethnic marriage in Britain”, 12th Biennial Conference of the Australian Population Association, 15-17 September, Canberra.
- Observatório do Emprego e Formação Profissional (2008). *Inquérito aos imigrantes a residir na Região Autónoma dos Açores*, Ponta Delgada: Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Palriwala, Rajni; Uberoi, Patricia (2009). *Marriage, Migration and Gender*, col. Women and migration in Asia, n.º 5, Sage Publications: London.
- Peixoto, João (2004). *As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas*, SOCIUS Working Papers, n.º 11.
- Peixoto, João (2008), “Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências”, in Peixoto, João (org.), *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho*, Abril 2008, n.º 2, Lisboa: ACIDI, pp. 19-46.
- Phinney, Jean S.; Ong, Anthony D. (2007). “Ethnic Identity Development in Immigrant Families” in Lansford, Jennifer E. *et al.*, (2007). *Immigrant Families in Contemporary Society*, The Guildford Press: New York, pp. 51-68.

- Pires, Rui Pena (2002), “Mudanças na imigração: uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, 1998-2001”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 39, pp. 151-166.
- Pires, Rui Pena (2003), *Migrações e Integração: Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*, Oeiras: Celta Editora.
- Portes, Alejandro (1999), *Migrações Internacionais: Origens, Tipos e Modos de Incorporação*, Oeiras: Celta Editora.
- Portes, Alejandro (2003). “Conclusion: Theoretical Convergencies and Empirical Evidence in the Study of Immigrant Transnationalism”, *Center for Migration Studies of New York, IMR*, vol. 37 (3), pp. 874-892.
- Portes, Alejandro (2004). “Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, pp. 73-93.
- Portes, Alejandro (2006). *Estudos sobre as migrações contemporâneas. Transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração*. Lisboa: Fim de Século.
- Portes, Alejandro; Borocz, Jozsef (1989). “Contemporary Immigration: Theoretical Perspectives on Its Determinants and Modes of Incorporation”, *International Migration Review*, Vol. 23, n.º 3, pp. 606-630.
- Portes, Alejandro; Haller, William; Fernandez-Kelly, Patricia (2008). “Filhos de imigrantes nos Estados Unidos”. *Tempo Social*, vol.20, n.º 1, pp. 13-50.
- Qian, Zhenchao; Lichter, Daniel T. (2001). “Measuring Marital Assimilation: Intermarriage among Natives and Immigrants”, *Social Science Research*, n.º 30, pp. 289–312.

- Quivy, Raymond *et al.* (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*, 2ª Ed. Lisboa: Gradiva.
- Ramos, Madalena; Ferreira, Ana Cristina (2008). “Padrões de casamentos entre imigrantes” in *VII Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, 25 a 28 de Junho de 2008, Lisboa, pp. 1-19.
- Raposo, Paulo; Togni, Paula C. (2009), *Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiros e portugueses: género e imigração*, Estudos OI, nº 38, Lisboa: ACIME.
- Reis, Elisabete; Moreira, Raúl (1993). *Pesquisa de Mercados*, Lisboa: Edições Sílabo.
- Rocha, Gilberta Pavão Nunes (1991), *Dinâmica Populacional dos Açores no século XX: unidade, permanência, diversidade*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Rocha, Gilberta Pavão Nunes (2008a). “O crescimento da população e os novos destinos da emigração” in *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX*, Vol. II, Terceira: Instituto Açoriano de Cultura, pp. 265-306.
- Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.* (1999), *Situação das mulheres nos Açores*, Assembleia Legislativa dos Açores/CES-UA: Ponta Delgada.
- Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.* (2004), *Imigrantes nos Açores: população e imigração nos Açores*, Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores. [Texto policopiado]

- Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.* (2009), *Perfis e trajetórias dos imigrantes nos Açores*, Ponta Delgada: Governo dos Açores/ Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores.
- Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.*, (2005-2006), “O arquipélago dos Açores como região de fronteira”, *Revista Arquipélago - História*, 2.^a série, IX-X, pp. 105-140.
- Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.*, (2008b), *Socializações Alternativas. Crianças e jovens em instituições nos Açores*, Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores.
- Rocha, Gilberta Pavão Nunes; Ferreira, Eduardo (2008). “População e circulação de pessoas” in *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX*, Vol. II, Terceira: Instituto Açoriano de Cultura, pp. 581-610.
- Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1995). *Sociologia das Migrações*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Rocha-Trindade, Maria Beatriz (2004) *A imigração em Portugal: e agora?*, V Jornadas de História Local, Fafe [Texto policopiado]
- Rogers, Rosemarie (1986). “The Transnational Nexus of Migration” *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 485, vol. 34, Sage Publications: London, pp. 34-50.
- Rosa, Maria João Valente *et al.* (2008), *Contributos dos “imigrantes” na Demografia portuguesa. O papel das populações de nacionalidade estrangeira*, Lisboa: ACIME.
- Rosa, Rodrigo (2005). “A escolha do cônjuge” in Wall, Karin (org) (2005). *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais/ICS.

- Rossi, Peter H. (1980). *Why families move: a study in the social psychology of urban residential mobility*. Sage Publications: London.
- Sampieri, Roberto Hernández *et al.* (2006). *Metodologia de pesquisa*, 3.^a edição, São Paulo: McGraw-Hill.
- Saraceno, Chiara (1997). *Sociologia da Família*, Lisboa: Editorial Estampa.
- Scott, Dulce Maria (2009). "Portuguese Americans Acculturation, Socioeconomic integration and Amalgamation. How far have they advanced?" *Revista: Sociologia Problemas e Práticas*, n.º 61, pp. 41-64.
- SEF (2002). *População estrangeira em território nacional*, Lisboa: SEF.
- SEF (2004). *População estrangeira em território nacional*, Lisboa: SEF.
- SEF (2007). *População estrangeira em território nacional*, Lisboa: SEF.
- SEF (2007b). *Relatório Anual*, Lisboa: SEF.
- SEF (2008). *Relatório Anual*, Lisboa: SEF.
- SEF (2010). *Relatório Anual*, Lisboa: SEF.
- SEFSTAT (2009). *População estrangeira em território nacional*, Lisboa: SEF.
- SEFSTAT (2010). *População estrangeira em território nacional*, Lisboa: SEF.
- Shorter, Edward (1975). *A Formação da Família Moderna*, Lisboa: Terramar.
- Sinke, Suzanne (2002). "Migration for Labor, Migration for Love: Marriage and Family Formation across Borders", *OAH Magazine of History*, v. 14, n.º 1, pp. 17-21.
- Slonim-Nevo, Vered, *et al.* (2009). "Adjustment of Immigrants: A Longitudinal Study The Impact of Familial and Environmental Factors", *Journal of Family Issues*, vol. 30 (I), Sage Publications: London, pp. 92-123.

- Song, Miri (2009). "Is Intermarriage a Good Indicator of Integration?", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 35: 2, pp. 331-348
- SREA (2003). *Séries Estatísticas: 1991 - 2001*, Angra do Heroísmo: SREA
- Torres, Anália (1996), *Divórcio em Portugal – ditos e interditos*, Oeiras: Celta.
- Torres, Anália (2002). "Casamento: conversa a duas vozes e em três andamentos", *Análise Social*, nº. 163, pp. 569-602.
- Tubergen, Frank Van; Maas, Ineke (2007). "Ethnic intermarriage among immigrants in the Netherlands: An analysis of population data", *Social Science Research*, 36, pp. 1065-1086
- Tyyska, Vappu (2007). "Immigrants Families in Sociology" in Lansford, Jennifer E. *et al.*, (2007). *Immigrant Families in Contemporary Society*, The New York: Guildford Press, pp. 83-99.
- Vicente, Paula; Reis, Elisabete (1998). *Sondagens. Amostra como factor de qualidade*, Lisboa: Edições Sílabo.
- Waldis, Barbara; Byron, Reginald (Eds.) (2006). *Migration and Marriage: Heterogamy and Homogamy in a Changing World*, Freiburger Sozialanthropologische Studien, Lit Verlag.
- Wall, Karin (org) (2005). *Famílias em Portugal*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais/ICS.
- Wall, Karin *et al.* (2008). "Trajectórias de Mulheres Imigrantes em Portugal" in *VII Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, 25 a 28 de Junho de 2008, Lisboa, pp. 1-16.
- Wildsmith, Elizabeth *et al.* (2003). "Assimilation and intermarriage for U.S. immigrant groups, 1880-1990", *History of the Family* (8), pp. 563–584.

Yu, Lucy C. et al., (1993). "The impact of family migration and Family Life Cycle on the Employment Status of Married, College-Educated Women", *Work and Occupations*, (20), Sage Publications: London, pp. 233-246.

ANEXOS

ANEXO I – QUESTIONÁRIO
PERCURSOS E PRÁTICAS CONJUGAIS
DOS IMIGRANTES EM CONTEXTO INSULAR

Data: ___/___/___ Hora de início ___:___ Hora de fim ___:___ Entrevistador _____

Concelho: _____

Inquérito n.º: |__|__|__|

Nacionalidade: Cabo-verdiana |__| Brasileira |__| Ucraniana |__|

I – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1. País de nascimento?

1. Cabo Verde |__| 2. Brasileira |__| 3. Ucraniana |__|

2. Sexo:

1. Masculino |__| 2. Feminino |__|

3. Idade:

1. Actual |__| 2. Quando chegou aos Açores |__| 3. Quando chegou a São Miguel |__|

4. Estado civil:

4.1. Quando saiu do seu país de origem

1. Solteiro(a) |__| 4. Separado(a) |__|
2. Casado(a) |__| 5. União de facto |__|
3. Divorciado(a) |__| 6. Viúvo |__| 7. NS/NR |__|

4.2. Quando chegou aos Açores

1. Solteiro(a) |__| 4. Separado(a) |__|
2. Casado(a) |__| 5. União de facto |__|
3. Divorciado(a) |__| 6. Viúvo |__| 7. NS/NR |__|

4.3. Actualmente

1. Solteiro(a) |__| 4. Separado(a) |__|
2. Casado(a) |__| 5. União de facto |__|
3. Divorciado(a) |__| 6. Viúvo |__| 7. NS/NR |__|

5. Naturalidade do Cônjuge/Companheiro(a)?

1. Portugal |__|
2. Cabo Verde |__|
3. Brasil |__|
4. Ucrânia |__|
5. Outra (especificar) _____

6. Ano de chegada aos Açores?

1. Próprio: _____

2. Cônjuge/Companheiro(a) (apenas no caso de ser estrangeiro): _____

7. Tempo de residência nos Açores? (riscar o que não interessa)

1. Próprio: | ___ | ___ | anos | ___ | ___ | meses

2. Cônjuge/Companheiro(a) (apenas no caso de ser estrangeiro): | ___ | ___ | anos | ___ | ___ | meses

8. Veio para os Açores:

1. Sozinho | ___ |
2. Com o(a) conjugue/companheiro(a) | ___ |
3. Com o(a) cônjuge/companheiro(a) e os filhos | ___ |
4. Com outros familiares (pais, irmão, primos, etc.) | ___ |
5. Com amigos | ___ |
6. Outro. Qual? _____ | ___ |

9. Tem filhos?

- | | | | | | |
|--------|-----|-------------|-----------|--|-----------|
| 1. Sim | ___ | 1. Quantos? | ___ ___ | 1. Quantos nasceram nos Açores? | ___ ___ |
| 2. Não | ___ | | | 2. Quantos nasceram no seu país de origem? | ___ ___ |
| | | | | 3. Outra situação | ___ ___ |

10. Habilitações escolares:

Próprio		Cônjuge/Companheiro(a)	
1. Nenhuma	___	1. Nenhuma	___
2. Sabe ler e escrever	___	2. Sabe ler e escrever	___
3. Ensino primário	___	3. Ensino primário	___
4. Ciclo preparatório	___	4. Ciclo preparatório	___
5. 3.º ciclo	___	5. 3.º ciclo	___
6. Frequência do ensino secundário	___	6. Frequência do ensino secundário	___
7. Ensino Secundário	___	7. Ensino Secundário	___
8. Curso Médio	___	8. Curso Médio	___
9. Frequência do ensino superior	___	9. Frequência do ensino superior	___
10. Ensino Superior	___	10. Ensino Superior	___
11. Não sabe/Não responde	___	11. Não sabe/Não responde	___

11. Conhecimentos da língua portuguesa:

Próprio		Cônjuge/Companheiro(a) (apenas se for estrangeiro a residir nos Açores)	
1. Nenhum	__	1. Nenhum	__
2. Percebe um pouco, mas não fala	__	2. Percebe um pouco, mas não fala	__
3. Fracos	__	3. Fracos	__
4. Regulares	__	4. Regulares	__
5. Bons/Muito bons	__	5. Bons/Muito bons	__
6. Não sabe/Não responde	__	6. Não sabe/Não responde	__

12. Qual é a sua posição religiosa?

Próprio		Cônjuge/Companheiro(a) (apenas se for estrangeiro a residir nos Açores)	
1. Católico	__	1. Católico	__
2. Ortodoxo	__	2. Ortodoxo	__
3. Protestante	__	3. Protestante	__
4. Outra religião cristã	__	4. Outra religião cristã	__
5. Outra religião não cristã	__	5. Outra religião não cristã	__
6. Indiferente/Agnóstico/Ateu	__	6. Indiferente/Agnóstico/Ateu	__
7. Não sabe/Não responde	__	7. Não sabe/Não responde	__

13. Residência?

Actualmente		Quando chegou aos Açores	
1. Em casa de familiares	__	1. Em casa de familiares	__
2. Em casa de amigos ou conhecidos	__	2. Em casa de amigos ou conhecidos	__
3. Num quarto/casa alugada	__	3. Num quarto/casa alugada	__
4. Numa casa própria	__	4. Numa casa própria	__
5. No local onde trabalha	__	5. No local onde trabalha	__
6. Outro	__	6. Outro	__
7. Não sabe/Não responde	__	7. Não sabe/Não responde	__

II – SITUAÇÃO SOCIOPROFISSIONAL

14. Situação face ao trabalho?

Próprio		Cônjuge/companheiro(a) (apenas se residir em Portugal)	
1. Empregado	__	1. Empregado	__
2. Desempregado temporariamente	__	2. Desempregado temporariamente	__
3. À procura de 1º emprego	__	3. À procura de 1º emprego	__
4. Estudante	__	4. Estudante	__
5. Dona de casa (doméstica)	__	5. Dona de casa (doméstica)	__
6. Reformado/pensionista	__	6. Reformado/pensionista	__
7. Não sabe/Não responde	__	7. Não sabe/Não responde	__

15. Profissão actual?

1. Próprio _____
2. Cônjuge/companheiro(a) _____

16. Regime contratual?

Próprio		Cônjuge/companheiro(a) (apenas se residir em Portugal)	
1. Contrato efectivo	__	1. Contrato efectivo	__
2. Contrato a termo	__	2. Contrato a termo	__
3. A “recibo verde”	__	3. A “recibo verde”	__
4. Sem contrato de trabalho	__	4. Sem contrato de trabalho	__
5. Não sabe/Não responde	__	5. Não sabe/Não responde	__

17. Gosta do trabalho que faz actualmente?

1. Muito |__|
2. Pouco |__|
3. Nada |__|
4. Indiferente |__|
5. Não sabe/Não responde |__|

18. O que faz com as poupanças que realiza? (se não existirem assinalar no campo destinado para o efeito)

0. Não existem ___	Sim	Não	NS/NR
1. Envia para a família	___	___	___
2. Poupa para comprar casa nos Açores	___	___	___
3. Poupa para regressar ao país de origem	___	___	___
4. Poupa para conseguir “chamar” a família	___	___	___
5. Gasta em férias/convívios	___	___	___
6. Outra situação. _____			

19. Salário médio mensal actualmente?

Próprio		Cônjuge/companheiro(a) (apenas se residir em Portugal)	
1. Menos de 500 €	___	1. Menos de 500 €	___
2. Entre 500 € e 749 €	___	2. Entre 500 € e 749 €	___
3. Entre 750 € e 999 €	___	3. Entre 750 € e 999 €	___
4. Entre 1000 € e 1249 €	___	4. Entre 1000 € e 1249 €	___
5. Entre 1250 € e 1499 €	___	5. Entre 1250 € e 1499 €	___
6. Mais de 1500€	___	6. Mais de 1500€	___
7. Não sabe/Não responde	___	7. Não sabe/Não responde	___

II – SITUAÇÃO FAMILIAR E PERSPECTIVAS SOBRE A CONJUGALIDADE

20. Com quem vive?

1. Só | ___ |
2. Apenas com o cônjuge/companheiro(a) | ___ |
3. Com o cônjuge e filhos | ___ |
4. Com o cônjuge, filhos e outros familiares | ___ |
5. Com o cônjuge, familiares e outros não familiares | ___ |
6. Apenas com amigos/colegas | ___ |
7. Com os pais | ___ |
8. Só com os filhos | ___ |
9. Outra situação Qual? _____

21. Como é que foi/pensa vir a ser o seu percurso conjugal?

- 1. Viver em união de facto |__|
- 2. Coabitação inicial seguida de casamento civil |__|
- 3. Coabitação inicial seguida de casamento religioso |__|
- 4. Casamento civil |__|
- 5. Casamento religioso |__|
- 6. Não sabe/Não responde |__|
- 7. Outra situação. Qual? _____

22. Em sua opinião, qual dos seguintes percursos conjugais gostaria que seguissem os seguintes membros da sua família?

	Filhos	Irmãos	Outros familiares
1. Viver em união de facto	__	__	__
2. Coabitação inicial seguida de casamento civil	__	__	__
3. Coabitação inicial seguida de casamento religioso	__	__	__
4. Casamento civil	__	__	__
5. Casamento religioso	__	__	__
6. Não sabe/Não Responde	__	__	__

23. Para a felicidade de uma união/casamento, qual julga ser a importância destas questões.

	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Nada Importante	NS/NR
1. Fidelidade	__	__	__	__	__
2. Bom rendimento	__	__	__	__	__
3. Partilhar projectos profissionais	__	__	__	__	__
4. Partilhar as tarefas domésticas	__	__	__	__	__
5. Diálogo e compreensão	__	__	__	__	__
6. Viverem em casa própria	__	__	__	__	__
7. Trabalharem os dois	__	__	__	__	__
8. Ter a mesma origem nacional	__	__	__	__	__
9. O mesmo nível cultural	__	__	__	__	__
10. A mesma origem cultural	__	__	__	__	__
11. Uma vida sexual gratificante	__	__	__	__	__
12. Ter filhos	__	__	__	__	__

24. Como se sentiria se um(a) filho(a) e se um irmão(ã) casasse ou namorasse com um:

FILHO(A)

	Muito feliz	Feliz	Indiferente	Infeliz	Muito infeliz	NS/NR
1. Cabo-verdiano	__	__	__	__	__	__
2. Brasileiro	__	__	__	__	__	__
3. Ucraniano	__	__	__	__	__	__
4. Português	__	__	__	__	__	__

IRMÃO(Ã)

	Muito feliz	Feliz	Indiferente	Infeliz	Muito infeliz	NS/NR
1. Cabo-verdiano	__	__	__	__	__	__
2. Brasileiro	__	__	__	__	__	__
3. Ucraniano	__	__	__	__	__	__
4. Português	__	__	__	__	__	__

25. Assinale qual das seguintes afirmações corresponde de mais perto à sua opinião pessoal:

(CI: Concordo inteiramente; CP: Concordo parcialmente; DP: Discordo parcialmente; DI: Discordo inteiramente)

	CI	CP	DP	DI	NS/NR
1. Na minha comunidade os valores culturais são muito importantes	__	__	__	__	__
2. Daqui a duas ou três gerações os nossos descendentes não se distinguem dos portugueses em geral	__	__	__	__	__
3. Casar fora da comunidade foi-nos prejudicial	__	__	__	__	__
4. Os portugueses que façam a sua vida que nós fazemos a nossa	__	__	__	__	__
5. Casei/casarei com uma pessoa da minha raça/religião para não desgostar os meus familiares	__	__	__	__	__
6. É mais importante dar-me com os portugueses do que manter os costumes do meu povo	__	__	__	__	__
7. Quero é ser feliz, não me interessa saber de raças, de religiões ou de comunidades	__	__	__	__	__

	CI	CP	DP	DI	NS/NR
8. Posso namorar com um português(a) ou de outra comunidade, mas para casar tem que ser alguém da minha religião/comunidade/raça	__	__	__	__	__
9. O que interessa é casar por amor, sem ligar a raças e religiões	__	__	__	__	__

III – PERCURSO MIGRATÓRIO

26. Forma de imigração utilizada para chegar aos Açores?

- | | |
|---|----|
| 1. Sozinho, utilizando meios próprios ou familiares | __ |
| 2. Em grupo, utilizando meios próprios ou familiares | __ |
| 3. Com a família, utilizando meios próprios ou familiares | __ |
| 4. Sozinho, com o auxílio de terceiros | __ |
| 5. Em grupo, com o auxílio de terceiros | __ |
| 6. Outras situações (especificar) _____ | |
| 7. Não sabe/Não responde | __ |

27. Motivo por que deixou o país de origem (indicar o principal)?

- | | |
|--|----|
| 1. Motivos económicos/políticos | __ |
| 2. Acompanhar os pais | __ |
| 3. Acompanhar o cônjuge/companheiro(a) | __ |
| 4. Reagrupamento familiar | __ |
| 5. Estudar | __ |
| 6. Outro motivo. Qual? _____ | |
| 7. Não sabe/Não responde | __ |

28. Motivos por que veio para os Açores (indicar três, por ordem decrescente utilizando a indicação numérica de 1, 2 e 3)?

- | | |
|---|----|
| 1. Tem melhores condições de vida | __ |
| 2. Acompanhar os familiares (não inclui o cônjuge/companheiro(a)) | __ |
| 3. Acompanhar o cônjuge/companheiro(a) | __ |
| 4. Porque os açorianos são mais acolhedores | __ |
| 5. Estudar | __ |
| 6. Porque tinha amigos nos Açores | __ |
| 7. Novas oportunidades de emprego | __ |

8. Outro motivo (especificar) _____

9. Não sabe/Não responde |__|

IV – PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

29. O que sente em relação ao acolhimento dos açorianos perante os imigrantes?

1. Ótimo |__|
2. Bom |__|
3. Razoável |__|
4. Mau |__|
5. Péssimo |__|
7. Não sabe/Não responde |__|

30. Onde pensa que a discriminação em relação aos imigrantes mais ocorre?

1. Na rua |__|
2. No local de residência |__|
3. No local de trabalho |__|
4. Nos locais de entretenimento |__|
5. Um pouco por todo o lado |__|
7. Não sabe/Não responde |__|

31. Já foi vítima de discriminação racial?

1. Sim |__| Em que circunstâncias? _____
2. Não |__| _____
3. Não sabe/Não responde |__|

32. O seu grupo de amigos é composto, na sua maioria por:

1. Portugueses |__|
2. Imigrantes da mesma nacionalidade |__|
3. Imigrantes de nacionalidades diferentes |__|
4. Portugueses e imigrantes da mesma nacionalidade |__|
5. Portugueses e imigrantes de nacionalidades diferentes |__|
6. Não sabe/Não responde |__|

33. Dificuldades sentidas nos Açores (escolher no máximo três para cada momento, por ordem decrescente)?

(Assinalar, por ordem decrescente, utilizando a indicação numérica de 1, 2 e 3)

		À chegada	Primeiros 6 meses	Presente
1.	Clima	__	__	__
2.	Saúde	__	__	__
3.	Língua	__	__	__
4.	Frequência escolar	__	__	__
5.	Regularização/Legalização	__	__	__
6.	Integração no mercado de trabalho	__	__	__
7.	Habitação	__	__	__
8.	Transportes públicos	__	__	__
9.	Discriminação/Racismo	__	__	__
10.	Nenhuma	__	__	__
11.	Outra	__	__	__
12.	Não sabe/Não responde	__	__	__

34. Em que ocasiões e com que frequência costuma participar em actividades da comunidade do seu país de origem, realizados nos Açores?

		Semanalmente ou Mensalmente	Ocasionalmente	Nunca	NS/NR
1.	Encontros culturais/recreativos	__	__	__	__
2.	Encontros desportivos	__	__	__	__
3.	Encontros religiosos	__	__	__	__
4.	Trabalho voluntário	__	__	__	__
5.	Outras ocasiões	__	__	__	__

35. Na sua opinião, como é que, em geral, os açorianos tratam os imigrantes (assinalar para cada nacionalidade):

Brasileiros

1.	Mostram respeito	__
2.	Mostram simpatia mas não se misturam	__
3.	São indiferentes	__
4.	São racistas	__
5.	Não sabe/Não responde	__

Cabo-verdianos

1. Mostram respeito |__|
2. Mostram simpatia mas não se misturam |__|
3. São indiferentes |__|
4. São racistas |__|
5. Não sabe/Não responde |__|

Ucranianos

1. Mostram respeito |__|
2. Mostram simpatia mas não se misturam |__|
3. São indiferentes |__|
4. São racistas |__|
5. Não sabe/Não responde |__|

36. Gostaria de ficar nos Açores

1. Sim |__|
2. Não |__|
3. NS/NR |__|

37. Em relação à cultura açoriana, em particular, considera que:

1. Conserva a sua cultura de origem mas adapta-se à cultura açoriana |__|
2. Esqueceu a sua cultura e adoptou a cultura açoriana |__|
3. Mantêm a sua cultura e evita o contacto com a cultura açoriana |__|
4. Não sabe/Não responde |__|

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!